

# MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI



CADERNOS DE CULTURA N.º XVII = NOVEMBRO 2003

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR  
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI



**CADERNOS DE CULTURA**  
PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

**Director:**

António Lourenço Marques

**Editor:**

António Salvado

---

**N.º 17 - Novembro de 2003**

---

**Secretariado:**

Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E  
6000-140 Castelo Branco – Portugal  
Telef. 272 342042  
almargon@sapo.pt

**Capa:**

Frontispício do livro Cirurgia de Rogério, da Escola de Salerno (Séculos XII e XIII). Esta escola médica distinguiu-se pelo “carácter universal e sincrético da medicina que ali se desejava fazer e ensinar”.

**Composição, Impressão e Acabamento:**

**SEMEDO - Soc. Tipográfica, Lda.**  
Apartado 18 | 6000-909 Castelo Branco  
Telef. 272 324 243 | Fax 272 325400  
e-mail: semedo.lda@netvisao.pt  
www.semedo.pt

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da inteira responsabilidade dos respectivos autores e não devem ultrapassar 2.500 palavras, incluindo a bibliografia e os anexos.

A Medicina e os Saberes.....	3
Escritos maiores e menores sobre Amato Lusitano João Rui Pita - Ana Leonor Pereira .....	6
Religião, medicação e informação/desinformação na época de Amato Lusitano Alfredo Rasteiro .....	18
De Amato Lusitano a Mircea Eliade - os elos de religião Maria Adelaide Neto Salvado .....	23
Considerações sobre o Morbo Gálico nas Centúrias de Amato Lusitano José Morgado Pereira .....	31
Tradição judaica e razões médicas - a circuncisão Maria Antonieta Garcia .....	36
Assistência aos Moribundos no início de séc. XIX à luz de um texto Religioso da época António Lourenço Marques .....	41
Um Apontamento sobre o Corpo e o Sagrado a propósito de um conto de Miguel Torga Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata .....	48
Os números na Tradição e na Cultura Mediterrânica António Maria Romeiro Carvalho .....	51
Arquivos da Memória - Religiosidade nas aldeias, festas e romarias Ribeiro Farinha .....	55
Câmara Pestana e Carlos França - grandes Nomes da História da Medicina Portuguesa Fanny Andrée Font Xavier da Cunha .....	60
António Perez, Português e Cirurgião-Mor da Armada Invencível Romero Bandeira .....	66
Evocação / memória de alguns médicos notáveis da Beira Interior - Concelho do Fundão Joaquim Candeias Silva .....	71
A vida de Pedro Nunes no simbolismo da sua escrita João Nabais .....	78
Diabo: a construção de uma nomeação António Maria Romeiro Carvalho .....	82
Todo un ejemplo de relaciones transfronterizas... José Miguel Santolaya Silva .....	87

## A Medicina e os Saberes

---

A insistência na ideia do pluralismo do saber, no que se refere à medicina, não pode, de todo, considerar-se inocente ou desprovida de sentido. Pensamos que muita gente, hoje, incluindo médicos, partilha de um mesmo juízo sobre a medicina actual que a considera insuficiente para dar solução cabal a todos os problemas que se colocam à saúde do homem moderno. Particularmente, há muitos problemas sanitários, como os relacionados com o aumento das doenças degenerativas, com as doenças malignas e ainda com as doenças psicossomáticas, que escapam às respostas tradicionalmente previstas pela ciência médica. Quer dizer, após uma época de grande confiança na competência da medicina científica tradicional, para satisfazer todas as necessidades sanitárias reais, emerge uma nova fase de alguma instabilidade quanto ao modelo aceite para o avanço desta ciência. Como se sabe, foi Kuhn quem melhor soube dar uma explicação para este fenómeno, através da sua teoria dos paradigmas.

Não há dúvida que o paradigma médico em vigor, baseado no modelo mecânico e na causalidade, perante a realidade, e tendo em conta a verdadeira construção multidimensional do homem (biológico, psicológico, social e espiritual), esbarra com dificuldades insuperáveis dentro dessas referências teóricas convencionais, quando aplicadas de forma exclusiva. São particularmente críticas as zonas em que os factores sociais e ambientais se relacionam com as doenças. Há aqui interfaces - medicina, sociedade, ambiente - que precisam de ser exploradas, exigindo-se abordagens não necessariamente inscritas no mesmo paradigma científico.

Quando, na década de setenta do século anterior, se desvalorizou o ensino da filosofia e da história da medicina, em muitas escolas de formação médica, incluindo as portuguesas, onde em alguns casos estas disciplinas foram simplesmente encerradas, isso acontecia porque se acreditava no triunfo definitivo da própria medicina tal como era. Hoje, renasce o interesse por esses conhecimentos, de algum modo abandonados, como bem prova o aparecimento de uma nova disciplina de grande importância para a formação dos médicos, a ética médica ou bioética, implantada nos planos de estudos mais modernos. Esta abertura, este enfoque em conhecimentos oriundos de ciências afins à medicina, mas que são decisivos na elaboração do pensamento médico actual, assinala o verdadeiro futuro da medicina. Com propriedade, tais saberes se reúnem numa área do conhecimento identificada, em algumas escolas, por arte da medicina.

E, neste sentido, talvez a medicina seja a ciência que, verdadeiramente, mais depende do contributo da multiplicidade dos saberes. Donde a nossa proposta de se continuar a apreciar e a estudar a obra de Amato Lusitano, onde inúmeros conhecimentos da época e de diversa natureza se destacam, bem como de se olhar para a história da medicina da Beira Interior como um repositório, necessariamente variado, de sabedoria.

## XIV Jornadas de Estudo

### “MEDICINA NA BEIRA INTERIOR DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉC. XXI”

BIBLIOTECA DA ESCOLA SECUNDÁRIA NUNO ÁLVARES  
CASTELO BRANCO

8 e 9 de Novembro de 2002



Mesa de abertura das XIV Jornadas com as presenças do Dr. António Salvado, da organização do acontecimento, da Dra. Margarida Baptista, presidente do conselho directivo da Escola Secundária Nuno Álvares, do Eng.º Jorge Neves, vice-presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco, do Dr. Lourenço Marques, também da organização, e do Prof. Ferraz de Oliveira.

#### Dia 8 - 18.30 h

##### Sessão de Abertura:

###### *Conferência inaugural:*

“Evolução do Homem e a Arte de Curar” - Prof. Doutor Luís Nuno Ferraz de Oliveira, Universidade Nova de Lisboa.

###### *Inauguração das exposições:*

1. “A biblioteca do Dr. J. A. Morão”, 2. “O Colégio de S. Fiel e a Ciência”. 3. “14 anos de Jornadas de História da Medicina”.

Apresentação do N.º 16 dos Cadernos de Cultura “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XXI”.

#### Dia 11 - 9.30 h

Início dos trabalhos com a apresentação das seguintes comunicações:

I

“Religião, medicação e informação/desinformação na época de Amato Lusitano” - Prof. Doutor Alfredo Rasteiro, Universidade de Coimbra.

“De Amato Lusitano a Mircea Eliade - os elos de religião” - Dra. Maria Adelaide Salvado, Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

“O morbo gálico na obra de Amato Lusitano” - Dr. José Morgado Pereira, Centro de estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

“Escritos maiores e menores sobre Amato Lusitano”  
- Prof. Doutor J. Rui Pita e Prof<sup>a</sup>. Doutora Ana Leonor Pereira, Universidade de Coimbra.

“Bibliografia de Amato Lusitano no Tratado de História da Medicina de Kurt Sprengel (Ed. Paris - 1815)” - Prof. Doutor Romero Bandeira e Col., Instituto Abel Salazar.

## II

“Tradição Religiosa e Razões Médicas - A Circuncisão” - Doutora Antonieta Garcia, Universidade da Beira Interior.

“A assistência aos moribundos no início do século XIX à luz de um texto religioso português da época” - Dr. António Lourenço Marques, Universidade da Beira Interior.

“Os números na cultura e religião popular” - Dr. António Maria Romeiro Carvalho, Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica da UNL.

“Um apontamento sobre o corpo e o sagrado - a propósito de um conto de Miguel Torga” - Doutora Maria de Lurdes Costa Barata, Escola Superior de Educação

de Castelo Branco.

“Arquivos da memória: a religiosidade nas aldeias - as festas e as romarias”  
- Pintor Ribeiro Farinha.

## III

“Câmara Pestana e Carlos França: dois grandes nomes da História da Medicina Portuguesa” - Dra. Fanny André Font Xavier da Cunha, Sociedade de Estudos do Séc. XVIII.

“A Farmacopeia numa Farmácia do Fundão no Primeiro Quartel do Século XX” - Dr. Albano Mendes de Matos.

“Evocação de alguns médicos notáveis da Beira Interior (concelho do Fundão) - o Dr. Alfredo Mendes Gil” - Doutor Candeias da Silva.

“Pedro Nunes - a paixão pelos números e a essência do seu perfume” - Dr. João Nabais.

“Salamanca 2002 e a Beira” - D. José Santolaya Silva.

ESCRITOS MAIORES E MENORES SOBRE AMATO LUSITANO<sup>1</sup>

João Rui Pita\*  
Ana Leonor Pereira\*

Amato Lusitano é uma das figuras mais relevantes da história da medicina portuguesa e da história universal das ciências da saúde. As marcas da sua acção clínica e científica figuram em conceituados manuais de história da medicina e de história da farmácia. A sua obra tem sido estudada por diversos investigadores dentro e fora do país. As *Jornadas de Estudo Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI*, realizadas em Castelo Branco, são uma prova excelsa de que a obra de Amato tem merecido e continua a exigir um estudo regular, envolvendo equipas multidisciplinares integrantes de historiadores, antropólogos, linguistas, médicos, geógrafos, etc.

A história da medicina portuguesa até meados do século XX não apresenta muitos vultos com projecção internacional, quer na dimensão clínica, quer na vertente científica. Raramente se encontra referência a outros nomes portugueses além de Amato Lusitano, de Garcia da Orta, de Ribeiro Sanches, de Bernardino António Gomes e de Egas Moniz, sendo muito curioso que praticamente todos tiveram profundas relações com a Beira Interior.

Pedro Laín Entralgo expõe na sua obra que nos séculos XVI e XVII, vários médicos na Europa cultivaram uma nova vertente da literatura médica. Justamente uma vertente descritiva, clínica, protagonizada por grandes mestres com o objectivo de “transmitir aos outros o seu saber próprio”<sup>2</sup>. Laín salienta que entre os séculos XVI e XVII vários desses autores “cultivaram com brilhantismo esse novo género de literatura médica”<sup>3</sup>. Entre eles, o consagrado historiador espanhol cita o nome de Amato Lusitano<sup>4</sup>, sublinhando que todos os autores quinhentistas desse novo estilo de literatura médica tinham como denominador comum uma maior individualização, um tratamento biográfico na descrição das doenças e, para além disso, uma “intenção estética cognoscitiva”<sup>5</sup>. Conforme se lê textualmente, “mais do que a prescrição de um saber fazer”<sup>6</sup>, a observação do doente sensibilizar para um “saber ver”<sup>7</sup> e um “saber entender”<sup>8</sup>.

Muitos outros historiadores da medicina e da farmácia invocam ou referem a figura de Amato Lusitano, a sua vida e a sua obra. Tanto em tratados como em artigos científicos. É o caso, por exemplo, de M. Salomon<sup>9</sup>, Pietro Caparoni<sup>10</sup>, H. Friedenwald<sup>11</sup>, Glessinger<sup>12</sup>, Aldo Mieli<sup>13</sup>, Samoggia<sup>14</sup>, Francisco Guerra<sup>15</sup>, de Lopez Terrada, Salavert Fabiani<sup>16</sup>, Papaspyros<sup>17</sup>, Meunier<sup>18</sup>, Leibowitz<sup>19</sup>, Hrvoje Tartalja<sup>20</sup>, etc..

Vários dicionários contemplam a figura e a obra de Amato Lusitano. É o caso do famoso Dicionário Biográfico de Cientistas, *Dictionary of Scientific Biography*<sup>21</sup>. Também em dicionários de judaísmo como a *Encyclopedia Judaica*<sup>22</sup>, o nome de Amato Lusitano é tratado. Numa obra recente, José Maria Lopez Piñero reporta-se a Amato Lusitano, valoriza a sua obra e atribui-lhe um lugar de relevo na medicina renascentista no que concerne à anatomia patológica<sup>23</sup>.

Por ocasião do quarto centenário do nascimento de Amato (1568-1968), multiplicaram-se os eventos comemorativos, dentro e fora de Portugal. Vejamos alguns exemplos: na *Academia das Ciências de Lisboa*, a 25 de Abril de 1968, Maximino Correia e Miller Guerra recordaram Amato Lusitano; o primeiro teceu considerações biográficas e o segundo abordou a sua obra. Na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Luís de Pina e Maria Olívia Rúber de Meneses, em 30 de Maio de 1968, evocaram nomes portugueses que estudaram a obra de Amato Lusitano. Em Siena, Itália, o XXI Congresso Internacional de História da Medicina, incorporou um simpósio subordinado ao tema “Amato Lusitano”. O Simpósio congregou vários especialistas e interessados em Amato de diversos países europeus e de Israel. Em Castelo Branco o Liceu e a escola Comercial e Industrial organizaram sessões públicas de homenagem a Amato. Destas comemorações resultou a publicação de obras marcantes no panorama historiográfico português e internacional. Saliente-se neste particular que, na obra *IV Centenário de João Rodrigues de*

*Castelo Branco - Amato Lusitano*, obra prefaciada e compilada por José Lopes Dias em 1968, “coligem-se em tomo independente os estudos de História da Medicina dos investigadores que dentro e fora do País participaram nas comemorações quadricentenárias da morte de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano”<sup>24</sup>.

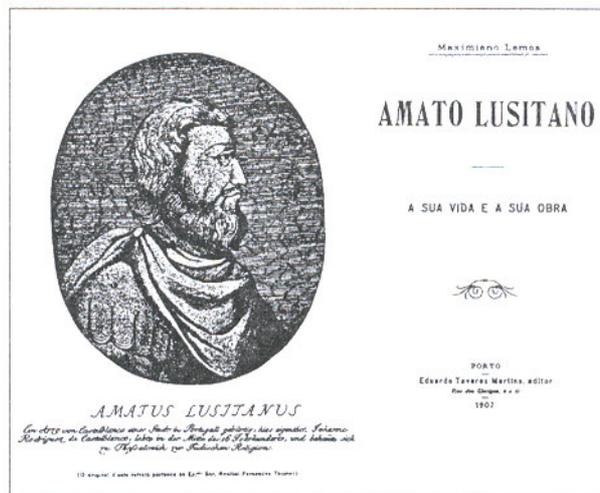
De acordo com a nossa investigação em curso<sup>25</sup>, destacam-se três autores de escritos maiores sobre Amato Lusitano. São eles Maximiano Lemos, Ricardo Jorge e José Lopes Dias. Quanto às publicações periódicas que frequentemente abordam a obra de Amato destacam-se os *Estudos de Castelo Branco* e os actuais *Cadernos de Cultura. Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XXI*. Ambas as publicações, pelo conjunto e diversidade de artigos que reúnem constituem um valioso marco para a história de Amato Lusitano.

### A biografia de Amato Lusitano feita por Maximiano Lemos

Em 1907 Maximiano Lemos publicou a obra *Amato Lusitano* que tem como sub-título *A sua vida e a sua obra*<sup>26</sup>. Trata-se de um grosso volume, cerca de 200 páginas, dividido em 12 capítulos e que na época recebeu o reconhecimento escrito, nomeadamente de Eduardo de Sousa no *Diário da Tarde*, de Sousa Viterbo em *A Medicina Contemporânea* e de Ricardo Jorge nos *Arquivos da Medicina Portuguesa*.

Maximiano Lemos traçou uma biografia cronológica de Amato no contexto familiar e no quadro da condição dos judeus em Portugal. O leitor acompanha a formação de Amato Lusitano em Salamanca, o exercício clínico de Amato em Portugal, a sua saída do país e o seu percurso pela Europa: Antuérpia, Ferrara, Veneza, Ancona, Roma, Florença, Pesaro, Salónica, etc. A obra apresenta ainda uma inventariação dos trabalhos de Amato Lusitano. Por tudo isto e ainda pela riqueza dos contextos culturais, religiosos, científicos e outros, este é, sem dúvida, um escrito maior sobre Amato Lusitano. Obviamente é um trabalho com a marca do tempo em que foi escrito e por isso mais importante ainda no domínio da história da medicina em Portugal que é precisamente o registo em que nos colocamos.

Maximiano Lemos publicou outros trabalhos de menor extensão sobre Amato Lusitano. Alguns em data anterior à publicação da biografia referida, outros em data posterior. O seu instinto de historiador dava-lhe a plena consciência de que as pesquisas não acabam com a obra feita. Elas continuam, trazem novidades e perturbam a história já contada e escrita. Assim, Maximiano Lemos confessa no artigo *Amato Lusitano - Correções e aditamentos*<sup>27</sup> publicado em 1927 mas definitivamente redigido em 1922: “Muito há que ampliar, corrigir e modificar no que escrevemos há quinze anos acerca dos anos que Amato passou

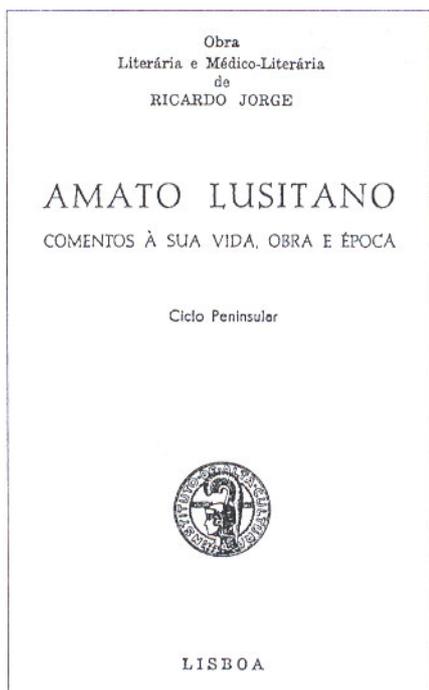


em Antuérpia”<sup>28</sup>. Entre outros textos de Maximiano Lemos sobre Amato assinalem-se: *Amato Lusitano e as valvas das veias* (1900)<sup>29</sup>, *Medicos portugueses no estrangeiro. Século XVI* (1900)<sup>30</sup>, *Amato Lusitano em Ferrara* (1906)<sup>31</sup> e *Amato Lusitano (novas investigações)* (1915 e 1927)<sup>32</sup>. Posteriormente, a título póstumo (1955), foi recuperado o último capítulo da sua biografia de Amato para inclusão no volume intitulado *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)* publicado em 1955<sup>33</sup>. Hoje, quase cem anos volvidos, a biografia de Amato publicada em 1907 afirma-se como um documento fundamental para a história em todos os seus ramos, desde a história dos judeus à história da ciência, sendo igualmente um escrito maior para a história da história. Desde logo, a história da história de Amato.

### O Amato Lusitano de Ricardo Jorge

Ricardo Jorge é, também, um dos principais biógrafos de Amato Lusitano. Retrata-o muito justamente como “um caminheiro dominado pela paixão da ciência”<sup>34</sup>. Com o seu estilo inigualável, Ricardo Jorge converteu Amato num modelo para muitos cientistas e médicos, nomeadamente para o único Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia português que foi Egas Moniz<sup>35</sup>.

Em 1914, Ricardo Jorge publica nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* uma biografia de Amato intitulada *Comentarios à vida, obra e época de Amato Lusitano*<sup>36</sup>, que vinha preparando desde 1907. Motivado pela biografia de Amato escrita por Maximiano, acabou por traçar um novo Amato Lusitano: “Ao tempo (maio de 1907) que lia o seu saudoso e saudável livro, estava em Belas a tonizar a arca numa pausa rara de paz relativa de corpo e espírito. Ali escrevi a maior parte desta carta, docemente emocionado (...) Trazia precisamente entre as mãos as *Centurias* do Amato, por causa dum trabalho encomendado pelo ilustre malariologista Celli, no qual estava sumariando a contribuição



dos epidemiologistas portugueses ao estudo do sezonismo; e à frente vinha o Amato, exactamente pelos dados referentes à endemia italiana. Arrastado e guiado pelo seu livro a que queria prestar homenagem, engolfei-me de pena na mão na lição atenta e rebuscadora da obra e do tempo de Amato. O que era a princípio um simples ensaio de apresentação crítica e levemente comentativa, foi-se adensando e dilatando<sup>37</sup>. Os textos publicados por Ricardo Jorge nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* correspondem essencialmente à vida de Amato em Portugal e em Espanha, digamos ao primeiro período da vida de João Rodrigues de Castelo Branco. Em *A Medicina Contemporânea* Ricardo Jorge publicou em 1908 *Comentarios á vida, obra e epocha de Amato Lusitano*<sup>38</sup> e uns *Commentarios á vida, obra e epocha de Amato Lusitano*<sup>39</sup>, ambos tinham como sub-título - d'um livro a publicar.

Ricardo Jorge escrevia a propósito da publicação de um novo artigo intitulado *Comentarios à vida, obra e época de Amato Lusitano*<sup>40</sup>: “Maus fados de berço perseguiram o aparecimento deste trabalho, a testemunharem a adversão da publicidade que o meio reserva para certas obras e certos homens como que a condenar-lhes a pena à inércia e ao silêncio. Começado em Maio de 1907, foi tal a azáfama febril com que o acometi que, dentro de dois meses, tinha levado a carreira de Amato até à sua partida de Portugal. Continuado no ano seguinte, ficava o texto integralmente prontificado em meados de 1909”<sup>41</sup>. A publicação nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* surgiu a convite de Maximiano Lemos. Aparentava-se uma edição total dos textos na Imprensa da Universidade de Coimbra, a convite do seu Direc-

tor, Joaquim de Carvalho, em volume único, em 1933, quando esta instituição foi encerrada. Em 1936 publicou o referido artigo *Comentarios à vida, obra e época de Amato Lusitano*<sup>42</sup>, que o próprio autor considera como “a 2ª parte da obra que abrange o ciclo peninsular da vida e acção científica do Amato”<sup>43</sup>. Não fora a intervenção directa do responsável da revista Dr. Armando Narciso e o artigo sobre a vida de Amato em Lisboa teria ficado apenas em manuscrito<sup>44</sup>. Em 1955, no volume intitulado *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, editado pela Câmara Municipal de Castelo Branco, retoma-se, em capítulo autónomo, parte da escrita de Ricardo Jorge sobre Amato publicada nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* (1914)<sup>45</sup>.

A biografia de Amato feita por Ricardo Jorge só postumamente foi editada: *Amato Lusitano. Comentarios à sua vida, obra e época*<sup>46</sup>, numa edição integrada na colecção comemorativa do centenário de Ricardo Jorge e intitulada “Obra Literária e Médico-Literária de Ricardo Jorge”. Esta obra compila os artigos dispersos sobre Amato e inclui um capítulo mantido inédito até 1963, intitulado *As conquistas e as drogas das Índias*. Ricardo Jorge não terá tido tempo para redigir uma biobibliografia de Amato como parece ter sido sua ideia<sup>47</sup>.

As 200 páginas que Ricardo Jorge consagra a Amato<sup>48</sup> incidem sobre a vida do médico de Castelo Branco até à sua saída para o estrangeiro, para terras de Antuérpia, Ferrara, Veneza, Roma, Salónica, etc. Para além duma nota editorial onde se referem as razões da publicação, a obra abre com um prefácio intitulado “Carta ao prof. Maximiano de Lemos”, documento já publicado nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* (vol. 5, 1914, p. 1) e onde Ricardo Jorge ao dirigir-se a Maximiano Lemos justifica o seu interesse por Amato e a profunda motivação que recebeu com a leitura da biografia de Amato feita por Maximiano Lemos<sup>49</sup>. Na obra de Ricardo Jorge, Amato Lusitano também é integrado no contexto científico e cultural da época. Ambos compreenderam que biografar Amato implicava fazer uma viagem pelo Renascimento português e pela cultura e medicina do século XVI. São extremamente elucidativas as palavras de Américo da Costa Ramalho no artigo intitulado *A propósito do Amato Lusitano de Ricardo Jorge*<sup>50</sup> onde, para além de pequenas notas relacionadas com algumas imprecisões que deveriam ser entendidas “não como crítica, mas como homenagem à memória venerada de Ricardo Jorge”<sup>51</sup>. refere: “... apesar de constituído por elementos díspares e tão afastados no tempo, o livro apresenta uma certa unidade e, o que é mais, a sua leitura depressa se torna um agradável prazer intelectual. Contribui para isso, não apenas a elegância da prosa de Ricardo Jorge, mas ainda o tom de amena narrativa, sempre reavivada por agudas observações da vida e

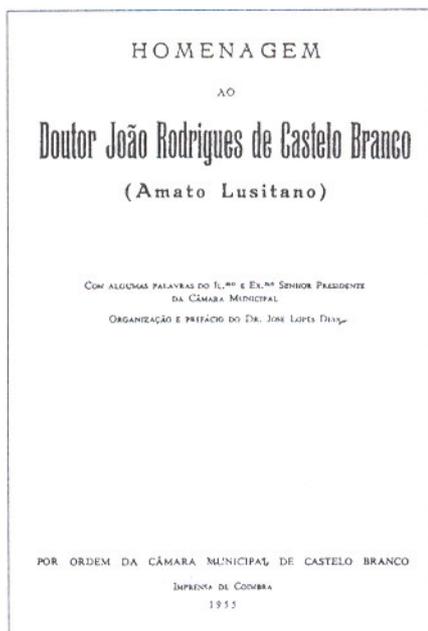
dos homens. E não lhe falta a nota cáustica de quem escreve para informar, e também para corrigir, no passado e no presente, os vezos dos seus compatriotas<sup>52</sup>. Em 1963, no periódico *Imprensa Médica* publica-se um texto póstumo de Ricardo Jorge: um artigo intitulado *Amato Lusitano*<sup>53</sup> e que é, afinal, a introdução da obra do higienista publicada em 1963.

### José Lopes Dias - outro biógrafo de Amato

É extensa e valiosa a bibliografia sobre Amato Lusitano produzida por José Lopes Dias, compreendendo vários artigos dispersos em publicações periódicas e algumas monografias. Refiram-se, por exemplo, os textos biográficos sobre Amato publicados no *Jornal do Médico* (1943)<sup>54</sup>, na *Revista Portuguesa de Medicina* (1956)<sup>55</sup>, na *Imprensa Médica* (1961)<sup>56</sup>, em *O Médico* (1965;1969)<sup>57</sup>, no *Colóquio* (1969)<sup>58</sup> em *Estudos de Castelo Branco* (1970;1971)<sup>59</sup>.

Outros estudos versando sobre questões anatómicas, clínicas e terapêuticas na obra de Amato foram publicados por José Lopes Dias. Por exemplo: o problema das válvulas das veias<sup>60</sup>; questões gerais de terapêutica (*Imprensa Médica*, 1945)<sup>61</sup>; a sífilis (*Arquivos do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental*, 1944-45)<sup>62</sup>; casos clínicos (*Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 1969; *Semana Médica*, 1969)<sup>63</sup>.

José Lopes Dias também se dedicou aos estudos sobre Amato Lusitano, dando, assim, um contributo para a história da história de Amato Lusitano.



Assinalem-se, por exemplo, os trabalhos: *Ensaio do Dr. J. O. Leibowitz sobre Amato Lusitano* (*Imprensa Médica*, 1952)<sup>64</sup>; *João Rodrigues de Castelo Branco e*

*a crítica histórica* (1955)<sup>65</sup>; a polémica mantida com Abílio Mendes a propósito de Amato, publicada em *O Médico e Estudos de Castelo Branco*<sup>66</sup>. Refira-se também o seu trabalho sobre o texto do humanista Ambrósio Nicandro publicado em *Estudos de Castelo Branco* (1968)<sup>67</sup>.

José Lopes Dias legou-nos outros estudos fundamentais: *O Renascimento em Amato Lusitano e Garcia d'Orta* (*Estudos de Castelo Branco*, 1964)<sup>68</sup>; *os Comentários ao "Index Dioscoridis"*<sup>69</sup>; *O clima de Lisboa, de Castelo Branco e da Guarda, segundo os comentários de Amato Lusitano* (1968)<sup>70</sup> e outros textos<sup>71</sup>.

A iconografia amatiana também foi objecto de estudo de José Lopes Dias que publicou sobre esta matéria<sup>72</sup>, para além de vários textos alusivos às comemorações do IV Centenário de Amato<sup>73</sup>. Ficaria incompleta esta abordagem sumária da bibliografia de José Lopes Dias sobre Amato se não referissemos os textos de prefácio à publicação das *Centúrias* de Amato, publicados em colaboração com Firmino Crespo<sup>74</sup>.

No conjunto da obra de José Lopes Dias sobressai o grosso volume de textos dispersos, publicado em 1971 como número autónomo da revista *Estudos de Castelo Branco*, intitulado *Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos*<sup>75</sup> e, ainda, *Amato Lusitano. Doutor João Rodrigues de Castelo Branco. Ensaio biobibliográfico* publicado em 1941<sup>76</sup>, trabalho que aborda as relações iniciais de Amato com Portugal, acompanha o percurso de Amato de Portugal para Espanha e depois a saída de Portugal para Antuérpia, Ferrara, Ancona, Roma, Ragusa e Salónica, incide sobre a actividade científica de Amato e ainda se dedica ao tema "Historiadores, críticos, amigos e tradutores. Testamento profissional de Amato", um documento também importante na perspectiva da história da história.

### Outros estudos e outros estudiosos

É longa a lista de autores e de estudiosos que publicaram em Portugal sobre Amato.

Alguns fizeram um retrato biográfico de Amato como é o caso de: Maximino Correia<sup>77</sup>, Diogo Barbosa Machado<sup>78</sup>, Rodrigues de Gusmão<sup>79</sup>, Sousa Viterbo<sup>80</sup>, Abílio Mendes<sup>81</sup>, Barbosa Suevo<sup>82</sup>, Ferreira de Mira<sup>83</sup>, Xavier Morato<sup>84</sup>, A. Tavares de Sousa<sup>85</sup>, Eduardo Ricou<sup>86</sup>, José Manuel Pereira da Silva<sup>87</sup>, Garcia e Silva<sup>88</sup>, Pires de Lima<sup>89</sup>.

Rocha Brito dedicou-se ao Juramento de Amato<sup>90</sup>, publicando e ocasionando reflexões sobre a matéria<sup>91</sup>. Também teve semelhantes preocupações Miller Guerra<sup>92</sup>.

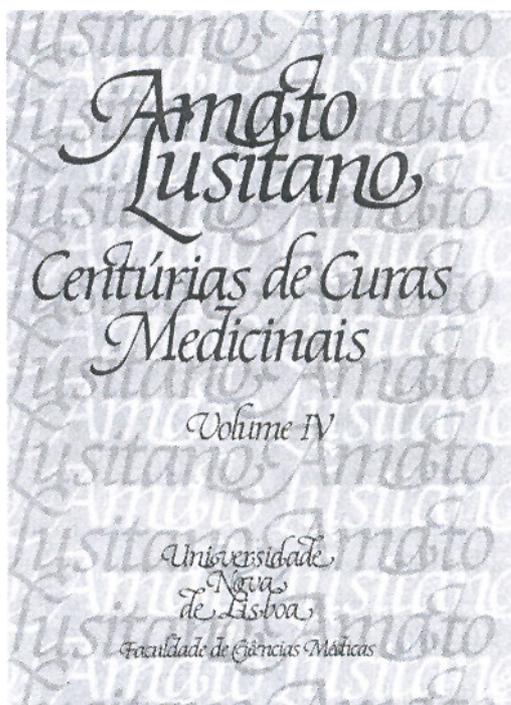
Silva Carvalho ocupou-se da relação de Amato com a urologia<sup>93</sup>. José Paiva Boléo preocupou-se com a invenção do obturador palatino<sup>94</sup>. Caria Mendes incidiu a sua atenção sobre Amato anatomista<sup>95</sup>, tal como

Quintino Rogado. Por seu turno Luís de Pina tem, entre outros, um interessante estudo sobre as ideias de Amato em questões psiquiátricas<sup>96</sup> e de colaboração com Olívia Ruber de Meneses um estudo sobre as relações da Escola Médica do Porto com os estudos biográficos de Amato<sup>97</sup>. Miller Guerra interessou-se pela obra científica de Amato Lusitano<sup>98</sup>. Costa Sacadura estudou um caso clínico de Amato<sup>99</sup>.

Pelo seu valor historiográfico é de sublinhar com particular destaque a obra de A.J. Andrade Gouveia, *Garcia d'Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo*, monografia com perto de 100 páginas e, do mesmo autor, *Posições de Garcia d'Orta e de Amato Lusitano na ciência do seu tempo*<sup>100</sup>.

### A tradução das *Centúrias* e outros estudos

Firmino Crespo foi um tradutor das *Centúrias* de Amato. Legou-nos, também, alguns trabalhos de investigação sobre João Rodrigues<sup>101</sup> e colaborou noutros trabalhos de co-autoria com José Lopes Dias<sup>102</sup>. Relativamente à tradução das *Centúrias*, assinala-se a última edição, traduzida e prefaciada por Firmino Crespo, editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa,



obra em quatro volumes. No prefácio do primeiro volume, Firmino Crespo faz um breve historial das traduções para português das *Centúrias* de Amato, desde a proposta de José Lopes Dias, passando pela publicação das três primeiras centúrias, em 1946, 1949 e 1956, na revista do Instituto de Oncologia e no Arquivo de Patologia graças ao empenho de Francisco

Gentil e de Mark Athias; passados mais de vinte anos, em 1979, Carlos dos Santos Reis intenta publicar as restantes *Centúrias* nos Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical. Finalmente, a concretização, nos anos oitenta, em virtude do empenho de Luís Nuno Ferraz de Oliveira e da Faculdade de Ciências Médicas em patrocinar a edição completa das *Centúrias*.

Muito úteis neste horizonte são as publicações de Américo da Costa Ramalho<sup>103</sup>.

### Outros textos

Diversos artigos de reduzidas dimensões, tipo nota, abordam a figura de Amato. Compilámos textos desta natureza em publicações como *O Bacilo* (1963)<sup>104</sup> e a *Revista da Associação Portuguesa de Clínicas Privadas de Hemodiálise*(1994)<sup>105</sup>.

### Volumes monográficos e publicações periódicas

Um volume intitulado *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, editado em Castelo Branco em 1955 e prefaciado por José Lopes Dias constitui também um valioso estudo colectivo sobre Amato. Nas 250 páginas da obra encontramos trabalhos de vários autores, alguns já referidos, sendo outros estrangeiros. É igualmente de registar o grosso volume de cerca de 200 páginas, comemorativo do *IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, prefaciado por José Lopes Dias e editado em 1968<sup>106</sup>.

A revista *Estudos de Castelo Branco* cuja publicação se iniciou em 1961 constitui um espólio de enorme valor para o estudo da vida e obra de Amato Lusitano, dada a qualidade dos artigos que encerra sobre o médico albicastrense, muitos dos quais já referidos.

Incontornável é a publicação *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura* pois apresenta para o estudo da vida e obra de Amato Lusitano, contributos muito diversificados de vários autores como Romero Bandeira<sup>107</sup>, Maria de Lourdes Barata<sup>108</sup>, Firmino Crespo<sup>109</sup>, Fanny Xavier da Cunha<sup>110</sup>, A.M. Lopes Dias<sup>111</sup>, António Lourenço Marques<sup>112</sup>, Albano Mendes de Matos<sup>113</sup>, Manuel Lourenço Nunes<sup>114</sup>, José Morgado Pereira<sup>115</sup>, Alfredo Rasteiro<sup>116</sup>, Maria Adelaide Neto Salvado<sup>117</sup>, Daniel Cartucho, Gabriela Vaiadas<sup>118</sup>, João Maria Nabais<sup>119</sup> e Maria de Lurdes Cardoso<sup>120</sup>.

Autores estrangeiros estudiosos de Amato:

Vários autores estrangeiros publicaram sobre Amato Lusitano, designadamente em Portugal. Com frequência aborda-se a presença de Amato em Itália ou no extremo da Europa. É o caso de Jacob Seide<sup>121</sup>, J. Nehama (1955)<sup>122</sup>, Hirsh Rudy (1955)<sup>123</sup>, Harry Friedenwald (1955)<sup>124</sup>, Lavoslav Glesinger (*Estudos de*

Castelo Branco, 1968)<sup>125</sup>, Joshua O. Leibowitz (*Estudos de Castelo Branco*, 1961, 1968)<sup>126</sup>, Ivolino de Vasconcelos<sup>127</sup>, Marija Ana Dürriegl, Stella Fatovic Ferencic (*Acta Médica Portuguesa*, 2002)<sup>128</sup>.

### Conclusão

Pelo que fica exposto, Amato Lusitano, figura maior da história da medicina portuguesa é igualmente uma referência na história da medicina internacional.

Apesar de tantos estudos, sendo uma boa parte muito recente, Amato Lusitano aguarda um trabalho historiográfico de grande fôlego, segundo os mais recentes e autorizados métodos da história cultural da ciência e da medicina.

---

\* *Professor da Universidade de Coimbra, FFUC. Coordenador Científico e Investigador do Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, CEIS 20.*

\*\* *Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora e Coordenadora do Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, CEIS 2.*

---

### Notas

1 Artigo inserido no projecto de investigação Repertório Bibliográfico da Historiografia Sanitária Portuguesa. Problemáticas e Fontes Especializadas / SANISTÓRIA (Sécs. XVIII-XX). Fundação para a Ciência e a Tecnologia, PRAXIS/P/HAR/13.114/1998.

2 Cf. Pedro Laín Entralgo, *Historia de la medicina*, Barcelona, Salvat, 1989, p. 312.

3 Cf. Idem, *Ibidem*, p. 313.

4 Ao lado de Amato Lusitano encontram-se os nomes de Jean Fernel, Giambatista da Monte, Francesco Valleriola, Peter van Foreest, Reiner Sondermann, Schenck von Grafenberg, Félix Platter, etc.

5 Cf. Pedro Laín Entralgo, *Historia de la medicina*, ob. cit., p. 313.

6 Cf. Idem, *Ibidem*, p. 313.

7 Cf. Idem, *Ibidem*, p. 313.

8 Cf. Idem, *Ibidem*, p. 313.

9 Cf. M. Salomon, "Amatus Lusitanus in seine Zeit", *Zeitschrift für klinische medizin*, 41-42, 1901.

10 Cf. Pietro Caparoni, Amato Lusitano e la sua testimonianza della scoperta delle valvole delle vene fatta da Giambatista Canano, Congresso, 1941.

11 Cf. H. Friedenwald, "Amatus Lusitanus", *Bulletin of the Institute of History of Medicine*, Johns Hopkins University, 4, 1937, pp

12 Cf. Ladoslav Glessinger, Amatus Lusitanus, Zagreb-Belgrado, 1940.

13 Cf. Aldo Mieli, Amatus Lusitanus. Archeion, Roma, 1910.

14 Cf. L. Samoggia, Aspetti del pensiero scientifico di Amato Lusitano, *Pagine di Storia della Medicina*, Ano X, nº 3, p. 14 (1966).

15 Cf., por exemplo, Francisco Guerra, *Historia de la medicina*, vol. 1, Madrid, Ediciones Norma, S.A., 1989, p. 294 e ss.; e 305 e ss.

16 Cf. Maria Luz López Terrada; Vicente L. Salvador Fabiani, "Le médecin de la Renaissance à l'aube des Lumières", In: Louis Callabert (Dir), *Histoire du médecin*, Paris, Flammarion, 1999, p. 143 e ss.

17 Cf. N. S. Papaspyros, *The history of diabetes mellitus*, 2ª ed., Stuttgart, Georg Thieme Verlag, 1964. O autor refere que Amato teve declaradas preocupações com as causas de diabetes: excesso de comida, álcool e sexo (p. 15).

18 Cf. Meunier, *Histoire de la médecine*. Depuis seis origines jusqu'à nos jours, Paris, Librairie J.B. Baillière et Fils, 1911. Outra edição: Paris, Librairie E. le François, 1924. O autor faz uma breve sùmula da vida de Amato, referindo-se à sua competência profissional, sobretudo em Ancona e refere a publicação das Centúrias (p. 216).

19 Cf., por exemplo, J. O. Leibowitz, "A probable case of peptic ulcer described by Amatus Lusitanus", *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 27, 1953, pp. 212-216; "Amatus Lusitanus and the Obturator in Cleft Palates", *Bulletin of the History of Medicine*, 13, 1958, 492-503.

20 Cf. Hrvoje Tartalja, Les médicaments qu'Amatus Lusitanus utilisait à l'occasion de son travail à Dubrovnik. In: F.J. Puerto Sarmiento, - *Farmacia e industrializacion. Homenaje al doctor Guillermo Folch Jou*, Madrid, Sociedad Española de Historia de la Farmacia, 1985, p. 237-246.

21 Cf. A.G. Keller, "LUSITANUS, AMATUS (RODRIGUES, JOÃO)", In: Charles Gillispie Coulston (Ed.), *Dictionary of Scientific Biography*, vol. 8, New York, Charles Scribner's Sons, 1973, pp. 554-555.

22 Cf. Joshua O. Leibowitz, "Amatus Lusitanus (João Rodrigues de Castelo Branco)". *Encyclopedia Judaica*, Vol. 2, Jerusalem, Keter Publishing House Ltd., 1971, 795-797. Veja-se, também, por exemplo, "Amato Lusitano (Juan Rodrigo de Castelo Branco)". In: *Enciclopedia Judaica Castellana*, Mexico, Editorial Enciclopedia Judaica Castellana, S. de R.L., 1948, pp. 248-249.

23 Cf. José Maria Lopez Piñero, *La medicina en la historia*, Madrid, La Esfera de los Libros, SL, 2002, p. 207 e ss..

24 Cf. IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano (Prefácio de José Lopes Dias), Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, p. 7.

25 Os resultados da nossa investigação aqui apresentados não pretendem ser um repertório completo da historiografia sobre Amato Lusitano.

26 Maximiano Lemos, Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra, Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907, 212 p.

27 Maximiano Lemos, "Amato Lusitano - Correções e aditamentos", *Revista da Universidade de Coimbra*, 10, 1927, pp. 1-38.

28 Idem, *Ibidem*, p. 5. No artigo fazem-se aditamentos e correções a alguns dos capítulos da obra Amato

Lusitano. A sua vida e a sua obra; Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907. Estão nesta situação aditamentos à presença de Amato em Antuérpia, em Ferrara e em Veneza.

29 Maximiano Lemos, "Amato Lusitano e as valvulas das veias", *Gazeta Medica do Porto*, 4(2)1900, pp. 37-41.

30 Maximiano Lemos, "Médicos portugueses no estrangeiro. Século XVI" *Gazeta Medica do Porto*, 3(7-8) 1900, pp. 198-205

31 Maximiano Lemos, "Amato Lusitano em Ferrara", *A Medicina Contemporânea*, 24(37)1906, pp. 294-296; 24(38)1906, pp. 299-301.

32 Maximiano Lemos, "Amato Lusitano (novas investigações)", *Revista de Historia*, 2, 1913, pp. 25-31, "Amato Lusitano: novas investigações", *Arquivos de História da Medicina Portuguesa. Nova série*, 6, 1915, pp. 1-12; 33-43; 89-96; 97-106, 129-145.

33 Maximiano Lemos, "Os trabalhos scientificos de Amato". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 37-56.

34 Ricardo Jorge, *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, Edição do Centenário, 1963, p. 29.

35 Cf Egas Moniz, *Ao lado da medicina*, 1940, p. 247.

36 Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano" *Arquivos de História da Medicina Portuguesa, Nova série*, 5, 1914, pp. 1-21; 97-119; 173-183; 6, 1915, pp. 161-175; 7, 1916, pp. 23-32; 47-57; 65-84. Ricardo Jorge publicou em 1910 "Mestres d'Amato em Salamanca" em *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa. Nova série*. 1(1)1910, pp. 3-12. Veja-se, também, "Celestina" (La) em *Amato Lusitano. A Medicina Contemporânea*. 26:52 (1908) 410-411.

37 Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano (d'um livro a publicar)." *Arquivos de História da Medicina Portuguesa, Nova série*, 5, 1914, p. 8.

38 Ricardo Jorge, "Comentarios à vida, obra e epocha de Amato Lusitano (d'um livro a publicar).", *A Medicina Contemporânea*. 26(25)1908, pp. 193-196.

39 Ricardo Jorge, "Commentarios à vida, obra e epocha de Amato Lusitano", *A Medicina Contemporânea*, 26(34)1908, pp. 265-268.

40 Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 2(9) 1936, pp. 331-337.

41 Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 2(9) pp. 1936.

42 Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 2(9) 1936, pp. 331-337.

43 Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 2(9) 1936, p. 331.

44 Diz-nos Ricardo Jorge: "Há três anos, prestava-se bizarramente o dr. Joaquim de Carvalho à feitura duma edição total na Imprensa da Universidade que, para cúmulo de má sorte e dano irreparável das nossas letras, foi incontinentifechada. A instâncias do redactor desta revista [*Clínica, Higiene e Hidrologia*] o dr. Armando Narciso, será agora arrancada ao esquecimento esta 2ª

parte, depois de 26 anos de sono pesado nas gavetas" (Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano", *Clínica, Higiene e Hidrologia*, 2(9) 1936, p. 331).

45 Cf. Ricardo Jorge, "Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 57-123.

46 Ricardo Jorge, *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, Edição do Centenário, 1963.

47 Cf. O que nos diz a este propósito José Lopes Dias em "João Rodrigues de Castelo Branco e a crítica histórica". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, p. 17.

48 A obra *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, Edição do Centenário, 1963 tem um total de 278 páginas.

49 Referimo-nos a Maximiano Lemos, *Amato Lusitano. A sua vida e a sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, editor, 1907.

50 Cf. Américo da Costa Ramalho, "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, pp. 501-508. Veja-se também em "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge". In *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, 1969, pp. 187-195.

51 Américo da Costa Ramalho, "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, p. 501.

52 Cf. Américo da Costa Ramalho, "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, p. 501.

53 Ricardo Jorge, "Amato Lusitano", *Imprensa Médica*, 28(2)1963, pp. 58-68.

54 Cf. José Lopes Dias, "Amato Lusitano", *Jornal do Médico*, 3(66)1943, pp. 417-418.

55 Cf. José Lopes Dias, "[Amato Lusitano]", *Revista Portuguesa de Medicina*, 5(6)1956, pp. 178-181.

56 Cf. José Lopes Dias, "Laços familiares de Amato Lusitano e Filipe Montalto (novas investigações)", *Imprensa Médica*, 25(1)1961, pp. 22-36; 25(2)1961, pp. 53-69.

57 Cf. José Lopes Dias, "Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)", *O Médico, Nova série*. 35(721)1965, p 947; "IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco", *O Médico, Nova série*. 50(916), 1969, pp. 1213-1214.

58 Cf. José Lopes Dias, "Pró-memória do Dr. João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano (1511-1568)", *Colóquio*, 2, 1969, pp. 58-63.

59 Cf. José Lopes Dias, "João Roiz de Castell Branco - Poeta do 'Cancioneiro Geral' de Garcia de Rezende, e João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano - Insigne Médico do Séc. XVI", *Estudos de Castelo Branco*, 34, 1970, pp. 5-18; "Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos", *Estudos de Castelo Branco*, 37, 1971, pp. 3-234.

60 Cf. José Lopes Dias, "Nota especial sobre a descoberta das válvulas das veias na cátedra de anatomia de Ferrara, durante o ano de 1547". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato*

Lusitano), Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 125-136.

61 Cf. José Lopes Dias, "Terapêutica de Amato Lusitano", *Imprensa Médica*, 11(4)1945, pp. 54-56; 11:6 (1945) 84-88; 12(3)1946, pp. 36-42; 12(4)1946, pp. 53-58.

62 Cf. José Lopes Dias, "Terapêutica da sífilis em Amato Lusitano", *Arquivos do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental*, 8, 1944-1945, pp. 7-36.

63 Cf. José Lopes Dias, "Apontamento breve sobre Amato Lusitano (casos clínicos de Portugal e dos portugueses)", *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, 133(6)1969, pp. 495-505; José Lopes - Apontamentos sobre Amato Lusitano (casos clínicos de Portugal e dos portugueses). *Semana Médica*. 11:512 suplemento (1969) 1-3

64 Cf. José Lopes Dias, "Ensaio do Dr. J. O. Leibowitz sobre Amato Lusitano", *Imprensa Médica*, 16(10)1952, pp. 495-502.

65 Cf. José Lopes - Dias, "João Rodrigues de Castelo Branco e a crítica histórica". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 7-36. Este trabalho foi retomado e alterado nalgumas partes e novamente publicado com o título "Biógrafos, críticos e adversários de Amato Lusitano". Cf. José Lopes Dias, José Lopes, "Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos", *Estudos de Castelo Branco*, 37, 1971, pp. 3-234.

66 Cf. José Lopes Dias, "Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) [artigo de polémica com Abílio T Mendes]", *O Médico*, Nova série, 36(724)1965, pp. 150-155; "Um desafinado dueto de médicos, sobre Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 19, 1966, pp. 106-126.

67 Cf. José Lopes Dias, "Elogio de Amato Lusitano pelo humanista Ambrósio Nicandro", *Estudos de Castelo Branco*, 26, 1968, pp. 164-171.

68 José Lopes Dias, "O Renascimento em Amato Lusitano e Garcia d'Orta", *Estudos de Castelo Branco*, 11, 1964, pp. 5-34.

69 José Lopes Dias, *Comentários ao "Index Dioscoridis" de Amato Lusitano*, Castelo Branco, Gráfica S. José, 1968, 28 p.; "Comentários ao "Index Dioscoridis" de Amato Lusitano". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 87-109; "Comentários ao 'Index Dioscoridis' de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*. 28, 1968, pp. 135-157, "O Index Dioscorbis de Amato Lusitano", *Semana Médica*, 11(521)1969, pp. 16-18; 11(522)1969, pp. 14-20; "Comentários ao "Indese Dioscoridis" de Amato Lusitano", *O Médico*, Nova série, 50(905), 1969, pp.156-167.

70 Cf. José Lopes Dias, "O clima de Lisboa, de Castelo Branco e da Guarda, segundo os comentários de Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 25, 1968, pp. 138-156.

71 José Lopes Dias, "Médicos portugueses da renascença vizinhos da Estremadura espanhola", *O Médico*, Nova série, 66(1114)1973, pp. 110-119; "Médicos portugueses da renascença vizinhos da estremadura espanhola", *Notícias Médicas*, 2(97) 1973, p. 10; 15; 2(98)1973, p.10; 15.

72 Cf. José Lopes Dias "Iconographic memento on

Amato Lusitanus (1511-1568)". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 69-86; "Iconographic memento on Amatus Lusitanus (1511-1568)", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, pp. 117-130 com tradução inglesa para "Memória iconográfica sobre Amato Lusitano", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, pp. 131-134.

73 Cf., por exemplo, José Lopes Dias, "Prefácio". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 7-12; José Lopes Dias, "IV Centenário de João Rodrigues de Castelo Branco", *O Médico*, Nova série, 50(916)1969, pp. 1213-1214.

74 Cf., por exemplo, José Lopes Dias; Firmino Crespo (Introdução e notas), *Primeira Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)*. *Arquivo de Patologia*. 16 (1944) I-LIX. José Lopes Dias; Firmino Crespo, (Introdução e notas) - *Segunda Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)*. *Arquivo de Patologia*. 20 (1948). José Lopes Dias; Firmino Crespo, *Terceira Centúria de Amato Lusitano*. *Fragmentos da Introdução Clínica Contemporânea*. 7:3 (1953) 186-193. José Lopes Dias; Firmino Crespo (Introdução e notas) - *Primeira Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)*. *Arquivo de Patologia*. 16 (1944) I-LIX. José Lopes Dias; Firmino Crespo (introdução e notas) - *Segunda Centúria de Curas Médicas de João Rodrigues de Castelo Branco (Amatus Lusitanus)*. *Arquivo de Patologia*. 20 (1948).

75 Cf. José Lopes Dias, "Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos", *Estudos de Castelo Branco*, 37, 1971, pp. 3-234.

76 Cf. José Lopes Dias, *Amato Lusitano*. Doutor João Rodrigues de Castelo Branco. Ensaio bio bibliográfico, Lisboa, 1942. Este texto foi apresentado ao Congresso sobre a Actividade Científica Portuguesa (1940), constando no volume XIII do livro das comunicações.

77 Cf. Maximino Correia, "[Amato Lusitano]. *Revista Portuguesa de Medicina*. 5:6 (1956) 181-184; *Comemorações do IV Centenário da morte de Amato Lusitano*. *Estudos de Castelo Branco*. 27(1968) 5-21; *Alguns passos da vida de Amato Lusitano*. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Classe de Ciências. 12(1968) 117-134; "Comemoração do IV Centenário da morte de Amato Lusitano na Academia das Ciências de Lisboa". In: *Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano*, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 13-28.

78 Cf. Diogo Barbosa Machado, "Amato Lusitano". In: *Bibliotheca Lusitana*, Tomo 1, Coimbra, Atlântida Editora, 1965, pp. 128-130 (Fac-simile da edição de Lisboa, Na Oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741).

79 F. A. Rodrigues de Gusmão, *João Rodrigues de Castelo Branco*. Coimbra Médica. 5:10 (1885) 170-171.

80 Cf. Sousa Viterbo, *Amato Lusitano*. *A Medicina Contemporânea*. 25:13 (1907) 98-100; *Bibliografia. Amato Lusitano*. A sua vida e a sua obra por Maximiano Lemos. 1 vol. De 212 pag. Porto 1907. *A Medicina Contemporânea*. 25:11 (1907) 82-84.

81 Cf. Abílio T. Mendes, *Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)* [artigo de polémica com

- José Lopes Dias]. Ao Dr. José Lopes Dias. O Médico. Nova série. 36:723 (1965) 100-101; Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) - Nota biográfica. O Médico. Nova série. 34:714 (1965) 430-431.
- 82 Cf. Barbosa M.B. Sueiro, A propósito de Amato Lusitano. *Imprensa Médica*, 9 (13-14) 1943, pp. 210; 221.
- 83 Cf. Ferreira de Mira, Amato Lusitano. *Médico Policlínico*. 3:44 (1980) 41-44.
- 84 Cf. Xavier Morato, [Amato Lusitano]. *Revista Portuguesa de Medicina*. 5:6 (1956) 1172-174.
- 85 Cf. A. Tavares de Sousa, [Amato Lusitano]. *Revista Portuguesa de Medicina*. 5:6 (1956) 174-178; "No quarto centenário da morte de Amato Lusitano". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 177-189; No quarto centenário da morte de Amato Lusitano. *Coimbra Médica*. 16:4, 3ª série (1969) 303-314; No quarto centenário da morte de Amato Lusitano. *Estudos de Castelo Branco*, 29 (1969) 8-20.
- 86 Cf. Eduardo Ricou, A longa jornada de Amato Lusitano. *Jornal do Médico*. 125:2293 (1988) 732.
- 87 Cf. José Manuel Pereira da Silva, Acerca de Amato Lusitano, *Estudos de Castelo Branco*, 17 (1965) 130-134; Acerca de Amato Lusitano, *Itinerário*, 1 (Março-Abril 1965), pp.
- 88 Cf. L. Garcia e Silva, Amato Lusitano: um médico europeu no tempo dos descobrimentos. *Acta Médica Portuguesa*. 2ª série. 3:5 (1990) 297-300
- 89 Cf. F.C. Pires de Lima, Amato Lusitano. In: *Verbo*. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Lisboa, Editorial Verbo, s.d., 1621-1622.
- 90 Sobre o Juramento de Amato vejamos-se, por exemplo, os artigos: Juramento (O) de Amato Lusitano. *Médico Hospitalar*. 12 (1998) 31-32 e Juramento de Amato Lusitano (um dos notáveis documentos médicos da renascença) *Clínica Contemporânea*. 3:28 (1949) 1622-1623.
- 91 A. Rocha Brito, "Poeira dos arquivos - juramento de Amato Lusitano", *Coimbra Médica*, 4(1) 2ª série, 1937, pp. 33-38.
- 92 Cf. Miller Guerra, "Amati Jusjurandum". in: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 173-175. Amati Jusjurandum. *Estudos de Castelo Branco*. 29(1969) 5-7.
- 93 Cf. Augusto da Silva Carvalho, "João Rodrigues na história da urologia". In: Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 137-141.
- 94 Cf. José de Paiva Boléo, "Amatus Lusitanus, the inventor the palatine obturator", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, pp. 205-213, tradução em "Amatus Lusitanus inventor do obturador palatino", *Estudos de Castelo Branco*, 28, 1968, 213. Veja-se também em "Amatus Lusitanus, the inventor the palatine obturator". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 159-172.
- 95 Cf. J. Caria Mendes, Amatus Lusitanus anatomista. *Estudos de Castelo Branco*. 28(1968) 179-204. "Amatus Lusitanus anatomista". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 133-158; Amatus Lusitanus anatomista. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. 35 (1971) 269-291; Amatus Lusitanus. *Notícias Médicas*. 18:1812 (1989) 11-12. Veja-se o trabalho de colaboração J. P. Miller Guerra; J. Caria Mendes; L. Quintino Rogado, As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. 135:1 (1970) 35-59. Ver também As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. 35 (1971) 147-167.
- 96 Cf. Luís de Pina, "Amato Lusitano na história da psiquiatria portuguesa". In: Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 143-175. Veja-se também de Luís de Pina, Amato Lusitano - lusitano e europeu. *Imprensa Médica*. 20:6 (1956) 342-350. Veja-se uma biografia muito sintética de Amato em [Amato Lusitano]. *Revista Portuguesa de Medicina*. 5:6 (1956) 168-172.
- 97 Cf. Luís de Pina; Maria Olívia Rúber de Meneses, A Escola Médica do Porto nos estudos biográficos e críticos de Amato Lusitano. *Estudos de Castelo Branco*. 28(1968) 96-116. Veja-se também em: "A Escola Médica do Porto nos estudos biográficos e críticos de Amato Lusitano (no 4º centenário da sua morte)". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 47-67.
- 98 Cf. Miller Guerra, A obra científica de Amato Lusitano. *Estudos de Castelo Branco*. 26(1968) 22-32, A obra científica de Amato Lusitano. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Classe de Ciências. 12 (1968) 135-146. Ver também "A obra científica de Amato Lusitano". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 29-39. Veja-se o texto de colaboração: J. P. Miller Guerra; J. Caria Mendes; L. Quintino Rogado - As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. 135:1 (1970) 35-59. Ver também As válvulas das veias ázigos. As experiências de Amatus Lusitanus e a posição actual do problema. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. 35 (1971) 147-167.
- 99 Cf. Costa Sacadura, Certo caso, admirável mas verdadeiro, de uma mulher grávida, de que nos fala Amatus Lusitanus em 1564, repetido em nossos dias. *A Medicina Contemporânea*. 73:7 (1955) 347-350.
- 100 Cf. A.J. Andrade Gouveia, Garcia d'Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985, 93 p.; do mesmo autor, "Posições de Garcia d'Orta e de Amato Lusitano na ciência do seu tempo". In: *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*, vol. 1, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1986, pp. 303-333. Veja-se Severo de Melo, Garcia de Orta e Amato Lusitano na ciência do seu tempo. *Vértice*. 46:470-472 (1986) p. 189.
- 101 Cf. Firmino Crespo, "Amato Lusitano revelado através da sua obra". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo

Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 193-204; Amato Lusitano revelado através da sua obra. Estudos de Castelo Branco, 29 (1969) 23-24; Bristol e Londres nas Centúrias de Amato Lusitano. Ocidente. 76:369(1969) 4-5; Amatus Lusitano, professor universitário de Ferrara. Ocidente. Revista Portuguesa de Cultura. Nova Série. 80:393 (1971) 36-38, Alguns aspectos da vida e obra de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 8 (1994) 3-4.

102 Cf. Firmino Crespo; José Lopes Dias (tradução) - Cura de Amato Lusitano de uma queda por coice de cavalo. *Imprensa Médica*. 19:1 (1955) 61-62; Firmino Crespo; José Lopes Dias, "Escorço biográfico [de Amato Lusitano]". In: *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano)*, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 215-250.

103 Cf. Américo da Costa Ramalho, "Prefácio". In: SANTORO, Mário, Amato Lusitano ed Ancona, Coimbra. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991, 177 p. Vejam-se os artigos "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge", *Revista Portuguesa de História*, 10, 1962, pp. 501-508. Veja-se também "A propósito do 'Amato Lusitano' de Ricardo Jorge". In *Estudos sobre a época do Renascimento*, Coimbra, 1969, p. 187-195.

104 Cf. João Rodrigues Castelo Branco - Amato Lusitano (1511 - 1568). *O Bacilo*. 3ª série. 2 (1963) 3; 15-16.

105 Cf. História (Da)... João Rodrigues de Castelo Branco. *Revista da Associação Portuguesa de Clínicas Privadas de Hemodiálise*. 1 (1994) 21.

106 Cf. Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano (Prefácio de José Lopes Dias), Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, 204 p.

107 Cf. Romero Bandeira, Amato, médico sem fronteiras. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 10 (1996) 45-46. Romero Bandeira; José Viana Pinheiro; Mário Lopes, *Evolução e conceitos revendo o Juramento de Amato. O segredo na iatroética. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 6 (1993) 22-23.

108 Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata, Um poder do fogo - de Amato Lusitano aos poetas. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*. 14 (2000) 58-63.

109 Cf. Firmino Crespo, Alguns aspectos da vida e obra de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 8 (1994) 3-4.

110 Cf. Fanny Andrée Font Xavier da Cunha, A arte de curar em Amato Lusitano (1511-1568) e o quotidiano terapêutico português no século XVIII. *Panaceias nossas de cada dia, "ontem e hoje"*. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 9 (1995) 11-19; A alimentação na obra de Amato Lusitano (1511-1568). *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 11 (1997) 9-14; A água, medicina universal, e Amato Lusitano (1511-1568).

*Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 13 (1999) 10-16; O "fogo" na obra de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*. 14 (2000) 30-33; A cultura clássica nas obras de dois grandes autores-médicos naturais da Beira Interior: Amato Lusitano e Ribeiro Sanches. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*. 15 (2001) 30-37.

111 Cf. A. M. Lopes Dias, Algumas plantas aromáticas usadas por Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 5 (1992) 16-18; Plantas usadas por Amato Lusitano. Sua localização em solos aráveis do Distrito de Castelo Branco, algumas em perigo de extinção. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 6 (1993) 24-28; Estudo da Primeira Centúria de Amato Lusitano - O uso das plantas, imagens de aromáticas da região da Serra da Estrela e abordagem da sua composição florística. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 8 (1994) 11-16; Notícias das plantas medicinais e aromáticas da 2ª Centúria de Amato Lusitano. *Achegas para o estudo da ecologia de vegetação da Beira Interior. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 9 (1995) 25-30; A influência mediterrânica na vida científica do século XVI. A botânica da bacia mediterrânica em Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 11 (1997) 32-36

112 Cf. António Lourenço Marques, Para a história da morte do século XVI. A certificação da morte em Amato Lusitano e as novas artes de morrer em Frei Heitor Pinto. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 2 (1990) 26-30; A medicina e o médico perante o doente incurável e moribundo no século XVI - testemunhos de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 4 (1991) 13-15; A realidade da dor nas curas de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 5 (1992) 19-22; A velhice no tempo de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 8 (1994) 17-20; À procura da idade do cancro nas Centúrias de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 9 (1995) 21-24; Amarguras do nascimento e o génio de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 10 (1996) 21-24; O vinho na época de Amato lusitano: consolo, sustento e alívio". *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 11 (1997) 23-26; A água e a vida quotidiana à luz das IV e V centúrias de curas medicinais de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura*. 13 (1999) 19-21; Os quatro elementos e a vida quotidiana dos doentes na obra de Amato Lusitano. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*. 14 (2000) 34-37; Amato Lusitano e o uso da palavra médica na tradição hipocrática. *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura*. 15 (2001) 25-29; "Os temas Universais em Amato Lusitano",

Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 16 (2002) 25-28.

113 Cf. Albano Mendes de Matos, A mulher e as suas doenças em Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 10 (1996) 9-11; Os produtos de origem animal na terapêutica de Amato Lusitano", Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 12 (1998) 13-19.

114 Cf. Manuel Lourenço Nunes, A saúde oral em Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 12 (1998) 25-26.

115 Cf. José Morgado Pereira, A melancolia nas centúrias de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 7 (1993) 3-5; A doença e a condição feminina em Amato. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 12 (1998) 21-23; Os comportamentos alimentares nas centúrias de curas medicinais. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 12 (1998) 4-7; A ironia em Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 13 (1999) 30-33; A epilepsia nas Centúrias de Curas Medicinais. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 15 (2001) 22-24; "Amato Lusitano e as fronteiras da prática médica", Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 16 (2002) 29-32.

116 Cf. Alfredo Rasteiro, João Rodrigues de Castelo Branco e a solidariedade médica na luta contra a doença e a morte. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 1 (1989) 16-18; Memória de Amato. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 5 (1992) 3-7; Amato, Vesálio, Pare e os traumatismos da cabeça em 1559. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 6 (1993) 20-21; Amato, Montalto e a arte dos olhos nos séculos XVI e XVII. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 8 (1994) 5-9; Amato e os nasci. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 9 (1995) 3-10; A mulher, o sofrimento e a compaixão na obra de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 10 (1996) 13-20; A receita do "manjar de fígados" do Doutor Amato Lusitano (1511-1658). Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 11 (1997) 3-7; Salamanca e os Lusitanos. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 11 (1997) 66-69; Índias de Castela e Índias de Portugal na obra de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 12 (1998) 8-11; A água em "De Medica Materia", Dioscórides, segundo Amato Lusitano e Andres Laguna". Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 13 (1999) 5-9; Quatro elementos, reacção Hipocrática, Amato Lusitano e "O Múmia". Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 14 (2000) 13-18; "Cultura clássica, barbarismos e arcaísmos em Amato Lusitano (1511-1568)",

Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 15 (2001) 10-14; "Amato Lusitano - Fronteiras políticas, religiosas e linguísticas", Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 16 (2002) 11-18.

117 Cf. Maria Adelaide Neto Salvado, O espaço geográfico nas centúrias de Amato. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 5 (1992) 9-15; Catástrofes naturais na visão de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 6 (1993) 15-19; A mulher do século XVI no olhar de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 10 (1996) 3-8, Os frutos e as leguminosas nas Centúrias de Curas Medicinais de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 11 (1997) 15-21; As águas santas - das velhas crenças à voz de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 13 (1999) 23-29; Os quatro elementos, os astros, as doenças eo homem - a visão de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 14 (2000) 21-28; A História Natural de Plínio, o Velho, no olhar de Amato Lusitano. Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX - Cadernos de Cultura. 15 (2001) 15-21; "Amato Lusitano - Médico sem Fronteiras em Ragusa do Séc. XVI", Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 16 (2002) 19-24.

118 Cf. Daniel Cartucho, Gabriela Valadas, "Abscessos de drenagem pura e branca - a propósito de uma cura em Amato Lusitano", Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 16 (2002) 33-36.

119 Cf. João Maria Nabais, "A importância de Amato Lusitano na medicina do século XVI", Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 16 (2002) 37-40.

120 Cf. Maria de Lurdes Cardoso, "História da ciência e ensino das ciências - a história da ciência a partir da vida e obra de Amato Lusitano", Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XXI - Cadernos de Cultura. 16 (2002) 79-80.

121 Cf. Jacob Seide, The two diabetics of Amatus Lusitanus. Imprensa Médica. 19:11 (1955) 670-674.

122 Cf. J. Nehama, "Amato Lusitano à Salonique". In: Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 213-214

123 Cf. Hirsch Rudy, "Amatus Lusitanus (Biographischer Rahmen)". In: Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 193-211

124 Harry Friedenwald, "Medical works of Amatus Lusitanus". Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1955, pp. 177-191.

125 Cf. Lavoslav Glesinger, "Amatus Lusitanus à Raguse". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco,

Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 111-131; Amato Lusitano em Ragusa. Estudos de Castelo Branco. 28(1968) 170-178.

126 Cf. Joshua O. Leibowitz, Amatus Lusitanus on sudden death due to "Obstruction in the heart" (1560). Estudos de Castelo Branco. 4 (1961) 11-26; "Simpósio de Amato Lusitano em Sena. Amatus Lusitanus à Salonique". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 41-46; Amatus Lusitanus (1511-1568) à Salonique. Estudos de Castelo Branco. 28(1968) 90-93; Amato Lusitano (1511-1568) em

Salónica. Estudos de Castelo Branco. 28(1968) 93-95

127 Cf. Ivolino de Vasconcelos, "Discurso de encerramento de 'Simpósio de Amato Lusitano', em Sena, do Prof. (...)". In: Centenário (IV) de João Rodrigues de Castelo Branco - Amato Lusitano, Castelo Branco, Estudos de Castelo Branco, 1968, pp. 191-192; Discurso de encerramento do "Simpósio de Amato Lusitano" em Siena. Estudos de Castelo Branco, 29 (1969) 21-22.

128 Cf. Marija-Ana Dürriĝl; Stella Fatovic-Ferencic, The medical practice of Amatus Lusitanus in Dubrovnik (1556-1558) a short reminder on the 445 th anniversary of his arrival. Acta Médica Portuguesa, 15:1(2002) 37-40.



### AMATUS LUSITANUS

*Ein Arzt von Castellanca einer Stadt in Portugal gehörig, hier eigentlich Feharica, Rodriguez de Castellanca, lebte in der Mitte des 16. Jahrhunderts, und bekannte sich zu. Theologisch zur Katholischen Religion.*

(O original d'este retrato encontra-se no Ar. Acad. Real de Lisboa)

## RELIGIÃO, MEDICAÇÃO E INFORMAÇÃO/DESINFORMAÇÃO NA ÉPOCA DE AMATO LUSITANO

Alfredo Rasteiro\*

Escritas, guerras comerciais, religiões e epónimos aproximam e afastam João Rodrigues Amato Lusitano de Castelo Branco, o alentejano Garcia d'Orta que não quis epónimos, o «segobiense» André Laguna e o salaciense Pedro Nunes, que foi reformador dos estudos médicos e o maior matemático do seu tempo.

Amato, Laguna e Orta deram visibilidade à Medicina peninsular do século XVI. Conheciam a Obra de Dioscoridis e leram Fuchs. Amato utilizou desenhos de Fuchs, Laguna fez «esculpir» as figuras de Matíolo e Orta não utilizou gravuras.

### 1 . Doenças e Religião

A Medicina peninsular «spânica», herdeira do saber médico dos discípulos do grego Hipócrates (460-337 a.C.), do greco-romano Galeno (130-200) e do cordovês Averrois (1126- 1198), assumiu que o poder de curar vinha directamente de Deus e que o médico era, apenas, um seu ministro (Averrois: Obra Médica, trad. Maria Concepcion Vázquez de Benito, Universidade de Córdoba, 1998).

Hipócrates, formador de médicos, desejou que todo

o médico fosse um iniciado nos segredos da natureza e um deus mortal (Albino Almeida Matos: A Oração de Sapiência de Hilário Moreira, INIC, 1990).



S. Francisco de Assis assistindo um leproso (miniatura séc. XIV)

O albicastrense João Rodrigues (1511-1568) leu em Cícero (106-43 a.C.), Orador romano, que a medicina era uma invenção dos deuses (Primeira Centúria, Prefácio) e, em seguimento de Herofilo (300 a.C.) e Galeno, acreditou que a medicina era a actividade humana mais útil (Index Dioscoridis, 1536, apresentação). Consequentemente, Amato, duvidava da eficácia das mézinhos (Quarta Centúria», 1553, XIV).

Ambroise Paré (1510-1590), contemporâneo de Amato, sentia-se na mão de Deus: «Je le paensais, Dieu le guarit».

Por seu lado, Amato Lusitano desejou poder utilizar os

medicamentos de uma forma responsável, como se fosse pela mão de Deus, e entendeu que a avaliação, pela mão de Deus, é feita quando os medicamentos são usados correctamente (Quarta Centúria, XIV).

Para compreender tais atitudes e comportamentos basta olharmos para o que se passa com a Saúde e

nos lembremos de que, em Outubro de 2002, a «Aspirina», uma droga patenteada desde 1900, só agora foi proibida às crianças e aos jovens, nos U.K. e nos U.S.A. por, eventualmente, provocar danos irreparáveis.

No início do século XVI a «Farsa dos Físicos», de Gil Vicente, recolheu um retrato muito objectivo daquilo que eram medicações e de como se usavam.

Nessa época e em todas as épocas, sempre foi necessário que se conhecessem muito bem os medicamentos, o que são, como actuam, que efeitos provocam. Nos nossos dias, em 2002 continua a ser necessária muita fé em Deus, qualquer que seja a escolha entre os diversos produtos aconselhados por vendedores de mezinhas: «naturais, químicos, genéricos, de marca, linha branca e assim-assim», como se fora numa «farmácia» de um Programa da Televisão-S.I.C.

Amato seguia uma «tabela» que encontrou em Dioscoridis e aquilo que os seus conhecimentos teóricos, o acaso, a necessidade e a sua experiência prática, muito rica, lhe aconselhavam.

Em coisas que não pareciam complicadas, como a queda do cabelo, Amato sugeria o recurso a mezinhas que continham «cabelos de Vénus» (avenca), pétalas de rosa, murta, raízes de canas, casca de nogueira, avelãs, cavalo marinho (Hipocampo), patas de rã, gafanhotos, gordura animal, lama, rabanetes, acelgas, cebolas, milho painço, mostarda, ciclamino, asfodelo, miosótis, tápsia, azebre ou, até, raspas de «pé» de cabra, mas a sua preferência ia para um unguento em que entravam abelhas, moscas e caganitas de rato, amassadas com mel (Primeira Centúria, LXXIX).

Se o uso da medicação fosse acertado, consciencioso e oportuno, como é preciso, a saúde voltaria ao doente (Quarta Centúria, XIV). Valente João Rodrigues!

Quantos de nós acreditámos, e continuamos a acreditar, na «Aspirina»? Quantos de nós tivemos conhecimento de problemas relacionados com a «Aspirina», desde a hemorragia gastro-intestinal ao Síndrome de Lyell?

No meado do século XX, com alegado fundamento na Bíblia (João,9,6-7), Paufique e Charleux, de Lyon, derivaram o Canal de Stenon para a betesga conjuntival em casos de olho seco, em Penfigos oculares tipo Lyell e Lortat-Jacob, mas foram obrigados a desistir porque a amilase salivar destruía os «glicosaminoglicans» do estroma e os «Enxertos» de Córnea «dissolviam-se».

No tempo de Amato, como agora, como sempre, havia uma medicina para ricos e uma medicina para pobres (Primeira Centúria, XXI e LX). Para a queda do cabelo a «loba» do cais poderia aplicar um unguento feito das raspas dos cascos da cabra, enquanto a condessa careca usaria «cavalo marinho» (Quarta Centúria, IV), ao passo que a «nobre dama, que mora junto ao mar, formosa como as mais formosas» (Quarta

Centúria, IV), iria contentar-se, apenas, com gordura ursina.

«Pesados os prós e os contras, o médico prudente receita de acordo com a idade, a natureza e as poses do doente, o local, o tempo e coisas semelhantes. Diferentes doentes não calçam os mesmos sapatos», dizia Amato (Primeira Centúria, LX, 1549).

Entre os povos monoteístas, seguidores das Religiões do Livro (Tora, Bíblia, Corão), entre os seguidores de Abraão e Moisés, de Cristo e de Maomet, a Medicina e as crenças religiosas desenvolveram-se a par e interpenetram-se. Crenças e temores podem ser exemplificados com a Lepra, doença antiquíssima.

A Lepra existe no Velho e no Novo Mundo desde há vinte ou trinta mil anos. Desde sempre foi considerada uma doença infamante, e levou ao isolamento dos gafos, especialmente entre o povo hebreu.

O romance «Ben Hur» e a respectiva adaptação cinematográfica interpretam, com algum rigor, o que era o isolamento dos Gafos, nas Gafarias. Tal prática, profundamente desumana em termos actuais, limitou a propagação da lepra.

A severidade das medidas de isolamento adoptadas nas civilizações judaico-cristãs evitou a propagação da lepra e explica o pouco espaço que esta doença ocupa na literatura médica dos séculos XVI e XVII, nomeadamente nas «Centúrias» de Amato Lusitano ou, mais tarde, no «De Morbis Artificum», 1700 de Bernardini Ramazzini, uma «diatribe» que descreve doenças de trabalhadores de todas as profissões conhecidas no século XVII, desde os «lixeiros» que limpavam latrinas até às serzidoras e tecedeiras de seda.

Depois de Galeno (130-200), o cordovês Averróis (1126-1198) e os averroístas peninsulares sabiam diagnosticar a lepra e sabiam como lidar com os gafos. Sabiam que os leprosos podem apresentar zonas de pele sem coloração, como no vitíligo e pensavam que, nestes doentes, a destruição da úvula poderia estar relacionada com a exposição ao ar frio que penetra no pulmão, no acto da respiração.

Averrois sabia que a lepra pode surgir associada com outras infecções, nomeadamente a sífilis e a tuberculose.

Averróis acreditava que a tuberculose era originada por uma carência de alimentos e que a lepra resultava de um excesso de alimentos, que não se unem ao corpo.

Averróis acreditava que a ingestão de Teriaga poderia ser útil na lepra, na elefantíase, no vitíligo e em todas as doenças em que a pele se apresentasse com mau aspecto, nomeadamente o eczema e outras.

A Triaga ou Teriaca, era uma mēzinha que continha dezenas de ingredientes e, entre eles, não podiam faltar uns pedaços de víbora. A Triaga era útil nas mordeduras de víbora. Os gafos eram obrigados a andar calçados.

**A Civilização Cristã associa a Lepra a São Lázaro. Porém, Lázaro foi e continua a ser nome próprio. Amato Lusitano tratou dois Lázaros que não eram leprozos (Segunda centúria, XLV e Quinta Centúria, LVII) e, tanto quanto julgo saber, nunca existiu nenhum leproso, chamado Lázaro, declarado Santo pela Igreja de Roma.**



Os Apóstolos Pedro e João curam um deficiente. Actos dos apóstolos 3, 1-10. (gravura de Albrecht Dürer, 1513)

A referência a São Lázaro é muito ambígua porque se aplica, simultaneamente, à figura mítica de um mendigo, que nunca existiu e à figura real de um magnata, irmão de Marta e de Maria, próximos de Cristo.

O Apóstolo Médico Lucas (Lucas, 16, 19-26) relata: «Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho, e que todos os dias se banquetava esplendidamente. Havia também um mendigo, chamado Lázaro, o qual, coberto de chagas, estava deitado à sua porta, desejando saciar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico, e ninguém lhas dava, mas os cães vinham lambê-lhe as chagas. Ora sucedeu morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico, e foi sepultado no inferno. E quando estava nos tormentos, levantando os olhos, viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio; e, gritando, disse: Pai Abraão, compadece-te de mim, e manda Lázaro que molhe em água a ponta do seu dedo para refrescar a minha língua, pois sou atormentado nesta chama. E Abraão disse-lhe: Filho,

lembra-te que recebeste os bens na tua vida, e Lázaro, ao contrário, recebeu males»

Até ao século XV esconderam-se os gafos, e as gafas, nas Gafarias.

Em 5 de Outubro de 1452 Afonso V atribuiu a designação de *esp'ital* (Hospital) à Gafaria de Coimbra, instituída no testamento de D. Sancho I (1154-1210) e reconhecida como Gafaria, em 1329, por D. Afonso IV (1291-1357).

A partir do século XV parece ter havido um declínio da Lepra, provavelmente em resultado de medidas de isolamento que, durante séculos, dificultaram os contágios.

As setecentas e uma Memórias clínicas de Amato Lusitano não relatam casos de Lepra, talvez porque a Lepra estava em declínio e Amato não a encontrou ou, então, porque os leprosos eram isolados em leprosas que não tinham médicos... Salvo melhor opinião, as Centúrias traduzidas por Firmino Crespo apenas apresentam um caso «DE PSORA E LEPROSA DOS GREGOS», que não é lepra (Segunda Centúria, Cura XXXV). Trata-se do caso do anconitano João de Antiquis, de 50 anos, consul em Veneza em que Amato diagnosticou uma sarna húmida com o aspecto da psora ou lepra registada em Autores gregos. O doente tomou decocto de Raiz da China e ficou curado. Porém, como «prova terapêutica», os bons resultados obtidos, neste caso, com a «*Radix sinarum*», invalidam a possibilidade, de poder tratar-se, de um caso de lepra.

Curiosamente, no século XVII, a correspondência do 3º Bispo de Peking D. Policarpo de Sousa para os seus contemporâneos de Coimbra Jacob de Castro Sarmento (1691-1762), médico em Londres e António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), na Corte da Rússia, contém referência a livros de medicina chineses, antigos, contendo descrições do mal gálico, dizendo que «faz os mesmos estragos de apodrecer narizes, como na Europa» (C.R. Boxer: Estudos para a História de Macau, I, 1991, p. 169) o que mostra alguma confusão diagnóstica entre sífilis e lepra.

Em conclusão, a lepra é uma doença que foi parcialmente dominada através de terríveis medidas de isolamento levadas a cabo por judeus, cristãos e muçulmanos. Dir-se-á que, perante Leprosos, todos os seguidores das Religiões do LIVRO esqueceram o pai comum Abraão, a caridade cristã e a compaixão de Alá.

## 2. Guerras da pimenta

O triângulo de interesses: Religião, Multinacionais e Medicina dominou o comércio das drogas no século XVI e tornou-se extremamente gravoso para os negócios do Rei de Portugal, para os interesses dos portugueses, para a multinacional dominada pelos Mendes e, por «tabela», para Amato Lusitano.

Não está estudada a eventual relação que existirá entre a publicação do «New Kreuterbuch», 1543 de Leonhart Fuchs (1501-1566) e a falência da Feitoria de Portugal na Flandres nem entre aquela publicação e a saída dos Mendes, de Antuérpia para Veneza.

A Feitoria de Portugal, a Casa Comercial dos Mendes e Antuérpia cresceram com o negócio da Pimenta e entraram em declínio depois de 1543.

Que relações existem entre o Comércio da Pimenta e o Livro de Fuchs?

O que era a Pimenta?

Andres Laguna diz: «Mvchas vezes he querido informarme de los que vienen de la India Oriental, qual sea la planta que nos embia la pimienta: empero pintala tan differentemente vnos de otros, que ni los creo, ni me parece que alguno dellos jamas la puede hauer visto. Porque como no sean nada curiosos de lo que conviene al bien publico: ni à la commun disciplina, sino solamente de acumular dinero, y desfoliar los Indios desuenturados; no se curan mucho de contemplar aquellas diuines plantas, para darnos aca la entera relationdellas, ni de trahernos sus hojas, sino de despojarlas de su preciosissimo fructo, para su prouecho particular» (Pedacio Dioscorides, 1566, página 237). Laguna estivera em Lisboa por 1536 e não viu, nem folhas, nem desenhos, da «Pimenta».

O livro de Fuchs, reeditado por TASCHEN em 2001, apresenta três belíssimos desenhos de pimenteiros americanos, *Capsicum annum* L. que, ao contrário da «pimenta», facilmente proliferaram na Europa. Fuchs, falaciosamente, designou-os «Piper Hispanum/ Piper Indianum/ and Piper Calecuticum», numa impressionante demonstração daquilo que pode ser o poder informativo/ desinformativo da Imprensa. Mais tarde, o «Hortvs Eystettensis», 1613 de Basilius Besler (1561-1629), reeditado por TASCHENT em 2000 (?) apresentará 15 variedades destes pimentos americanos picantes.

Dir-se-á que o negócio da «Pimenta da Índia», que esteve em mãos cristãs portuguesas e em mãos judaicas lusitanas entre 1497 e 1536 foi democraticamente ultrapassado pelos luteranos centroeuropeus numa enxurrada de pimentos americanos picantes, trazidos por Castela, descritos, desenhados e divulgados pelo luterano Leonhart Fuchs.

### 3. Referência a Pedro Nunes

Em Lisboa, entre 1529 e 1534, Pedro Nunes (1502-1578) foi professor de Artes, disciplinas que anteciparam os preparatórios médicos. Mais tarde, em Coimbra, colaborou com Tomaz Rodrigues da Veiga na programação do Ensino Médico e o seu nome ficou ligado à reforma dos estudos médicos, desde 1559 a 1791.

Nascido por 1502, Pedro Nunes dizia-se Salaciense. Ao contrário de Amato Lusitano e de todos os

Lusitanos posteriores a 1551, ano em que Lúcio André de Resende abandonou o epónimo que utilizara em 1534, Pedro Nunes dizia-se Salaciense.

A «Lista dos reitores» anexa aos Estatutos de 1653 diz que «o *vltimo que gouernou a Vniuersidade em Lisboa, foi o Desembargador Pero Nunez, té Março de 1537.*» Até então os reitores eram estudantes e, mais do que uma vez, Nunes passou pela Universidade de Salamanca, cantada por Lope de Veja: «*Estudiante de amor en sus riberas/ mas que de sus escuelas celebradas.*»

A «Directora del Archivo Universitario de Salamanca» Senhora Doutora Teresa Santander regista a presença de quatro *Pedro Núñez* entre os «Escolares Medicos en Salamanca (siglo XVI)», Salamanca, 1984: **2223**. Nuñez, Pedro: *Probó: (7-IX-1531) el curso y cursillo de 1530 (Lib. 542 f. 45); 22-V-(1532) un curso en Medicina de 1531-32 (Lib. 543 f 21 v); 2224*. Nuñez, Pedro: *Probó:16-III-(1535) dos cursos de 1533 y 34 hechos en Alcalá (Lib. 548 f 119); 2225*. Nuñez, Pedro: *Probó: 27-V-(1536) dos cursos en Medicina de 1534 y 35 (Lib. 551 f 95 v); 20-VI-(1536) diez lecciones (Lib. 551 f 99); 24-VI-1536 dos cursos en Medicina de 1532 y 1533 (Lib. 551 f. 100); 2236*. Nuñez, Pedro: *Natural de Salamanca. Matriculado en Medicina: 1564-65 (Lib. 281 f. 85 v); 1565-66 (Lib. 282 f. 77v); 1566-67 (Lib. 283 f. 85 v), Bachiller artista, 1567 (Lib. 283 bis f 85v). 1567-68 (Lib. 284 f. 86).*

Excluído o *Pedro Nunes* de Salamanca, um dos outros poderá ser o matemático de Alcácer do Sal, provavelmente, o que mais provas deu e que lá regressou pelo São João, em 24 de Junho de 1536, no dia imediatamente a seguir ao da graduação de Tomás de Orta, «Bachiller en Medecina». Juntos nos estudos, juntos nos destinos...

Tomás de Orta sucedeu a Pedro Nunes no cargo de Cosmógrafo-mor, em 30 de Maio de 1582, depois de ter sido médico de D. Maria, filha de D.João III, casada com Felipe I.

Pedro Nunes morreu por 1578 e Tomás de Orta sucedeu-lhe no cargo de médico do cardeal D. Henrique.

As graduações em Medicina, em Salamanca, terminavam com grandes festas que incluíam corridas de toiros. Eram corridos, e mortos em praça, cinco toiros.

André Laguna, na página 612 da «Materia Medicinal» recordou a excepcional corrida de toiros a que assistiu, em dia de S. João.

Sendo excepcionais as graduações em dia de S. João, 24 de Junho de 1536 pode ter sido o dia da graduação do Pedro Nunes Salaciense. Em seguida, André Laguna rumou a Lisboa para espiolar, sem éxito, como era a «Pimenta» e Laguna ficou com a impressão de que, em Lisboa, nada se sabia da «árvore» da Pimenta, que, por aqui, os portugueses não eram nada curiosos daquilo que convém ao bem

público, mas somente de acumular dinheiro, «y desfollar los Indios desventurados». Quanto à tourada, na página 612 do seu livro Laguna recorda como se sentiu em Salamanca numa tarde de toiros, na praça deserta, em frente a um toiro. Estudante ainda, num dia de São João, quase à boca da noite, julgando a festa acabada, soltaram-lhe, de improviso, um toiro. Um curioso disse-lhe que iria encantar o animal e que o não temesse. Assim socegado, Laguna recuou quatro passos para trás do voluntário escudo e, porque se esgotara o tempo de fugir, ficou a ver em que parava o mistério. «Mas el torillo mal encarado, q(ue) no se daua nada por palabras ni encantos, porq(ue) sin dubda deuia ser Lutherano», e investiu logo com sua mercê, e deu-lhe duas ou três voltas bem dadas: e assim, o desventurado que pensava poder socorrer os outros, ficou estirado, e meio morto, na arena. Enquanto o desgraçado dançava, nos cornos do touro, Laguna deu à sola, e pôs-se a salvo, graças aos seus pés desenvoltos, que não corriam, mas voavam, «que dexauam de correr, y bolauan.»

Desde essa tarde de São João nunca mais Laguna acreditou em hipnotizadores nem em embusteiros. Nisto, e em tudo o mais, remetia-se ao «sano parecer de la Sancta yglesia que los consiente.»

A «Presentacion» da edição de 1994 «DE LA MATERIA MEDICINAL», edições MRA a cargo de João García Font, suprimiu o subversivo «que los consiente», como se fora perigosa manifestação de libertinagem, judaico-cristã, politicamente incorrecta...

As crenças profundamente arraigadas, que ninguém

perde de um dia para o outro, também se renovam e algumas têm, em Portugal, especiais cultores. Veja-se o que se passa, por exemplo, com o Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes, realizado no fim de cada Verão, ininterruptamente, desde 1983 onde, há uns anos, uma «curadeira» se queixava da concorrência de um médico, que não cobrava honorários mas que colocara, estrategicamente, na sala de espera, a imagem de um santo e uma caixa de esmolas... E foi sempre assim, onde passámos, nos sítios em que estivemos...

Em 1961, em Angola, era frequente haver deferência com os médicos, algumas vezes se pedia silêncio e alguém dizia: «está o kibanda a passar», era frequente doentes agradecidos murmurarem no decurso do acto médico: «mundele Nzambi, mundele nzambi...».

A Conferência Episcopal de Angola e São Tomé decidiu realizar, em 2003, um Congresso sobre feitiçaria (PÚBLICO, 6.NOV2002, p.26).

Em Portugal, nesta época de confusão, perturbação e oportunismo que se gerou à volta dos chamados «medicamentos genéricos», enquanto a «Evidence-Based Medicine» surgia nos Cursos de Medicina, bem precisamos de voltar às raízes, aos princípios, a Amato! É por isso que mais uma vez aqui estou. Obrigado a todos!

---

\* *Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.*

## DE AMATO LUSITANO A MIRCEA ELIADE - OS ELOS DE RELIGAÇÃO

Maria Adelaide Neto Salvado\*

Um dos aspectos mais fascinantes da personalidade de Amato Lusitano consiste, do meu ponto de vista, na tolerante abertura de aceitação de todos os sentimentos religiosos, independentemente da crença que lhe fervilhava no fundo da alma. Judeus e cristãos, muçulmanos ou aqueles que seguiam o caminho de Lutero, todos, sem excepção, lhe mereceram igual respeito e idêntica aceitação. Mais do que uma vez o afirmou. Sirvam de exemplo estas palavras retiradas da Cura 15 da 1.<sup>a</sup> Centúria:

«A todo aquele que tenha falado bem, Romano, Grego, Árabe ou Judeu, a esse sem dúvida se deve dar crédito»<sup>1</sup>

A afirmação da sua própria fidelidade a Deus, entrelaçada com a consciência da necessidade de urgência de diagnóstico e tratamento das doenças, explicita-a Amato nos Comentários da Cura 33.<sup>a</sup> da 1.<sup>a</sup> Centúria:

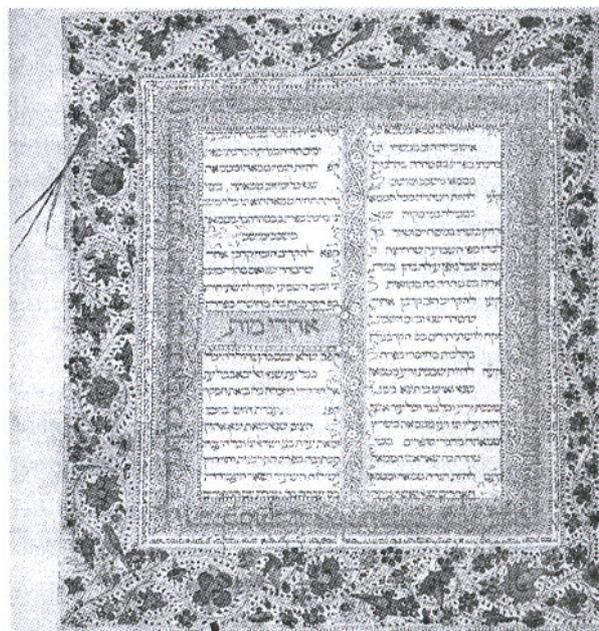
«É dever dum bom médico, fiel e temente a Deus, curar o mais rapidamente que puder, pois que o adiamento é alheio a qualquer profissão e principalmente à medida em que o adiamento e demora são perigo de vida.»<sup>2</sup>

A prática correcta de um bom médico deveria, segundo Amato, seguir uma postura moldada pela fidelidade e temor a Deus e traduzindo-se na busca da cura rápida para os doentes e pela rejeição de um alongamento propositado da doença.

Foi essa a via seguida por Amato ao curar, em apenas dois dias, Diana, a mulher de um canteiro que o procurou sofrendo de uma forte cólica. A dor, provocara-a um ataque de lombrigas. Escreveu Amato:

«Um médico desumano podia alongar por tempo a doença desta mulher e retê-la na expectativa». E acrescenta: «(...) mas reconduzimo-la à saúde apenas em dois dias, com segurança, alegremente, como deve fazer qualquer médico consciencioso».

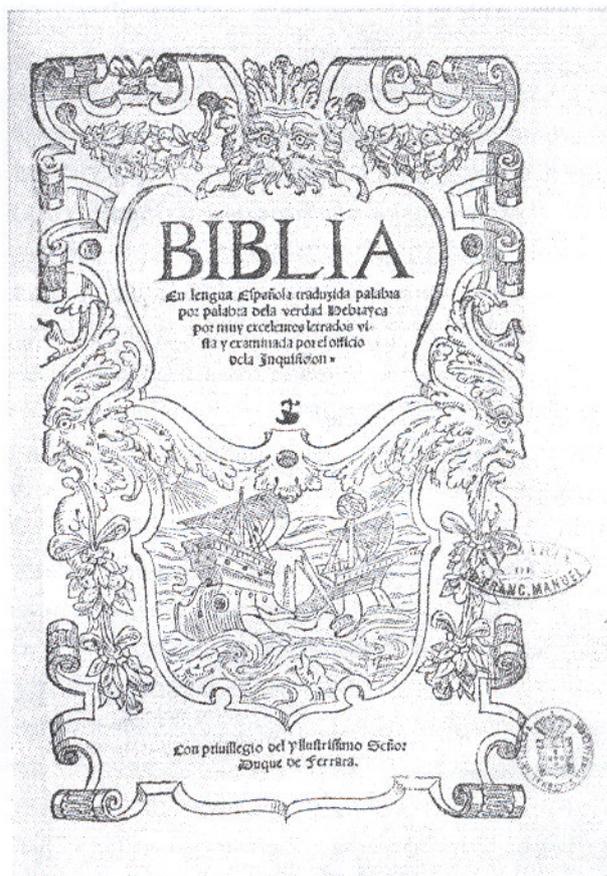
Mas qual seria a crença religiosa de Amato Lusitano? A referência nas *Centúrias* a ritos religiosos encontra-se apenas na cura 9 da 1.<sup>a</sup> Centúria. A Cura, intitulada “*Em que se trata dum esfacelo, isto é, duma chaga que destrói o cérebro*”, relata o caso de um jovem hebreu de 27 anos chamado Alizalaín, que



Bíblia de Abravanel (manuscrito-séc. XIV e XV)

morreu 48 horas depois de se lhe ter declarado uma grave doença. Ao reflectir sobre as causas que haviam contribuído para o desencadear da doença, escreveu Amato:

«Para melhor se conhecer esta afecção, é bom saber que este jovem era de temperamento sanguíneo e que, quarenta dias antes da sua morte, tivera muitas vigílias porque estivera muito ocupado em preces divinas que os hebreus naqueles dias costumam consagrar a Deus durante a noite»<sup>3</sup>



Bíblia Hebraica (em língua espanhola traduzida palavra por palavra pela verdade hebraica...). Chamada *Bíblia de Ferrara*, local da sua edição. A 1.ª edição dedicada a Dona Gracia Nasi.

E, no final desta Cura, expressando a dor pela perda de um jovem promissor na flor da idade, uma outra referência a Deus surge da pena de Amato, reveladora, me parece, duma certa submissão à vontade divina:

«É todavia de grande conforto para os seus amigos o facto de ter vivido santamente e ter morrido inocentemente, naquele dia em que os judeus aconselham a pedir a Deus perdão para os seus pecados».

Igualmente no início da Cura 42 da IV Centúria, “De vários sintomas melancólicos e ao mesmo tempo de temperaturas em luta em vários órgãos”, encontra-se um outro testemunho onde Amato expressa uma clara submissão à vontade de Deus. Diz ele, ao relatar o encontro com um velho amigo:

«Ao encontrar há dias por acaso um dos meus mais íntegros amigos (que vive agora em Roma em circunstâncias tristes, por vontade de Deus, que tudo conhece)...»<sup>4</sup>

Independentemente de qual tenha sido a sua adesão

a uma crença específica, fosse a de judeu convicto, ou a de um cristão-novo norteado por um sentimento mais profundo do Cristianismo que o de uma conversão apressada, certo é que pelas Centúrias perpassa uma palpável religião a Deus, um subtil sentimento do transcendente que aflora e se afirma nas invocações a Deus proferidas por Amato Lusitano em circunstâncias diversas da sua atribulada vida.

O número dessas referências ao Divino varia de Centúria para Centúria, ocorrendo, muito possivelmente, em circunstâncias ditadas ou por uma profunda inquietação interior, ou em situações limite de uma vivência de desesperança ou, ainda, naquelas em que Amato sentia despontar uma renovada Esperança.

Por sete pontos se repartem as invocações a Deus feitas por Amato nas Centúrias:

- **Invocação da protecção divina para a realização de um trabalho:** Cura 58 da 4.ª Centúria e Curas 100 e 53 da 6.ª Centúria);

- **Reconhecimento a Deus pelo bom sucesso dos métodos aplicados na cura dos doentes:** Cura 67, 2.ª Centúria; Cura 67 da 3.ª Centúria; Curas 14, 44 e 84 da 4.ª Centúria; e Curas 15 e 78 e 98 da 7.ª Centúria;

- **Invocação do testemunho de Deus:** Cura 70 da 5.ª Centúria;

- **Invocação do testemunho de Deus na tomada de uma decisão** - Cura 70 da 5.ª Centúria;

- **Louvor a Deus pela obra da Criação:** Cura 13 da 3.ª Centúria;

- **Invocação da protecção Divina no afastamento da peste:** Curas 15 e 74 da 3.ª Centúria;

- **Invocação da protecção de Deus no prolongamento da vida de um amigo:** Dedicatória da 5.ª Centúria;

- **Invocação da protecção de Deus no reinício da sua nova vida em terras da Macedónia:** Cura 100 da 7.ª Centúria.

De todas estas diversificadas invocações, as mais numerosas prendem-se com o reconhecimento a Deus pelo sucesso dos seus métodos terapêuticos e dos seus esforços na luta contra a doença e a morte.

Na Cura 67 da 2.ª Centúria, intitulada “*De mania proveniente da oclusão de uma chaga*”, conta Amato o caso de um homem que o procurou sofrendo de desfeante chaga que há muito o atormentava. Receitou-lhe Amato um unguento e a chaga fechou

em poucos dias. Mas, na sequência deste facto, o homem perdeu o juízo. Relacionando o fecho da chaga com esta inquietante circunstância, Amato mandou que de novo lhe abrissem a ferida e conta:

«Mandei que lhe abrissem de novo a ferida, com o que desapareceu a perda de juízo e o fizemos voltar à antiga saúde, por vontade de Deus».<sup>5</sup>

Igualmente na cura 67 da 3.<sup>a</sup> *Centúria*, “*De um atacado de pleurite com sânie na urina*”, que relata um caso de pleurite que inesperadamente atacou um mercador de Ariminio com uma gravidade tal que o colocou às portas da morte. Durante sete dias Amato cuidou do doente recorrendo a uma diversidade de medicamentos, que pormenorizadamente indica. Só ao fim do 6.<sup>o</sup> dia o doente começou a melhorar e diz Amato:

«Tinha as forças tão debilitadas que, passado o 7.<sup>o</sup> dia, foi necessário dar-lhe não só migas de pão simples (puro), num caldo de frango, mas até a própria carne. Finalmente, com a ajuda de Deus, ficou de todo livre da pleurite»<sup>6</sup>

Também na Cura 15 da 7.<sup>a</sup> *Centúria*, “*De ambas as desinterias e a razão por que nelas muito ajuda a extracção de sangue e, ao mesmo tempo, do fluxo estercorário*”, Amato expressa o seu reconhecimento a Deus na ajuda da cura de uma grave doença. Tratava-se, neste caso, de uma doença intestinal de que sofria um homem chamado Salomão Machorro. Atacado primeiramente por uma febre elevada e desinteria passou diz, Amato “a expulsar matérias excrementícias duras, secas, e de grande tamanho, como a de burros”. E acrescenta:

«Para facilmente as expulsar bebia, a meu conselho, caldos bastante gordos e, finalmente, com misericórdia de Deus, ficou de boa saúde após difícil convalescença».<sup>7</sup>

No entanto, embora as invocações de reconhecimento a Deus se repartam por todas as *Centúrias*, é na 4.<sup>a</sup> *Centúria* que elas ganham maior expressão.

Sirva de exemplo a Cura 14, desta 4.<sup>a</sup> *Centúria*, intitulada “*De sarna e alopecia*”. Nela conta Amato o caso de um rapaz de 17 anos de nome Símon, que sofria de dores de cabeça e de sarna. Amato medicamentou-o. O rapaz melhorou, mas começou a cair-lhe o cabelo. Amato recorreu então a um decocto de pau gaiuaco, raspou-lhe a cabeça com navalha e esfregou-lha com uma pomada feita à base de gordura de urso, amêndoas amargas e casca de raízes queimadas. O rapaz curou-se.

Nas considerações que Amato tece a este caso e à diversidade de remédios usados contra a queda de

cabelo faz sua uma citação de Galeno:

«... os remédios nada são por si, avaliam-se pela mão de Deus. Nada são quando o médico os não usa acertadamente. Avaliam-se pela mão de Deus se, como convém, forem acertada e oportunamente aplicados».<sup>8</sup>

Na Cura 44 desta mesma 4.<sup>a</sup> *Centúria*, intitulada “*De uma aflição simultânea de podagra, náuseas e estado subversivo do estômago*”, refere Amato os males sofridos por D. Vicencio de Nobilis, sobrinho do Papa Júlio III. Amato devolveu-lhe a saúde com um decocto de raiz da China.

Relatando o êxito da terapia utilizada, Amato recorda a dedicatória do “verdadeiro” método de preparação deste decocto e o modo de o receitar, que fizera justamente ao tio do doente, o papa Júlio III, e com o qual lhe devolvera a saúde:

«A forma de o propinar já a tínhamos dedicado um ano antes a este ilustríssimo senhor, com a ajuda da Providência divina».<sup>9</sup>

A coincidência não deixa de ser curiosa ...

A invocação da protecção de Deus no prolongamento da vida de um amigo ressalta na dedicatória da 5.<sup>a</sup> *Centúria*, que Amato endereça ao banqueiro hebreu José Nassim. Salientando o significativo papel desempenhado por José Nassim na protecção aos homens de cultura, bem como o prestígio e a influência de que gozava este banqueiro hebreu, nascido em Portugal, na corte de Solimão, Imperador dos turcos, escreveu:

«Por isso, que Deus Todo Poderoso te guarde, por muito tempo, incólume e são, para nossa felicidade».<sup>10</sup>

O louvor a Deus pela obra da Criação ressalta na Cura 93 da 3.<sup>a</sup> *Centúria* intitulada “*De um fleimão implantado na boca do estômago*». Relata Amato nesta Cura os males de um jovem mercador de 33 anos que o procurou sofrendo de febre elevada e de uma aguda e contínua dor na boca do estômago. Amato diagnosticou-lhe um fleimão, “doença cruel e mortífera”, como ele próprio lhe chamou. Durante vinte longos dias, diversificados foram os tratamentos: emplastos, sangrias, clisteres, que levaram ao rebentamento do fleimão. A pouco e pouco, a saúde voltou ao jovem mercador. Ora, nos comentários a esta Cura, Amato justifica a malignidade da doença deste modo:

«Um grande prejuízo vai para todas as partes do ser vivo quer o alimento não tenha sido submetido a boa concocção, quer não tenha sido directamente transformado em sangue».<sup>11</sup>

Relevando o papel do estômago nesta acção, cita o

poeta Quinto Sereno que chama a este órgão “o príncipe e rei de todo o organismo”. E, neste contexto, Amato Lusitano enaltece a maravilha da Criação Divina, e fá-lo nestes termos:

«O artífice providentíssimo que é Deus Omnipotente, colocou-o no meio do organismo como receptáculo dos alimentos e da comida ou dispensa farta, para que os outros órgãos, no momento de precisarem lhe pedirem e tomarem para si próprios».<sup>12</sup>

Relativamente à invocação da protecção divina para a realização de um trabalho, ela encontra-se dispersa por várias das *Centúrias*. Assim, na Cura 58 da 4<sup>a</sup> *Centúria*, intitulada «*De Choirades, isto é, Escrófulas, e também de nodosidades*», relata Amato o modo como, nos anos de 1552 e 1553, tratou mais de uma dezena de rapazes atacados destas nodosidades, extraindo-as através de uma pequena cirurgia feita à navalha ou aplicando-lhes um sublimado forte no caso da nodosidade se encontrar mais profunda. Ora, chegando ao conhecimento de Amato que um cirurgião de Bolonha descobrira um certo óleo com forte poder corrosivo e que o aplicara com êxito em Ancona na amputação de uma perna, escreveu Amato:

«Deste óleo, e semelhantes, diremos mais e melhor em curas seguintes, se Deus permitir»<sup>13</sup>

Um outro pedido de ajuda divina surge na Cura 53 da 6<sup>a</sup> *Centúria*, intitulada “*De vertigem que os gregos chamam Scótoma*”. Relata-se nesta Cura o caso de um homem de 38 anos, de nome Marino, que sofria de vertigens. O mal que se arrastava havia já três longos anos, agudizou-se, e o homem recorreu então aos cuidados de Amato. Prescrevendo-lhe um saudável regime alimentar e receitando-lhe um vinho de decocto de guaiaco em que fora fervida betónica, em 40 dias Amato devolveu-lhe a saúde.

Ora, no comentário a esta Cura Amato refere ter chegado ao seu conhecimento, através da leitura do livro *Navegações* que recentemente fora publicado em Veneza, uma notícia que relatava a cura de um grupo de marinheiros franceses que, na viagem para a Florida haviam sido atacados por um estranho mal. A recuperação da saúde, dizia a notícia, fora conseguida com o auxílio de uma árvore”, remédio que igualmente curara alguns outros marinheiros que há anos sofriam de sarna gálica. Diz Amato que presume ser essa árvore o guaiaco e, neste contexto, afirma:

«Quando, porém nos forem apresentados dados mais certos, havemos de escrever com mais minúcia sobre isso, se Deus quiser».<sup>14</sup>

Um comentário breve merece este caso relatado por Amato Lusitano. Se por um lado, a notícia extraída de um livro recentemente publicado em Veneza

confirma mais uma vez a abertura e receptividade de Amato à novidade e à inovação de novos métodos terapêuticos que as descobertas do novo mundo e o contacto com outras realidades culturais possibilitavam, por outro a advertência de Amato de que somente escreveria sobre o caso quando conseguisse informações mais minuciosas, deixa transparecer, como acontece em tantos outros casos, a atitude da busca de rigor científico de um esclarecido homem do Renascimento.

Um outro testemunho desta invocação encontra-se na cura 67.º da *Centúria*. Conta Amato nesta Cura o caso de um homem natural de Forli, que aportou a Ancona, preso de graves padecimentos. Baseado em vários sintomas, Amato Lusitano diagnosticou-lhe uma pleurite, inflamação na “membrana externa que cinge as costas e os músculos intercostais», para usar as suas palavras.

Ora, é relativamente ao papel dos músculos intercostais que Amato dá conta da opinião de Galeno e da opinião contrária de André Vessálio expressa no *De Humani Corporis Fabrica*. E é acerca desta divergência de opiniões entre Galeno, o considerado príncipe da Medicina desde a Antiguidade, e André Vessálio, o conceituado médico do poderoso imperador Carlos V, que Amato Lusitano declara a sua intenção de escrever a sua própria opinião sobre esta divergência e comentar a ideia de Vessálio e fazendo-o nos seguintes termos:

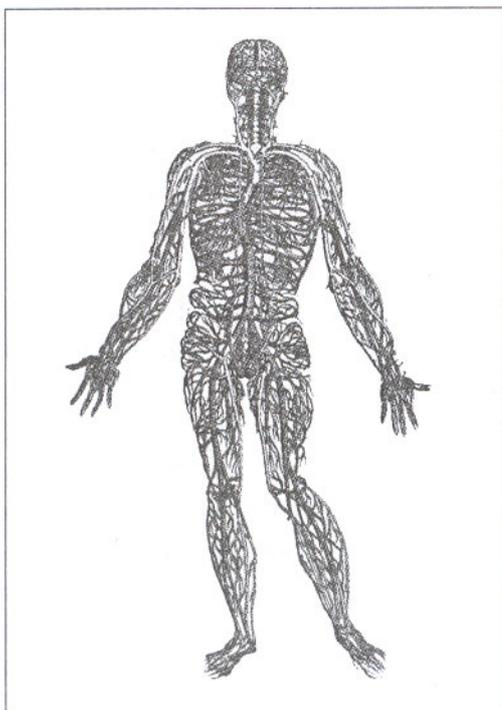
«Exporemos noutro lugar se procedeu acertadamente, no caso de Deus todo poderoso aprovar os nossos desejos».<sup>15</sup>

Pena é que não chegasse até nós o comentário de Amato às ideias de Vesálio acerca do assunto. Na época, as reacções à obra de Vesálio e, sobretudo, o seu questionamento acerca das ideias de Galeno, fundadas, segundo ele, em observações de animais e não no ser humano, suscitou imensa controvérsia nos meios médicos da época. No entanto, as precisas descrições dos ossos, dos músculos e das suas funções no *De Humani Corporis Fabrica*, iriam contribuir significativamente para um melhor conhecimento do corpo humano.

Mas qual seria a opinião de Amato Lusitano a este propósito?

A invocação do testemunho de Deus na tomada de uma decisão prende-se, igualmente, com uma discordância em relação a uma opinião de André Vesálio. Surge na Cura 70 da 5<sup>a</sup> *Centúria*. Nesta Cura intitulada “*Em que se diz que os prolongamentos da veia Azigos, isto é, da veia sem par, se ligam às ramificações da veia cava que alimentam as partes interiores do tórax*”, refuta Amato Lusitano a opinião de André Vesálio acerca da exclusividade da abertura da veia axilar direita em caso de diagnóstico de uma pleurite, independen-

temente da doença se declarar na região direita ou esquerda do corpo. Discorda Amato desta exclusividade proposta por Vesálio, justificando-se e afirmando que, nos corpos humanos que dissecou com cuidado, descobriu “que as veias que dão para esta veia sem par, não mais voltam nem se prolongam para fora”. Por esta razão, conclui Amato que, em caso de pleurite, não se deve seguir a indicação de Vesálio, mas sim abrir-se a veia interna, à direita, no caso de a pleurite se declarar à direita, à esquerda quando ocorra do lado esquerdo.



Sistema vascular segundo Vesálio. (*De Humani Corporis Fabrica*, 3.º livro). O arranjo complexo das veias, embora exaustivo, não está completamente liberto da influência de Galeno. A veia cava está representada como um vaso contínuo.

Embora reconhecendo o grande mérito e a merecida fama de Vesálio como anatomista, Amato Lusitano não se escusa de o contestar para repor a verdade acerca dos mistérios da circulação do sangue no corpo do Homem. É neste contexto que invoca Deus como testemunha de que foi forçadamente que se referiu às opiniões de Vesálio:

«Todavia é forçadamente (Deus seja testemunha) que eu trago a público a opinião dele».<sup>16</sup>

Na Cura 100 da 7.ª Centúria, escrita em Salonica encontra-se o pedido de Amato da protecção Divina em terras da Macedónia.

Nos comentários a esta Cura, intitulada “*Em que se ensina que numa terça contínua o calafrio poderá surgir também no terceiro dia, e ao mesmo tempo como surgem os circuitos nas febres interpoladas,*

*tanto segundo a Doutrina de Galeno como de Avicena*”, Amato expõe, à maneira de diálogo travado entre si e um personagem de nome Alamanus, o modo como surgem as febres interpoladas segundo as doutrinas de Galeno e Avicena.

E é na boca de Alamanus que Amato Lusitano coloca os seus próprios desejos de ir viver em saúde e paz na terra da Macedónia. Escreveu ele, em resposta ao pedido feito a Alamanus de uma próxima visita:

«Virei sem dúvida, conquanto Deus, óptimo e magnífico, nos deixe viver com saúde nesta Macedónia, outrora senhora do Império das terras».<sup>17</sup>

Salonica transformara-se, nessa convulsiva Europa do século XVI, numa nova terra prometida. Essa ideia adquiriu a força de um mito. A evocação de Salonica feita por Samuel Usque (escritor português do século XVI), é disso exemplo:

«É a mãe de Israel que se veio fortalecer nas bases da religião, que produz excelentes plantas e árvores de fruto, como outras não há em todo o mundo (...). Os judeus da Europa e de outros países, perseguidos e banidos, vieram aqui à procura de um abrigo e esta cidade recebeu-os com amor e cordialidade, como se fosse a nossa respeitável mãe Jerusalém».<sup>18</sup>

Segundo Esther Benbassa e Aron Rodrigues «toda a historiografia judaica está influenciada por esta visão edílica que coloca num pedestal os soberanos otomanos e mitifica o acolhimento reservado aos sefarditas». Certo é que, entre 1520 e 1530, Salonica se afirma entre todas as cidades do Império Otomano como aquela cuja população é maioritariamente judaica, pois o número de lares judeus ascende a 2.845 contra apenas 1.229 de lares muçulmanos e 989 de lares cristãos.

Não será, pois, de estranhar que Amato Lusitano, cansado da sua errante vida, tecida de perseguições e desencontros, pensasse encontrar nesta cidade um lugar de paz e estabilidade.

E foi aqui que a morte veio ao seu encontro... Acerca da intervenção divina no afastamento da malignidade da doença sirvam de exemplo para além da Cura 98 da 7.ª Centúria, duas Curas da 3.ª Centúria: a Cura 74 e a Cura 15. Em relação à Cura 98 da 7.ª Centúria, intitulada “*De uma terça que atacava a boca do estômago com abundante humor cru, quase sempre mortal, chamado por Avicena febre sincopal humerosa*”, dá conta do caso fatal de Judas Abarbanae, neto de Leão Hebreu, que, contrariando a opinião de Amato, optou por beber uma purga receitada por um indivíduo (cujo nome não é revelado), acabando por falecer. Longo e pormenorizado comentário a este caso mortal escreveu Amato Lusitano, talvez por se tratar do neto de um amigo, talvez por o tratamento que

havia iniciado ter sido subestimado pelo doente, circunstância que lhe viria a ser fatal. Expondo com minúcia todas as opiniões de Hipócrates, Galeno e Avicena, acerca dos métodos a utilizar no tratamento da doença que vitimara Judas Abarbanae e, embora reconhecendo não ser de estranhar que as terças espúrias, quando agravadas com a chamada “afecção sincopal da boca do estômago”, vitimassem muita gente em Salonica e noutros lugares, conclui com uma invocação da protecção de Deus a todos os doentes atacados por este mal:

«Esperamos, todavia, que, após isto, semelhantes doentes venham a sobreviver, contando que os médicos se tornem atentos a Galeno, se nenhum destes vier a perigar, o que Deus Onnipotente permita».<sup>19</sup>

Quanto às invocações da 3.<sup>a</sup> Centúria, a primeira, surge na Cura intitulada “*De febre maligna mortali*”, relata o caso de Samuel Segnior, um jovem forte e robusto que, atacado por uma febre altíssima, morreu no espaço de sete dias. Nos comentários a esta Cura, Amato tece longamente várias considerações acerca desta febre mortífera e, seguindo Galeno, afirma que o grau de morbidade da febre ocorre quando o ar inspirado se infecta de podridão e esta chega ao «corpo do coração». E interroga:

«Que remédio se descobrirá para a podridão que se apodere do corpo do coração?»<sup>20</sup>

Ora, é acerca destas febres (que pelo ano de 1552, grassavam em Ancona) que surge o pedido da intervenção de Deus. Escreveu Amato:

«As febres deste ano de 1552 devem-se considerar oriundas de doenças vulgares, pois que atacaram muita gente em Ancona e se Deus poderoso não afastasse o furor delas, tal doença deveria chamar-se peste, pois, muitos morreram dela rapidamente».<sup>21</sup>

A Cura 15 reporta-se a um acontecimento ocorrido um ano antes.

Vivia-se nesse ano em Ancona um tempo de forte canícula. Trouxeram a Amato uma criança de 6 anos “atacada de torcimento da boca com tremores de todo o corpo”.

Acabou por se lhe revelar um ataque de varíola.

Nos comentários a este caso, Amato apresenta várias opiniões acerca da varíola e do sarampo e do número de vezes que estas doenças poderiam manifestar-se no homem. Diziam os autores antigos que a varíola era provocada pela sujidade do sangue de que o feto se alimentava. Muitos médicos do Renascimento continuavam a perflhar esta ideia, defendendo que apenas uma vez na vida podia o Homem

contrair varíola e sarampo. No entanto, outros médicos não excluía a existência de causas diferentes afirmando, pelo contrário, que o Homem poderia sofrer de varíola e sarampo várias vezes na vida.

Com estes últimos se identificava Amato Lusitano, que escreveu:

«A experiência que é a mestra das coisas, confirma a verdade disto».<sup>22</sup>

É no reforço destas palavras ditadas pela corrente de pensamento que marcou o Renascimento e a que se chamou Experencialismo que Amato Lusitano invoca a protecção de Deus no afastamento da peste da cidade de Ancona: «A estas causas, junta-se o infeccionamento do ar, quer este proceda de causa particular, quer provenha de causa geral celeste, como aconteceu em Ancona, neste ano de 1661, cidade em que todas as crianças e alguns adultos que haviam já tido a varíola e o sarampo. De novo caíram nelas, pressagio realmente que Deus todo poderoso afaste de peste futura».<sup>23</sup>

#### **Mircea Eliade - A religião, a doença e a morte em Portugal na década de 40**

As palavras de Amato Lusitano nesta Cura 15 («A experiência que é a mestra das coisas, confirma a verdade disto»), embora escritas séculos antes e no contexto que relatámos, ajustam-se plenamente a uma afirmação de Mircea Eliade contida no livro *O Sagrado e o Profano*:

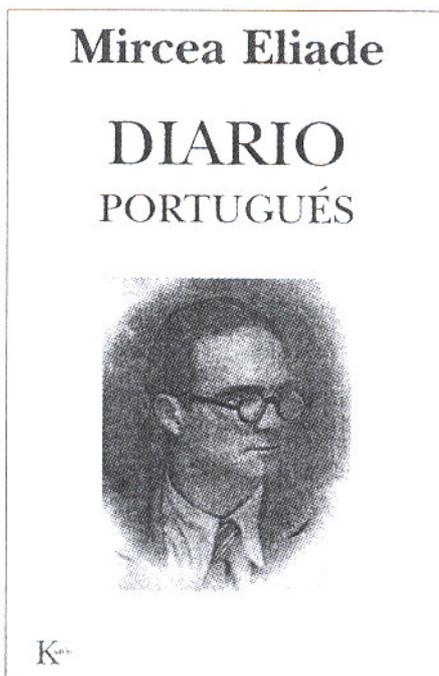
«A religião é a solução de toda a crise existencial».<sup>24</sup>

Ocorreu-me esta relação ao ler as dolorosas experiências vividas por Mircea Eliade aqui em Portugal nos anos 40 e por ele relatadas nalgumas páginas do Diário que então escreveu e que recentemente foi traduzido em Espanha.

Mircea Eliade, considerado um dos maiores historiadores das religiões do nosso tempo, nasceu em Bucareste. Autor de uma vasta obra científica (na qual se salienta entre dezenas de outras, *O Sagrado e o Profano*, *O Mito do Eterno Retorno*, *Tratado de História das Religiões, Mito e Realidade*, *História das Crenças e das Ideias Religiosas*), foi professor na Universidade de Bucareste e na Sorbonne, em Paris, e, desde 1957 até à sua morte, regeu a cadeira de História das Religiões na Universidade de Chicago. Em Abril de 1940 foi enviado a Londres como adido cultural junto da delegação da Roménia e em Fevereiro de 1941 é transferido para Lisboa como conselheiro cultural da Embaixada romena. Em Lisboa permaneceu de 1941 a 1945, nesses que foram os anos mais cruciais da sua vida. A 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial varria a Europa com a sua onda de terror e desolação. A Roménia alinhara com a Alemanha hitleriana e o Japão. Mircea Eliade sentiu duramente a ruína

aliança do seu país, acrescida de uma dor mais funda: por esses angustiantes anos da guerra, em Lisboa, sua mulher, que muito amava, adoeceu gravemente. Chamava-se Nina e sofria de cancro.

Ora, em várias páginas do Diário, onde registava acontecimentos e factos que lhe marcavam o quotidiano, Mircea Eliade desvela de forma dolorosa e pungente a sua angústia quanto à evolução da doença, deixando simultaneamente transparecer uma



forte crença religiosa que o amparou e não deixou soçobrar no abismo da desesperança.

Escreveu Mircea Eliade a 19 de Setembro de 1944, dia em que Nina fora internada numa clínica que, na época, existia em Montachique nos arredores de Lisboa:

«Estou procurando uma terapêutica com desespero. Creio que salvo a Mãe de Deus, não posso esperar nada».<sup>25</sup>

E nas páginas de 1 de Outubro de 1944:

«Ontem consultei Damas Moura e o professor de ginecologia Neves (...) À última hora fizeram-lhe uma transfusão de sangue, 500 gr. de sangue português. Nunca a senti mais unida a mim como nessas terríveis horas. Ensinei-lhe a repetir mentalmente: “Senhor, Senhor”, tantas vezes quanto pudesse. Eu mantenho a calma rezando o Pai-Nosso, todos os que posso».<sup>26</sup>

Afirmava-se então em Portugal a devoção a Nossa Senhora de Fátima. Mircea Eliade não escapou ao fascínio desse farol de esperança. Morava ele no n.º 147 da Av. Elias Garcia, bem perto da igreja erguida em Lisboa sob a invocação da Virgem de Fátima. Das

janelas do salão da casa e do quarto avistava-se a igreja. Quando Nina regressou da clínica de Montachique, foi perto da janela do salão que Mircea Eliade colocou a cama da doente. As razões explica-as ele na página do *Diário* escrita a 29 de Dezembro de 1944, já depois da morte de Nina:

«Os dois tivemos uma ilimitada fé em Nossa Senhora de Fátima. Nos 8 meses da enfermidade, sempre que havia missa na igreja, pedia a Nina que rezasse e ela rezava. A 13 de Outubro, pela noite, quando começava a procissão das velas, Nina olhava desde a cama e os dois nos púnhamos a rezar. Ela fizera uma promessa, ir a Fátima em peregrinação quando se curasse. Deveria ter ido a 13 de Outubro, porém então surgiram-lhe as escrofuloses com dores profundas».<sup>27</sup>

Recorda Mircea Eliade ter saído à rua nessa noite desesperado, e deste modo descreve o seu estado de alma:

«Rodeei o bairro de S. Sebastião e, vendo ao passar luz na igreja, entrei. Eram 4 da manhã e justamente estavam celebrando uma missa pelas mulheres enfermas. Acreditei que seria um bom sinal».<sup>28</sup>

Mas Nina acabou por morrer deixando Mircea Eliade mergulhado em profunda dor. No entanto, a sua fé não esmoreceu. E, cumprindo o voto de Nina, no ano seguinte, a 18 de Março de 1945, parte em peregrinação a pé para Fátima. Lê-se na página do seu *Diário* desse dia:

«Será um caminho de 180 Km. Espero muito desta peregrinação, que faço pelo descanso da alma de Nina e pela salvação da minha integridade espiritual».<sup>29</sup>

A peregrinação foi rica em incidentes que, dia após dia, Mircea Eliade pormenorizadamente descreve, e, a 24 de Março desse ano de 1945, debaixo de uma chuva torrencial, chega finalmente a Fátima. Assim registou a chegada:

«(...) Chegámos a Fátima às 8. Envolve-me uma terrível tristeza ao recordar-me do que significou Fátima para nós, desde aquele dia de 13 de Novembro de 1941, quando assistimos pela primeira vez à procissão da igreja em frente à nossa casa, até aos terríveis dias de Outubro e Novembro de 1944, quando as últimas esperanças de Nina se haviam concentrado num milagre da Mãe de Deus revelada aos pastorinhos de Fátima. Com a mesma tristeza entrei na igreja, a catedral está ainda inacabada, aí rezei. A mesma tristeza ao passear por este plano desolado, fustigado hoje pela chuva».<sup>30</sup>

E no dia seguinte, 25 de Março, escreveu:

«Fátima. Levantamo-nos às 6.30 para assistir à

primeira missa na capela das carmelitas. Hoje é o Domingo de Ramos católico. Caminhámos cerca de um quilómetro debaixo de chuva e obscuridade, acompanhados por uma empregada. A igreja completamente cheia de camponeses. Durante a missa o tempo serenou. Ao sair fazia sol. Senti-me consolado mas sem muita alegria».<sup>31</sup>

Com este estado de espírito Mircea Eliade abandonou Fátima.

Corria o ano de 1945, a guerra aproximava-se do fim. A 13 de Setembro, Mircea Eliade parte de Lisboa. Quatro anos e sete meses vivera ele em Portugal. Foram estas as últimas palavras que escreveu no seu *Diário português*: «Aqui ficam Nina, uma oitava parte da minha vida e muitíssimos sofrimentos».

Intitulei esta comunicação: «*De Amato Lusitano a Mircea Eliade - os elos de religião*» pois me parece que em ambos estes homens (um brilhante médico do século XVI, o outro grande historiador das religiões do século XX) existiu igual inquietação interior, apaziguada em várias circunstâncias de dor e sofrimento por uma tentativa que ambos tentaram de uma religião ao Divino.

As ligações entre *Medicina e Religião* foi o tema escolhido para estas Jornadas.

Recordo, por isso, as palavras de Amato na Cura 84 da 4.<sup>a</sup> *Centúria*, quando, ao referir a postura dos que presenciaram a cura do rapazinho de Monte Seguro que sofrendo de uma hérnia aquosa escapou à morte depois de uma delicada e complexa intervenção cirúrgica, escreve:

«No dia seguinte tanto o escotro como a mândula tinham desinchado o que levou todos os presentes a dar louvores a Deus Omnipotente, elogiando com actos de admiração a arte da medicina».<sup>32</sup>

\* *Geógrafa. Investigadora.*

1 - Amato Lusitano, *Centúrias de Curas Medicinai*, Lisboa, Edição da Universidade Nova de Lisboa, vol. I, p.96. Tradução de Firmino Crespo. Daqui são feitas todas as transcrições.

2 - vol. I, p. 172.

3 - vol. I, p. 80.

4 - vol.IV, p. 74.

5 - vol. II, p.125.

6 - vol. II, p.286.

7 - vol. IV, 228.

8 - vol. III, p.39.

9 - vol. III, p. 88.

10 - vol. III, p.

11 - vol. III, p. 325.

12 - ibidem.

13 - vol. III, p.

14 - vol. IV, p. 127.

15 - vol.II, p. 282.

16 - vol. III,

17 - vol. IV, p. 368.

18 - BENBASSA, Esther, RODRIGUE, Aron, *História dos Sefarditas*, Instituto Piaget, 2000, p.76.

19 - Amato Lusitano, ob. cit., vol. IV, p.353.

20 - vol. III, p.293.

21 - vol. III, p.295.

22 - vol.II, p.198.

23 - vol. II, p.199.

24 - ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, pp. 102 - 105.

25 - ELIADE; Mircea, *Diário Português*, Barcelona, Editorial Kairós, 2001, p. 138

26 - Ob., cit, p. 142.

27 - Ob., cit, p. 163.

28 - Ob., cit. p. 163.

29 - Ob. cit., p. 217.

30 - Ob., cit, p. 222.

31 - Ob. cit., p. 222.

32 - Amato Lusitano, ob. cit, vol.III, p.135.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O MORBO GÁLICO NAS CENTÚRIAS DE AMATO LUSITANO

José Morgado Pereira\*

Introdução Histórica - A sífilis é uma doença sistêmica crônica contagiosa que, até ao apa-

recimento do síndrome de imunodeficiência adquirida (SIDA), no princípio da passada década de oitenta, era a mais grave das doenças sexualmente transmitidas ou doenças venéreas. Causada pelo *Treponema Pallidum*, uma espiroqueta, cujo hospedeiro natural conhecido é o ser humano, é uma das Trepanomatoses, pois existem outras. Predominantemente disseminado por contacto sexual (*Sífilis adquirida*) o *Treponema Pallidum* é também capaz de poder ser transmitido por uma mãe infectada ao seu feto através da placenta em qualquer estágio da gravidez (*Sífilis congénita*).

Apresenta três estádios clínicos (S.primária, S.secundária, e S.terciária ou tardia), todas separadas por um período subclínico. Destes períodos, o que ocorre entre o estágio secundário e o terciário (sífilis latente) é o mais prolongado. As manifestações clínicas são extremamente variadas e capazes no estágio terciário, de afectar qualquer sistema do corpo humano.

O nome "Sífilis" derivou do poema de Girolamo Fracastoro "Syphilis, sive morbus gallicus" (1530). O

termo sífilis só se tornou corrente no final do século XVIII, mantendo-se uma designação vaga que incluía outros sintomas para além dos da sífilis venérea, até que o pleno desenvolvimento da teoria microbiana no final do século XIX e princípio do século XX a vem clarificar e definir com precisão.

Resumo clínico da sífilis adquirida - Depois de um período de incubação de três a quatro semanas em média, surge a lesão primária (cancro duro), geralmente de localização genital e perigenital, acompanhada de tumefacção dos gânglios linfáticos regionais. Cerca de oito semanas depois, começam os sintomas clínicos da sífilis secundária, geralmente com subida da temperatura e sintomas de uma infecção generalizada. No período secundário destacam-se os exan-

temas que aparecem em diversas localizações da cara, do tronco e das extremidades, distinguindo-se várias formas de exantemas: maculares, papulares,



Tratamento da sífilis com mercúrio. (gravura séc XVII).

pústulas e úlceras. Podem surgir manifestações sífilíticas nos diversos órgãos internos e também nos olhos e ouvidos; sendo a alopecia sífilítica, quando presente, típica do período secundário. Na sífilis terciária ou tardia aparecem gomas, que podem chegar a formar grandes tumorações ou então pequenos nódulos. O atingimento do sistema nervoso central - neurosífilis - apresenta formas extremamente graves: a tabes dorsal e a paralisia geral progressiva, que atingem respectivamente a medula e o cortex cerebral.

A polémica sobre a origem da doença - A enorme difusão que a sífilis teve no século XVI não oferece contestação. Mas houve modificações na fenomenologia clínica do processo. Numa primeira fase (1495-1516), caracterizava-se por úlceras genitais, rash, destruição do palato, tumores gomosos, dores musculares, deterioração física e morte. Numa segunda fase (1516-1526) ter-se-á acentuado o atingimento das estruturas ósseas e de 1526 em diante teria diminuído a malignidade, com maior compromisso ganglionar, atenuação dos aspectos mais espectaculares e aparecimento de novos sintomas.

Houve grande polémica até aos nossos dias, entre os partidários das teses “americanas” e “europeias” da sífilis, que dividiu os mais importantes historiadores da medicina sem que tenha sido possível ultrapassar por completo certas especulações ainda não provadas. Panchon comenta que o que é incontroverso é que por volta de 1500 se produziu uma violenta irrupção de uma doença de transmissão sexual, que os médicos não reconheciam pela sua experiência anterior e que não constava da literatura médica existente.

O termo “Mal de Nápoles” tem que ver com a expedição do rei de França Carlos VIII ao entrar na Itália com um exército composto por grande número de mercenários de várias nacionalidades, sendo Nápoles a cidade que foi ocupada pela tropa a partir de 1495 e durante meses. O rei entra em Nápoles em Maio e as primeiras descrições da doença parecem datar de Julho de 1495. Menos de dez anos após o aparecimento do “Mal de Nápoles”, a Europa inteira está atingida pela epidemia. Curiosamente cada país atingido dá um novo nome ao mal, em geral do vizinho suspeito de ter sido o contaminador. Assim os Franceses chamam-lhe “Mal de Nápoles”, os Italianos “Mal Francês”, os Russos “Mal Polaco”, os Polacos “Mal dos Alemães”, os Alemães “Mal Francês” e também os Ingleses “French Pox”. Flamengos e Holandeses falam do “Mal Espanhol”, como os Magrebis. Os Portugueses dizem “Mal Castelhana”, mas os Japoneses e povos das Índias Orientais, “Mal Português”, etc.

Segundo Fracastoro, o pastor Syphilus, tendo ultrajado o Deus Sol, foi punido com esta doença.

Outros ainda acrescentam que o termo sífilis é formado de duas palavras gregas que significam “Amor imundo”.

No século XVI, os médicos a despeito de falarem de acordo com a impregnação humoralista (Hipocrático-Galénica), descreveram muitos sintomas, aperceberam-se do contágio sexual, alguns até da propagação no organismo de “pequenas coisas vivas e invisíveis”, outros de reinfecções, outros da progressão através de vários estádios. Outros não deixaram de dizer que o mal é resultado de deboche e portanto ofensa a Deus.

Alguns casos do Morbo Gálico nas Centúrias de Curas Mediciniais

*Cura 26 da primeira Centúria* - Dum tumor cirroso galicano numa perna

*Cura 49 da primeira Centúria* - De alguns infectados de sarna galicana

Este caso é um dos mais importantes exemplos das centúrias em que se descrevem em pouco tempo, contágios sucessivos, dentro e fora da família, provenientes de um Morbo Gálico aparentemente curado. Descrevem-se também lesões diversas como gomas, pústulas e úlceras. A evolução de todos estes casos foi diversa, desde a morte até à cura, com utilização do guáiacó ou unguento feito por substâncias aromáticas e mercúrio.

*Cura 50 da primeira Centúria* - Dum caso de Morbo Galicano

Em que é referida uma criança com exantemas generalizados que morreu em poucos dias

*Cura 54 da primeira Centúria* - Do Morbo Gálico com líquenes

Apresentando um exantema papuloso.

*Cura 4 da terceira Centúria* -

Em que são descritas lesões de tipo chagas e pústulas que são agravadas pelo abuso da ingestão de vinho. Foi curado com a utilização de pau guáiacó ou pau de bucho.

*Cura 15 da quarta Centúria* -

Em que uma mulher se encontrava muito debilitada com abundância de pituita e outros humores contraídos pelo Morbo Gálico. Foi curada com a utilização do pau guáiacó.

*Cura 55 da quarta Centúria* - De chagas Gálicas surgidas no joelho

Em que uma mulher apresentava úlceras infectadas, sendo curado com a utilização de decocto de guáiacó que bebeu durante 30 dias.

*Cura 69 da quarta Centúria -*

Aqui, em que um frade apresentava Morbo Gálico e também gonorréia, sendo descritas lesões genitais ulceradas e também pústulas malignas, alopecia, escrevendo Amato nos comentários que a continuação da infecção chega a provocar abscessos e defeitos ósseos e afirmando que este frade sofria de tudo o que respeita ao Morbo Gálico, descrevendo lesões que hoje considerariamos primárias secundárias e terciárias. Foi tratado também com o decocto de guáiacó.

*Cura 22 da quinta Centúria -*

Em que um rapaz apresentava pústulas em todo o rosto e outras partes do corpo, foi untado com um unguento mercurial e nesta cura são descritos os inconvenientes da utilização dos derivados mercuriais “Chagas na boca, cospem muito, não falam, dificuldade de deglutição de líquidos, os dentes abanam e tornam-se negros e têm hálito fétido, Amato acrescenta que grande parte destes males podem ser anulados por meio de pílulas ou purgantes dados em momento oportuno.

*Cura 25 da quinta Centúria -*

Do Morbo Gálico que apanhava a parte interior do nariz - que foi tratado com decocto de rubo viticoso, a conhecida salsaparrilha.

*Cura 49 da quinta Centúria -*

Em que um jovem apresenta pápulas generalizadas, sendo tratado com decocto de raiz-da-china.

*Cura 56 da quinta Centúria -*

Em que um homem apresenta úlceras frequentes, dores intensas, pápulas e febre, foi purgado e tratado com raiz-da-china, melhorou bastante, mas como se não julgasse completamente bom foi procurar outro médico que lhe aplicou um unguento mercurial que lhe fez “escarrar pela boca toda a matéria do corpo”.

*Cura 60 da quinta Centúria -*

Uma mulher curada de úlceras Gálicas com utilização do decocto de guáiacó.

*Cura 22 da sexta Centúria - Sarna Gálica*

Apresentação de úlceras e pápulas na face e nas palmas das mãos, tratadas com dieta e decocto da raiz dos chinas.

*Cura 43 da sexta Centúria -*

Apresentava dores intensas, úlceras, dores de cabeça, aumento do volume dos gânglios, tratado com decocto de pau guáiacó.

*Cura 48 da sexta Centúria - De marido e mulher infectados de Morbo Gálico*



Venda de pau guáiacó (gravura séc. XVI)

Apresentando o marido rubor e deformação da face e do nariz e a mulher tumor cirroso na cara, dor e fraqueza geral. O tratamento foi diferente dada as diferenças de temperamento derivadas da teoria dos humores, sendo o marido tratado com sangria e decocto de guáiacó e a mulher com decocto da raiz dos chinas.

*Cura 85 da sexta Centúria -*

Um caso de uma úlcera no palato tratada com decocto de salsaparrilha e gargarejos com leite. Há uma enorme frequência de casos de Morbo Gálico nas Centúrias, que não vale a pena mencionar exhaustivamente;

*Cito apenas dois casos de surdez adquirida e também a cura 4 da quarta Centúria cujo título é “De alopecia, hoje sinal certo e indubitável do Morbo Gálico”...*

**Aspectos terapêuticos** - Conforme se pode constatar ao ler as diversas curas, Amato Lusitano recorria frequentemente a sangrias, purgas, unguentos, fricções, lavagens, gargarejos, cáusticos e tópicos de diversos tipos que geralmente tinham como fundamento a expurgação de humores de acordo com a teoria humoralista dominante. Por outro lado, como se constatou também, impôs-se a utilização do guáiacó, decocto da árvore guáiacó, oriunda das Antilhas, mas depois surgiu o tratamento com mercúrio. O dito “Uma noite com Vênus, toda a vida com Mercúrio” é elucidativo. No século XVI, aplicava-se de forma tópica, como bálsamo, unguento, pomada; mais tarde ingeria-se, mas o mercúrio tinha terríveis efeitos, corroía as mucosas, desinseria os dentes dos alvéolos, corroía a mandíbula, convertendo a boca do paciente numa enorme úlcera e provocando salivacção contínua. Amato usa também a raiz dos chinas, trazida de Goa pelos navegantes portugueses em 1549. Quem

primeiro a trouxe para Portugal foi Vicente Gil de Tristão, como nos informa o próprio Amato Lusitano na *Cura 90 da primeira centúria*, onde explica a sua função e natureza e de como “depois de beber o decocto de manhã é preciso suar na cama durante duas ou três horas” além de referir simultaneamente outros conselhos de vida e cuidados na alimentação. Se estes decoctos não dessem resultado, dever-se-ia recorrer ao unguento mercurial. A salsaparrilha, também introduzida na terapêutica é também utilizada por vezes por Amato. Era originária da América do Sul.

Sobre a terapêutica da sífilis em Amato Lusitano, remeto para o magnífico trabalho de José Lopes Dias “Terapêutica da Sífilis em Amato Lusitano”.

Refiro também a importância do trabalho de Ruy Diaz de Ysla, autor do “Tratado contra o mal serpentina” (1539). Em 1511, este médico foi encarregado de tratar a sífilis no Hospital Real de Todos os Santos.

### Epílogo Histórico

1879 - Albert Neisser descobre o microorganismo responsável pela gonorréia, cuja clínica era bem conhecida

1852 - o cancro mole ou cancro mole, emerge como doença com Leon Bassereau.

1889 - Auguste Ducrey, identifica o bacilo responsável pela doença - cancro mole (bacilo de Ducrey).

1876 - O venereologista Jean-Alfred Fournier, estabelece a relação entre a sífilis e as afecções parasifilíticas - tabes dorsal (1876) e a chamada paralisia geral (1879)

1905 - Fritz, Schandinn e Erich Hoffmann, descobrem o germen responsável pela sífilis (*treponema pallidum*)

1906 - Wassermann e colaboradores inventam a primeira reacção serológica para o diagnóstico da sífilis, a reacção Bordet - Wassermann.

1910 - Erlich cria o salvarsan, inaugurando a era terapêutica dos arsenicais.

1913 - Hideyo Noguchi, prova a presença do *treponema pallidum* no parênquima cerebral dos paralíticos gerais.

1917 - Von Jauregg inventa a malarioterapia, para tratamento da paralisia geral.

1921 - Sazerac e Levaditi divulgam o poder trepanomicida do bismuto.

1928 - Alexander Fleming descobre o poder bactericida da penicilina.

1939 - Equipa de pesquisa de Oxford purifica esta substância conservando-lhe as propriedades 1943 - Mahoney, Arnold e Harris, tratam com sucesso, com penicilina, quatro doentes com sífilis recente - terapêutica eficaz, não tóxica e de fácil emprego.

1950 - A penicilina irrompe triunfalmente como tratamento único da sífilis.

Conclusão - A sífilis não desapareceu, mas esbateu-se muito o pânico a ela associado, ao descobrir-se um tratamento rápido e eficaz, e aumentando e generalizando os cuidados de higiene e preventivos, e o controlo da prostituição com legislação associada.

Ficaram as descrições clínicas que durante séculos se foram aperfeiçoando.

No séc. XVI entre os médicos que descreveram e trataram a sífilis, está como seria de esperar João Rodrigues de Castelo Branco.

---

\* Médico Psiquiatra

---

### Bibliografia

- José Lopes Días, “Terapêutica da sífilis em Amato Lusitano”. Arquivos do instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental, Faculdade de Medicina de Coimbra, 8º vol., 1944-1945.

- Theodor Brugsch, “Tratado de Patologia Médica”, tomo 1, Editorial Labor, 1933.

- Herbert Fuhs, Leo Kumer, “Dermatologia y Venereologia, Editorial Labor 1945.

- Carreras Panchon, A “Miasmas e Retrovírus”, “La Historia de las Enfermedades Transmissibles”, capítulo IV, Barcelona Fundación Uriach, 1991.

- Claude Quétel, “Le Mal de Naples”, Seghers, 1986.

- Jon Arrizabalaga, “Syphilis” in “The Cambridge World History of Human Disease”, Ed. Kenneth F. Kiple, Cambridge University Press, 1993.

- Amato Lusitano, “Centúrias de Curas Mediciniais”, Vol. I, II, III, IV. Universidade Nova de Lisboa.

HIERONYMI FRACASTORII  
SYPHILIS,  
SIVE MORBUS  
GALLICVS,  
AD PETRVM BEMBVM.



VI casus rerum uarij, quæ semina  
morbum  
Insuetum, nec longa ulli per seculâ  
uisum

Attulerint: nostra qui tempestate per omnem  
Europam, partimq; Asiæ, Libyæq; per urbes  
Sæuijt: in Latium uero per tristia bella  
Gallorum irrupit, nomenq; à gente recepit:  
Necnon & quæ cura, & opis quid comperit usus,  
T'agnâq; in angustiis hominum solertia rebus,  
Et monstrata deûm auxilia, & data munera cœli,  
Hinc canere, & longè secretas quærere causas  
Aëra per liquidum, & uasti per sydera olympi  
Incipiam, dulci quando nouitatis amore  
Correptum, placidi naturæ suauibus horti  
Floribus inuitant, & amantes mira Camœnæ.

Bembe decus clarum Ausoniæ, si fortè uacare  
Consultis Leo te à magnis paulisper, & alta  
Rerum mole sinit, totum qua sustinet orbem:  
Et iuuat ad dulces paulum secedere Musas:  
Ne nostros contemne orsus, medicumq; laborem,

A 2

## TRADIÇÃO JUDAICA E RAZÕES MÉDICAS - NA CIRCUNCISÃO

Maria Antonieta Garcia\*

Sabemos que “...as fases fisiológicas da vida humana, e, acima de tudo, **as suas crises, como a concepção, a gravidez, o casamento e a morte, constituem o núcleo de inúmeros ritos e crenças**”.<sup>1</sup>

Todos os povos criaram rituais por forma a facilitar a vivência e a superação de períodos em que se tecem os destinos da pessoa e da comunidade. As cerimónias com carácter sagrado que acompanham o ciclo vital e o ciclo litúrgico anual são cumpridas para garantir a ajuda divina e favorecer o bem-estar pessoal e social.

Porém, nem sempre as vozes chegam aos céus e a sacerdotes (os que possuem o dom do sagrado), a magos e a médicos pede-se que remedeiem o mal e, sobretudo, que sejam poderosamente divinos na preservação da saúde da vida humana. De resto, fé, cura e salvação são vocábulos essenciais do âmbito da medicina e da religião. Esta nomeação tão igual, este discurso do sagrado, confere ao médico um poder, credita-lhe *fides* e *auctoritas*. *Credere*, diz E. Benveniste, é “...literalmente colocar o *kred*, quer dizer, a potência mágica num ser de quem se espera protecção, por conseguinte, *crer nele*”.<sup>2</sup>

Ter fé no médico é ter confiança no saber e no fazer

aferido/avaliado através de práticas que mereceram reconhecimento. Sem dúvida que Medicina, Religião e Magia formaram uma aliança muito estreita nos primórdios da Humanidade - sacerdotes, médicos,

magos, curandeiros, partilharam saberes e fazeres sobre enfermidades.

No que respeita ao Judaísmo, muitos rabinos praticaram medicina. Para os judeus curar os doentes é um mandamento religioso, de tal modo relevante que, para salvar uma vida humana, o médico ou qualquer outra pessoa pode violar 610 dos 613 mandamentos religiosos.<sup>3</sup>

Excluem-se o assassinato, a idolatria e o adultério.

A Bíblia, o Talmude, escritos médicos de Maimónides, de *Halevi*, a literatura rabínica são fontes tradicionais da prática médica judaica. Muitos textos bíblicos se referem a doenças, curas, prevenção, higiene.

Porem, é Deus que diz: “...*Eu sou o Senhor que te cura*”<sup>4</sup>; afirma,

também. “*Vede agora que Eu o sou, e mais nenhum Deus comigo. eu mato e faço viver, eu firo, e eu curo e ninguém há que escape de minha mão*”.<sup>5</sup>

A doença é castigo de Deus, expiação dos pecados e, como em Job, pode ser uma forma de pôr à prova a crença do homem. Sabe-o Jeremias quando pede:



Moisés Maimónides (1135- 1204) –médico célebre. Monumento em Córdova.

“Cura-me, Senhor, e estarei curado; salva-me e serei salvo”.<sup>6</sup>

Neste contexto, qual o papel dos médicos? O rei Asa adocece, procura os médicos e morre. “E caiu Asa doente de seus pés no ano trinta e nove do seu reinado: grande era a sua enfermidade e contudo não buscou ao Senhor, mas antes aos médicos.”<sup>7</sup>

Textos bíblicos sugerem que os médicos não curam, por si. Ritos, rezas e a palavra dos profetas têm outra eficácia.

Mas os textos bíblicos foram modernizados, enriquecidos com outras leis e decretos rabínicos. Os religiosos sentem-nos como novas revelações divinas.

Constituem a *Halaká* - dirige os passos dos judeus -, que significa andar, caminhar, interpretando sabiamente as leis da Torá e os textos dos Sábios. Não se trata de um ensinamento de um caminho acabado, completo, estático.

A liberdade do homem, assumida no momento em que violou a proibição de comer da árvore da sabedoria, favoreceu o desenvolvimento do intelecto.

Contam: “Uma vez um herético disse:

- A lei escrita foi-nos dada no monte Sinai - A lei oral não!

- Respondi-lhe: não foram as duas dadas pelo Eterno?

- Foram, e a diferença entre as duas pode ser comparada ao acto de um rei que tinha dois serventes aos quais amava igualmente e deu a cada um deles uma medida de trigo e um feixe de fibras de linho. O servente mais esperto tomou o feixe e fiou uma toalha. Depois tomou o trigo e transformou-o em farinha. De seguida, limpou-a, assou o pão e colocou-o sobre a toalha. O outro servente não fez nada. Quando o rei voltou, pediu aos dois que lhe trouxessem o que ele lhes tinha dado. O primeiro mostrou o pão branco sobre a mesa aberta com a toalha. O outro mostrou o feixe de fibras de linho e o trigo”, tal como as tinha recebido.

Conclui Eliahu Zuta: “Do mesmo modo, quando Deus deu a Torá para Israel na forma de trigo e de fibra de linho, era para extrair dela o pão da sabedoria e o vestuário da interpretação, e não para deixá-la intacta”.<sup>8</sup>

Parábola que contraria a interpretação literal; escusado será dizer que a ortodoxia rabínica não a subscreveria.

Todavia, é, também, nesse distanciamento de uma interpretação literal que radica a evolução do saber médico. Com *Deuses e Demónios* como concluiu Fernando Namora. Por isso, referindo-se a negligências e omissões clínicas, um sábio judeu do século XIX, sustentava: “... o melhor dos médicos tem como destino o inferno”.

Fio/é profissão privilegiada entre os judeus, por razões várias; presumivelmente, foi relevante o facto de ter sido autorizada, quando outros ofícios eram

interditos (durante o período inquisitorial era vedado aos judeus a formação em áreas com as de Direito, por exemplo), bem como o de ser um saber beneficamente utilizável, em qualquer lugar do mundo. É interessante registar que 25% dos Prémio Nobel de Medicina pertencem a judeus, que não representam 1% da população mundial.<sup>9</sup>

### Nascimento e circuncisão

A circuncisão é um dos preceitos fundamentais do Judaísmo, desde Abraão, a quem Deus ordenou: “E eis a minha Aliança, que será observada entre mim e vós, isto é, tua raça e depois de ti. todos os vossos machos serão circuncidados. Fareis circuncidar a carne do vosso prepúcio e será o ritual de aliança entre mim e vós. Quando completarem oito dias todos os vossos machos serão circuncidados de geração em geração”.<sup>10</sup>



Almofada de circuncisões – em veludo, bordado a ouro.

A cerimónia chama-se *B'rit Milá*<sup>11</sup>. É o mohel<sup>12</sup> que procede à remoção do prepúcio. Durante a cerimónia, a criança é colocada na cadeira de Elias, o profeta, cuja presença os crentes desejam e invocam.

Alain Unterman explica. “Elias queixou-se a Deus que os Israelitas haviam negligenciado o pacto da circuncisão, e por isso Deus o envia dos céus para comparecer a toda a cerimónia, tanto como uma recompensa pelo seu zelo quanto para mostrar-lhe que estava errado quando generalizou a acusação”.<sup>13</sup>

Na cadeira de Elias senta-se o Padrinho (*Sandak*)

e segura a criança nos joelhos onde colocou uma almofada que conta as prendas das mãos das mulheres.

Ao recém-nascido, molham os lábios com vinho (funciona como anestesia?) e procedem ao ritual, na Sinagoga.

É certo que uma grande variedade de povos, praticou a circuncisão, normalmente como rito de puberdade. A prática neonatal é mais limitada; porém judeus e árabes mantêm-na.

E este é um ritual que suscitou o interesse de investigadores. A instituição da *Bérit* (aliança) está ligada ao reconhecimento do poder político e aos pactos de fidelidade fraternal ou de cumplicidade política. Escreve Moisés Espírito Santo: “A partir da época mosaica (séc. XVI a. c), designa-se Aliança, por antonomásia, todas as prescrições de ordem religiosa, moral, civil, jurídica e económica constantes dos primeiros cinco livros da Bíblia”.<sup>14</sup>

«Homens da *berit*» e «homens de paz» podem ser sinónimos na Bíblia; é um rito de solidariedade cujo efeito depende de quem o «corta». Na verdade: “O estabelecimento implícito de uma aliança com outrem exprimia-se por vários processos: além da refeição em comum, convidado expressamente para ela ou forçado pela fome a fazê-lo o oferecer voluntariamente uma prenda a alguém significava «propor» uma «aliança», e a sua aceitação reconhecia a aliança”.<sup>15</sup>

A *B'rit Milá*, sinal da aliança, é para os judeus uma festa que não tem paralelo com as cerimónias de atribuição do nome a uma filha (*fadas*).

Muitas mulheres lêem, nesta diferença, uma discriminação que se inicia logo com o nascimento. A preferência pelos filhos é evidente. Riem: “Sempre que a mulher ficava grávida, os amigos perguntavam ao marido:

Achas que vai ser rapaz ou rapariga? E ele tinha o hábito de responder:

Tanto faz, o essencial é que haja uma circuncisão!”

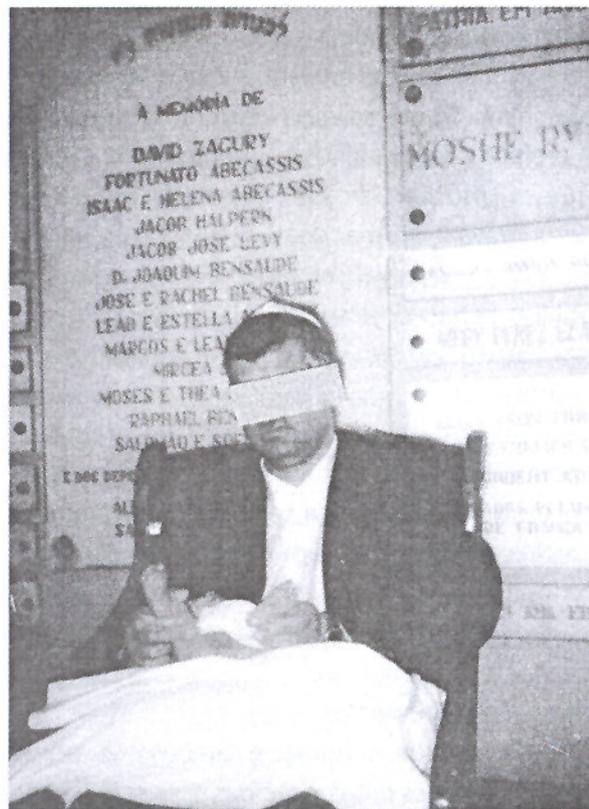
Salvaguardado o princípio do afecto e o “politicamente correcto” -Tanto faz- e mesmo o de uma verdade única, exprime uma vontade, percebe-se a contradição. Até porque, continua a história:

- “E quando se fazia a mesma pergunta à mulher, esta respondia:

- Evidentemente!.”

Na verdade, o humor é também “... pôr em dúvida verdades pré-concebidas e, principalmente, pôr-se em dúvida a si mesmo”. Porque o “...humor transtorna e exorciza o ídolo de uma identidade mumificada...”.<sup>16</sup>

A estranheza, o inesperado, o riso destrói a ilusão de qualquer pensamento e procedimento único. Será esta história um caso típico? Tendencialmente, um filho era sempre mais desejado. O Rabino A Cohen justificaria: “... Une fille est un faux trésor pour son père. La crainte qu'il éprouve pour elle lui retire le sommeil pendant la nuit. Pendant ses jeunes années,



Na Sinagoga, o *sandak* segura o bebé : circuncisão ritual

*il redoute qu'elle lui retire le sommeil pendant la nuit. Pendant ses jeunes années, il redoute qu'elle soit séduite; pendant son adolescence il craint qu'elle ne s'égaré, quand elle est d'âge à se marier, il a peur qu'elle ne trouve pas d'époux; mariée, il craint qu'elle ne trouve pas d'époux, mariée, il craint qu'elle ne soit stérile; vieille, qui sait si elle ne va pas s'adonner à la sorcellerie".*<sup>17</sup>

De resto, em Números (6:4) a bênção sacerdotal é dita: “Assim abençoareis os filhos de Israel. Dir-lhes-eis: *laweh te abençoe e te guarde*”. O masculino não acontece, e não é lido, por ser plural, como pode verificar-se em outros textos.

Groddeck interpreta a circuncisão “... *non seulement comme une volonté d'éliminer toute trace féminin (le prépuce est assimilé au vagin dans lequel est fourré le gland féminin), mais aussi comme un signe de soumission à Dieu qui Seul peut incarner la bisexualité.*” O plural *Eloim* que designa Deus em hebraico, explicar-se-ia pela ideia de Deus agregando o masculino e o feminino.

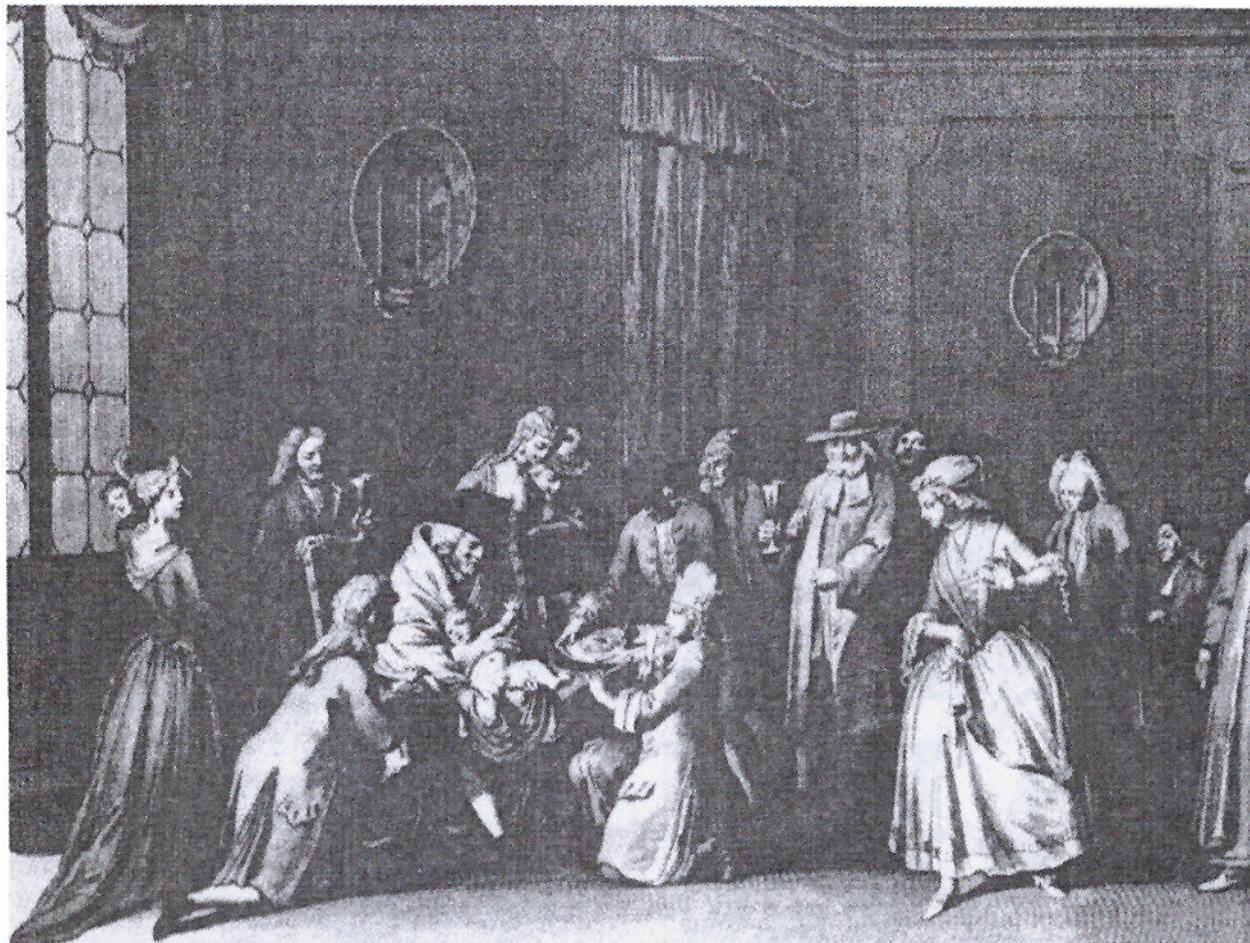
Explica Robert Lewinter: “*La circoncision est véritablement l'emblème du projet humain, l'être manifestant et assumant par là pleinement sa finitude par rapport à l'infini: sa sexion par rapport à l'inséqué et l'insécable, Dieu Qui est bisexion ou Eloim, pluralité une, au contraire de l'être humain qui est unité duelle.*”<sup>18</sup>

Para judeus ortodoxos a circuncisão é uma prática

puramente religiosa, um mandamento divino.

Diz Azzoulay *“Ce sceau apposé sur ce qui nous distingue et nous identifie souligne notre adhésion à un peuple inscrit également une marque indélébile sur notre coeur et constitue la marque de l’amour immense que nous porte Dieu et de celui que nous lui portons”*.<sup>19</sup>

contratos/aliança que se “assinavam” inscrevendo mais no corpo, ao conceito freudiano que a faz equivalente, no inconsciente dos homens, à castração, passando por razões de saúde, cremos que a circuncisão, entre os judeus, é preservada por ser preceito religioso (para os religiosos) mas sobretudo por se tratar de traço relevante de identidade.



Cena da vida judaica: a circuncisão. (B. Picart –1633- 1733 ).

Desde Maimónides, porém, se apontava outra função ao ritual, para além da religiosa: a circuncisão, exercia um efeito benéfico sobre o espírito porque impedia o excesso de orgias. Actualmente Jayme Landmann defende que a prática ritual continua a realizar-se como *“... preventivo da fimose, da parafimose, (da balanopostite) e do carcinoma do pénis. As mulheres de maridos circuncidados são presumivelmente (repare-se o cuidado) menos atingidas pelo carcinoma do útero”*. Garante, ainda: *“...trabalhos recentes, em revistas norte-americanas, mostram menos incidência de doenças sexualmente transmitidas - sífilis, herpes genital e sida - em pacientes circuncidados”*.<sup>20</sup>

Razões médicas, de higiene, psicológicas aliam-se a razões religiosas e são invocadas para justificar/ defender a prática da circuncisão. Reminiscência de

Medicamente há casos em que a circuncisão se torna necessária, acresce que se estivessem comprovadas cientificamente todas as benesses da prática, por certo, teria sido prescrita por outros povos. Lembramos que na conversão ao judaísmo qualquer homem, independente da idade, deve circuncidar-se. E não é suficiente querer. É preciso que o rabino aprove, ou que um tribunal rabínico se pronuncie, no caso de o *mohel* ter de efectuar a circuncisão a vários judeus adultos, colectivamente. Não há, também, razão médica ou higiénica que justifique a necessidade de circuncidar um homem para ser inumado em cemitério judaico se por razões de saúde ou outras, não pôde fazê-lo em vida.

Na verdade, o conflito religioso no século I (d.C.), revelava já que a circuncisão foi motivo de separação entre os crentes de Deus. Escreve Torrents que, nesse

período, as tendências relativas à *Torá*, à universalidade da religião de Israel, se reduziam a quatro opções; uma delas, praticando uma exegese literalista, defendia “la vigencia integra de la Ley com todos sus preceptos (...) e condicionaba la salvación de las gentes a su integración plena al pueblo de Israel a través de la circuncision y la observância de la Ley”.

No outro extremo, havia quem recusasse a *Torá*. Dissensões que tinham como fonte interpretações diferentes da palavra de Deus. A prática da circuncisão era considerada por alguns, como preceito que “... convertían a la religión de Isreal en un resíduo de arcaísmo y barbárie en una sociedad que se queria culta y refinada”.<sup>21</sup>

Lemos em Carta aos Romanos: “A circuncisão serve para algo se praticas a lei, mas, se a violas, a tua circuncisão é como se não existisse...”

Então em que é superior o judeu? Para que serve a circuncisão?

*De muito, antes de mais porque a eles a confiaram os oráculos de Deus*.<sup>22</sup>

Receptores da Aliança e das promessas messiânicas, os judeus deviam praticar o ritual. Era a circuncisão que, finalmente, separava o povo eleito de outros devotos.

Estava fixada a diferença que se manteve, ao longo dos séculos.

Ser judeu implica a posse de elos de pertença, um deles inscrito no próprio corpo. Sinal da Aliança, é considerada **operação salutar** susceptível de preservar o órgão da procriação, será fonte de saúde, aceitamos, mas é essencialmente **preceito legal e traço identitário** para os judeus. É marca de pertença e um traço de diferença face ao Outro.

\* Professora da Universidade da Beira Interior.

1 Bronislaw Malinowski, *Magia, Ciência e Religião*, Lisboa, Ed. 70, 1988, p.40

2 E. Benveniste, *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, Tomo I, Paris, Minuit, 1969, pp 115-121.

3 Refira-se que o número seiscentos e treze, codificado pelo médico Moisés Maimónides, constitui a soma dos dias do ano (365) e dos ossos que compõem o corpo humano(248)

4 Êxodo 15:26

5 Deuterónimo 32:39

6 Jeremias 17:14

7 Crónicas 16: 12-13

8 Jayme Landmann, *Judaísmo e medicina*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993, pp. 143 e 144

9 Idem.

10 Génesis 16:10-12

11 Aliança, pacto pela circuncisão

12 Mohel - Circuncidador

13 Alain Unterman, *Dicionário judaico de lendas e tradições*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, p.87

14 Moisés Espírito Santo, “O conceito hebraico de aliança”, s/e. s/ data; p. 4

15 Moisés Espírito Santo, *Fontes remotas para a cultura portuguesa*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1989, pp. 220, 221

16 Marc-Alain Ouakin, *Bíblia do Humor judaico*, Lisboa, Contexto, 2000, p.p. 34 e 35

17 Rabbin A.Cohen, *Le Talmud*, Paris, Payot, 1986, p. 225

18 Robert Lewinter, «Groddeck (anti) judaisme et bisexualité», Paris, *Nouvelle revue de Psychanalyse*, n° 7, Printemps, 1973, p. 200

19 S. Azzoulay, *Écoute mon fils*, Jerusalem, 1999. Ref. 22

20 Jayme Landmann, Lisboa, Imago Ed., 1993, p. 39

21 José Montserrat Torrents, *La sinagoga cristiana, El gran conflicto religioso del siglo I*, Barcelona, Muchnik Ed., 1989,p.55

22 Carta aos Romanos 2:25; 3, 1-2

## ASSISTÊNCIA AOS MORIBUNDOS NO INÍCIO DO SÉC. XIX À LUZ DE UM TEXTO RELIGIOSO DA ÉPOCA

António Lourenço Marques\*

### As Belas Mortes

Viajemos até ao primeiro quartel do século XIX, quando um determinado autor, citado por Philippe Ariès, na obra *O homem perante a morte*, escrevia no seu diário, em 1825, esta expressão surpreendente: “estamos no tempo das belas mortes”<sup>1</sup>. Chateaubriand, que morreu em Paris, em 1848, reflecte uma ideia semelhante, na novela *René*, onde retrata um personagem do seu tempo (1802). René, perante o cadáver do pai que “tinha sido atingido por uma doença que o levou em poucos dias ao túmulo”, e que havia expirado nos seus braços, o que lhe permitiu aprender “a conhecer os sinais da morte nos lábios de quem lhe dera a vida”, “impressão poderosa” que perdurara, afirma ter “mergulhado numa dor santa que se assemelhava à alegria”<sup>2</sup>. Também sobre o cadáver de *Atala* (1801), nome que deu o título a uma outra obra do mesmo escritor, este declara: “os seus lábios, qual botão de rosa colhido após duas manhãs de vida, pareciam enlanguescer e sorrir”<sup>3</sup>. Mais autores da época confirmam o desanuviar dos sentimentos macabros sobre a morte, que antes sobreviveram durante muito tempo. Poderá ser este o sentido da saudação do poeta Lamartine (1790 - 1869), quando canta a morte de Elvira:

“Saúdo-te, ó morte! Libertadora celeste,  
Não me apareces sob esse aspecto funesto  
Que te emprestaram durante muito tempo o medo  
ou o erro...

O teu rosto não é cruel, os teus olhos não são  
pérfidos.”<sup>4</sup>

Será certamente interessante compreender a variação verificada nas atitudes perante a morte, ocorrida na transição do século XVIII para o século XIX, época em que algumas forças, nomeadamente ligadas à religião católica, continuavam a ser acusadas, por alguns sectores aparentemente mais progressistas, de se manterem presas ao terror da morte. No entanto, nem sempre a literatura ligada à

igreja representava posições tão conservadoras, como os libelos afirmavam, sendo possível ver em alguns casos, a par da defesa dos inevitáveis interesses religiosos, também preocupações que se traduziam em atitudes algo sensíveis ao sofrimento físico dos moribundos. Esta é uma questão que merece estudo, no sentido de conhecermos melhor a história do comportamento dos vivos quando colocados perante aqueles que, quotidianamente, partem para sempre.

Citamos uma passagem da *Encyclopédie Méthodique* (1751-1772), que nos pode introduzir nesta questão. Diz o texto: “Gostaria de armar as pessoas honestas contra as quimeras de dor e angústia desse



último período da vida: preconceito geral tão bem combatido pelo autor eloquente e profundo da história natural do homem (Buffon) [...] Interroguem-se os médicos das cidades e os minis-tros da Igreja, habituados a observar as acções dos moribundos e a recolher os seus últimos sentimentos, e concordarão que, à excepção de um pequeno número de doenças agudas, em que a agitação causada por movimentos convulsivos parece indicar os sofrimentos do doente, em todas as outras morre-se suavemente e sem dor e mesmo essas terríveis agonias aterram mais os espectadores do que atormentam o doente [...] Parece que seria na batalha que as dores terríveis da morte deveriam existir; contudo, aqueles que viram morrer milhares de soldados nos hospitais do exército contam que a sua vida se extingue tranquilamente, de tal modo que dir-se-ia que a morte apenas passa pelo seu pescoço um nó corredio que aperta menos do que actua com uma doçura narcótica. As mortes dolorosas são portanto muito raras e quase todas são insensíveis”.<sup>5</sup> É claro que o panorama verificado na realidade não seria bem assim. Mas a *Encyclopédie* explicava deste modo: “Portanto, não se teme muito a morte senão por hábito, por educação, por preconceito. Mas os grandes alarmes reinam principalmente entre as pessoas educadas brandamente no seio das cidades e que se tornam, pela sua educação, mais sensíveis do que as outras, porque o comum dos homens, sobretudo os do campo, vêem a morte sem receio, é o fim dos desgostos e das calamidades dos miseráveis”.<sup>6</sup> Visto desta maneira, parece menos tétrico. Ou então, digamos que para grandes males, a natureza adaptava-se convenientemente!

Philippe Ariès encontra nesta atitude do homem das Luzes, onde a “suavidade” chegara, uma reacção às ideias tenebrosas sobre o tema da morte, que reflectiam “a influência dos padres e o triunfo das suas superstições”.<sup>7</sup> Este aspecto da influência religiosa teve, pois, repercussões no modo colectivo de encarar a morte e, portanto, também na assistência aos moribundos. Vamos procurar ir mais além, analisando agora um manual religioso sobre o assunto, escrito por um padre camiliano, e editado em Lisboa, em 1815.

### Hospitalidade, Hospícios, Assistência Religiosa ...

Antes disso, eis uma brevíssima resenha da história de tal assistência. Compreende-se que os cuidados aos moribundos são de raiz ancestral, mas não se conhecem muitos pormenores que possam caracterizar a sua evolução, sendo esta sempre marcada por particularidades próprias de cada civilização, de cada povo ou de cada comunidade. Conhecemos, apesar de tudo, períodos de maior expressão e outros mais pobres quanto a esta matéria. A história da morte, que a nova história ajudou a decifrar, é muito sugestiva. No entanto, um moribundo ainda não é propriamente

um morto. Onde ser importante estudar a história dos vivos nesse espaço que antecede por pouco tempo a sua morte.



A peste - (pintura séc. XV)

Na tradição ocidental, a origem da assistência aos moribundos, pode situar-se na Grécia. No século V antes de Cristo, no tempo de Hipócrates, encontramos a palavra “xenodochium” que designava uma prática social de acolhimento, também caracterizada pela hospitalidade, em que se podiam incluir os moribundos solitários. Este termo grego teve, no Latim, uma palavra correspondente - “hospitium” - mas com significados acrescidos, como o de hospedagem ou pousada.

Na Idade Média, muitos hospícios surgiram nas rotas das Cruzadas à Terra Santa e das peregrinações da Europa, como, por exemplo, nos caminhos para Santiago de Compostela. A Igreja Católica teve então um papel de grande significado no desenvolvimento e na orientação deste movimento. Os hospícios ligados às ordens religiosas e a conventos destinavam-se a acolher os peregrinos, a alimentá-los e também a proporcionar-lhes certos cuidados médicos. E como a morte era muito frequente, atingindo então idades mais jovens, constituía um acontecimento banal, presenciado naturalmente durante a vida de quaisquer pessoas. Nesses hospícios, os forasteiros ter-se-ão confrontado muitas vezes com a necessidade de prestar os derradeiros cuidados a companheiros que adoeciam e morriam rapidamente.

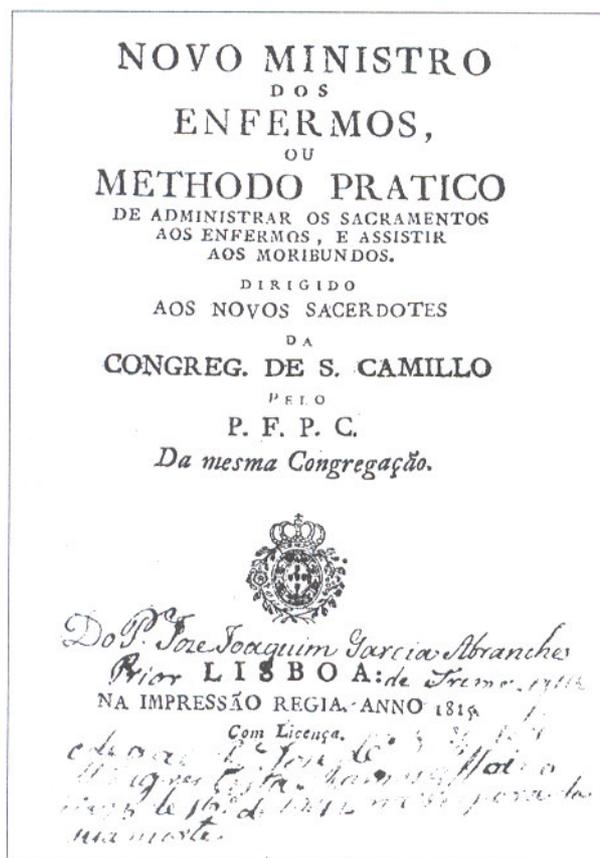
No século XVI, porém, com o movimento da reforma, os hospícios desapareceram. Mas como terão

evoluído os comportamentos sociais relacionados com a assistência aos moribundos? Lembremo-nos da prática médica exemplificada nas curas de Amato Lusitano.<sup>8</sup> Pela leitura dos casos clínicos das *Centúrias Médicas* sabemos como o médico da renascença também aconselhava tratamentos dirigidos ao alívio de sintomas, nas doenças incuráveis. O preceito hipocrático do abandono destes doentes ganhava uma interpretação de cariz humanista: “Para não parecermos insensíveis, se formos chamados de novo a ver os que assim estão lamentavelmente perdidos, é nossa obrigação visitá-los para que eles próprios não caiam no desespero”<sup>9</sup> são palavras de Amato.

Ora, os padres católicos continuaram associados ao acompanhamento dos doentes no final da vida, embora certamente por motivos religiosos, “para salvar as almas”. No entanto, muitos deles terão também contribuído, em diversos casos, para lhes proporcionar algum conforto corporal, pela interpretação que se pode fazer dos propósitos que encontramos expressos em certos movimentos religiosos da época. S. Caetano, nascido em Vicenza, em 1480, fundou nesta cidade italiana um hospital, chamado da Misericórdia, para o internamento de doentes incuráveis e S. Camilo de Lelis, da mesma nacionalidade, fundou uma célebre ordem religiosa de “ministros dos enfermos”, prestando serviço nos hospitais e casas privadas através de “assistencia corporal y espiritual”<sup>10</sup>, como é assinalado pelos seus biógrafos. Estes ministros dos enfermos também eram chamados “ministros de bem morrer ou dos agonizantes” ou “padres da boa morte”. Camilo de Lelis nasceu em Nápoles, em 1550, e morreu em Roma em 1614. A ordem que fundou estendeu-se a França, Áustria, Bélgica, Espanha, Portugal e outros países da Europa e da América. Em Lisboa tiveram um convento na antiga rua dos Camilos, topónimo evocativo da sua presença.

#### Os Padres Camilianos em Lisboa

Foi precisamente destinado aos padres desta congregação, que um seu membro, “especialista” na assistência religiosa aos moribundos, que preferiu o anonimato assinalando apenas as iniciais P. F. P. C., publicou o *Novo Ministro dos Enfermos ou Methodo Pratico de administrar os sacramentos aos enfermos, e assistir aos moribundos*, a obra que vamos analisar, e que foi editada em Lisboa, na Imprensa Régia. Trata-se de uma obra com um Prólogo e uma Instrução Preliminar de 33 páginas e o Livro, propriamente, constituído de duas partes, com mais 358 páginas, embora de formato reduzido. O autor adverte que o trabalho não é original (“não aspiro à glória e vaidade de autor original: porque sempre foi injurioso à razão vender, como parto do próprio engenho, o que os outros têm produzido à custa do seu trabalho e aplicação literária”), tendo “resumido e coordenado o que sobre



este ponto escreveram os autores tanto domésticos, como estrangeiros”, ensinamentos que procurou apresentar dando-lhe a forma de “um diferente método” para facilitar e instruir o trabalho dos seus colegas. Esta advertência, que acabo de citar, pode ser benéfica para a leitura do texto, pois revela-nos honestidade e abertura aos ideais humanos.

O escrito, sendo de cunho religioso, é algo “frio”, mas tem passagens que chamam a atenção para os aspectos corporais da doença e da agonia, denunciando preocupação por essa área, o que é relativamente novidade. O prólogo começa por alertar que o último período da vida humana é um momento “fatal e crítico” e que o moribundo “se acha inquieto com os horrores da morte; angustiado pela união de um corpo já prostrado pelos violentos choques da enfermidade e que em toda a parte só encontra objectos de dor, e de amargura”.<sup>11</sup> Assim, o ministro encontrará o enfermo “prostrado sobre o leito da sua dor, atenuado pela falta das forças que a febre lhe tem consumido e talvez rodeado de tantos objectos de ternura, de que se vê obrigado a separar-se para sempre”. Enfim, um quadro algo condizente com essa visão que os homens das luzes acusavam mas, não podemos negar, talvez mais humano. São reconhecidos os aspectos físicos do sofrimento (a medicina pouco actuava, como sabemos) e a angústia psicológica é bem reconhecida, tendo relação com a consciência da separação definitiva. Ora, sendo o “negócio” destes ministros

essencialmente a salvação da alma, nesse sentido o manual descreve o tal “método prático”, avisando os padres de que “é necessário muitas vezes concluir com brevidade o Sagrado Ministério” e decidir de imediato as questões presentes do ponto de vista religioso, já que “a moléstia se agrava com rápidos progressos”. São os princípios da emergência, embora com outros objectivos. Havia pois bem marcada a consciência da gravidade das doenças e como rapidamente determinavam o estado de moribundo seguido pela morte.

A introdução preliminar “sobre a natureza e sintomas das enfermidades” é interessante. Durante a Idade

dos sintomas, ordenada por ordem alfabética, inspira-se provavelmente em tratados médicos em voga, como o livro de Cullen *Elemens de Medecine-Pratique*, editado em tradução francesa “A Coimbra De l’Imprimerie de l’Université”, em 1809, que defende “l’observation seule, séparé de tout raisonnement”<sup>13</sup> como método para se adquirir a arte de *conhecer* e *distinguir* as doenças. A descrição dos termos citados na sinopse (doenças, sintomas e significado de algumas palavras do vocabulário médico, sendo exemplos: abcesso, aneurisma, apoplexia, asma, asfixia, atrofia, bília, caquexia, cancro carbúnculo, cólica, coma, convulsão, crise, delírio, diabetes,



Enterro, de António Alves Teixeira, séc. XIX.

Moderna, os tratadistas da morte costumavam indicar aos sacerdotes alguns sinais e sintomas que, quando presentes e se bem identificados, lhes permitiam reconhecer a maior ou menor proximidade do *terminus*. Esses indicadores relacionavam-se com a respiração, o aspecto dos olhos, o pulso e, inclusivamente, “o carácter do doente ou os movimentos da lua”.<sup>12</sup> No caso presente, trata-se de um “breve resumo das enfermidades, que ordinariamente costumam atacar o físico do homem, com os prognósticos sobre os seus perigosos ou mortais sintomas” para facilitar o fim pretendido, ou seja a prática dos sacramentos, mas podendo facilitar também a “última assistência aos moribundos”, como está explícito no texto. A sinopse das doenças mais graves, com o significado

diarreia, disenteria, disúria, empiema, epilepsia, ferida, gangrena, gota, hemorragia, hérnia, icterícia, paralisia, pleurizia, síncope, tísica, vómica, etc.) é clara e objectiva e não invoca qualquer especulação, processo que foi muito utilizado no século anterior em que, por exemplo, a obscura *Polyanthea Medicinal*, de Curvo Semedo, havia resistido como “evangelho” dos médicos portugueses, durante grande parte da centúria. Contrariamente, o padre camiliano mostra um espírito aberto aos novos conhecimentos no que diz respeito à parte física do corpo. Para termos uma ideia mais precisa desta afirmação, vamos exemplificar com a transcrição relativa à palavra *coma*: “Chama-se *coma sonolento* quando não há febre; o pulso e a respiração são quase naturais, o doente fala quando

o acordam, responde às perguntas que lhe fazem, abre os olhos, mas fecha-os logo tornando a ficar na mesma sonolência. Chama-se *coma vigil* quando a sonolência é com delírio e febre contínua, mas sem sono e sem esquecimento; tem o doente os olhos fechados, porém abre-os facilmente quando lhe tocam, logo os fecha e parece que dorme; muitas vezes grita e fala por entre os dentes, agita-se, quer levantar-se e não sossega, virando-se de uma para outra parte. É o coma o primeiro grau para a apoplexia; o segundo chama-se *caro*, e vem a ser quando neste acidente soporoso o enfermo quase que perde inteiramente a sensação e o movimento; que só abre os olhos quando o picam fortemente e logo os fecha, sem ver, sem ouvir e sem responder às perguntas que lhe fazem. É enfermidade mortal, todas as vezes que logo ao princípio não cede à aplicação dos remédios<sup>14</sup>. É, pois, uma descrição clara, que não invoca elementos especulativos e alheios ao processo patológico. O manual, nesta parte, é bastante objectivo.

Também o modo como os padres visitavam os doentes moribundos, ou, pelo menos, como eram aconselhados a fazê-lo, tem particularidades interessantes. Para além de serem advertidos a não se introduzirem nas casas, se não fossem “conhecidos ou amigos do enfermo”, o que a ser feito significava um abuso referido como “indiscrição repreensível”, deviam, quando junto dos doentes, em primeiro lugar, “inquirir com uma prudente sagacidade a qualidade da moléstia” e “portar-se com a possível moderação e prudência”. “Apenas entrar no aposento do enfermo, saúde-o com um ar alegre, risonho, e agradável: não imite a viciosa singularidade com que alguns até se esforçam em ostentar um carácter sombrio e uma inteireza que degenera em severidade, a virtude não consiste nos extremos e a experiência tem mostrado que um modo agradável e prazenteiro, sendo dirigido pelas regras da prudência e caridade cristã, é um vantajoso meio para conseguir do enfermo que lhe abra as portas do seu coração e não receie confiar-lhe os mais ocultos segredos da sua consciência”. Enfim, um bom modelo de comunicação, inspirado na experiência, como claramente afirma. Mas, diz mais o texto: “Se o enfermo quiser informá-lo do estado da sua doença, escute-o com afabilidade. Todos os enfermos ordinariamente desejam comunicar aos outros o princípio e progresso da sua enfermidade; e muitas vezes se explicam com uma tal miudeza de circunstâncias, que lhes não escapam as horas e momentos em que experimentaram este ou aquele acesso; tomaram este ou aquele remédio; os efeitos que sentiram, as vigílias que sofreram, etc. Numa narração tão circunstanciada não pode com efeito deixar de ser fastidioso; deve porém o zeloso *ministro revestir-se de mansidão e paciência*, entrando nos mesmos sentimentos do enfermo, compadecendo-se e sentindo com ele a sua enfermidade”. Trata-se de

um processo de comunicação moderno, muito útil, e com muito sentido se praticado.

Os padres poderiam pretender em parte ocupar o lugar do médico, na fase final da vida dos doentes. Os conhecimentos de natureza médica que deviam adquirir são um sinal disso mesmo. Mas poderemos falar em usurpação de funções? Não nos parece. E eis uma parte extremamente curiosa do texto que revela também a mudança verificada na doutrina sobre a morte espelhada nestes manuais religiosos, profusamente difundidos durante toda a Idade Moderna, e que advogavam a representação desta “continuamente, numa espécie de ensaio ou exercício para a morte, de maneira que (o homem) se esqueça do mundo para manter a Deus na mente”<sup>15</sup>. Reforçando, com firmeza, a necessidade da qualidade afável do trato, o nosso autor anónimo defende que o sacerdote deve falar sobre a doença, mas “tendo sempre a cautela de a não capitular de mortal ou irremediável, para lhe não aumentar a perturbação e o desalento (...). Procure também saber do mesmo enfermo quem é o *médico assistente* (expressão velhinha como parece e não uma descoberta do ministro do governo), aprove a sua escolha e louve o quanto é feliz no exercício da sua faculdade; e que apesar da gravidade da moléstia pode ter todas as esperanças de um feliz resultado”. E o padre continua: “Como é natural que o enfermo esteja triste e melancólico pela agitação interior em que se acha, faça-lhe ver o quanto lhe é necessária a paz e sossego de espírito, para não agravar a sua enfermidade (...) que é verdade que a sua moléstia não ameaça perigo, porém que aquela tristeza e melancolia pode causar-lhe um grave dano á saúde e que para aproveitarem os remédios do corpo, é de uma grande vantagem a paz e a quietação da alma”. Estamos pois perante uma actuação concreta junto dos doentes em fim de vida, que os padres camilianos praticavam, como “especialistas” no assunto. Assim se compreende também esta outra intervenção: “Se o enfermo abatido com a moléstia, quiser descansar alguns momentos, refrigerar a boca, ou prover outra qualquer necessidade, porte-se o confessor com um modo afável e carinhoso, praticando com ele todos os deveres duma caridade officiosa, a fim de lhe confortar o ânimo e inspirar-lhe confiança”.

Os padres camilianos destacaram-se pois pela especificidade do seu trabalho junto dos moribundos e a sua intervenção merece análise que, seguramente, é capaz de revelar alguns aspectos com interesse para a história da morte. Este manual representa um repositório não desprezível dos conhecimentos da época sobre a fase terminal dos doentes e um modo específico de comportamento perante eles.

Eram peritos no assunto e faziam-no com “profissionalismo”. Sabiam por exemplo “pela experiência e pelo testemunho de graves autores, que naqueles últimos momentos em que a alma está próxima a separar-se



Procissão em tempo de peste - Alejandro Mapanza, séc. XVIII.

do corpo, é mais pronto e apurado o sentido do ouvir, todas as vezes que não há contusão ou estrago no sensorio comum ou nas partes que formam o maravilhoso artifício dos ouvidos. É logo indiscrição falar a um moribundo destituído dos sentidos como quem se esforça a despertar uma pessoa, que está demasiadamente adormecida: porque naquele estado é para o caso o mesmo que se estivesse morto; e se ouve tem o ouvido mais fino e delicado do que se estivesse são; e por consequência falar-lhe com um tom áspero e desabrido é para o infeliz um desapiadado tormento, pela ingrata impressão que a voz imoderada lhe faz no cérebro desfalecido”.

Para além destes conhecimentos tão precisos, tinham ainda virtudes, talvez muito raras, a ter fé no modo como se comportavam, por exemplo, junto dos empestados. Os outros padres não estavam, nestes casos, obrigados a aproximar-se do leito dos enfermos. Mas os Filhos de S. Camilo “estão obrigados a sacrificar a própria vida, quando assim o exigir a necessidade espiritual ou corporal do enfermo: de sorte que no exercício do seu Instituto com os empestados apenas poderá usar daquelas precauções e cautelas que a prudência humana inspira, quando o

socorro espiritual ou corporal do enfermo senão achar comprometido”. A ética médica moderna, se substituirmos o padre de então pelo médico de hoje, defende para este o mesmo entendimento.

### A História da Morte Prossegue

Se é um facto que durante o século XVIII a concepção do mundo “permaneceu inserta dentro do marco do pessimismo e a morte dominava a visão da vida”, com duas reacções típicas desta época, verificadas na literatura sobre a forma de morrer filosoficamente e no medo de ser enterrado vivo, respectivamente, (o nosso Manuel Joaquim Henriques de Paiva, na sua vasta obra publicada, também traduziu um opúsculo intitulado “Methodo de restituir a vida às pessoas aparentemente mortas por afogamento ou sufocação...” 1790), no início do século XIX desponta uma nova etapa da história da morte. A etapa que antecedeu a morte como tabú mas, de qualquer modo, uma fase necessária ao desenvolvimento dos cuidados paliativos até à sua fase moderna.

Com efeito, em 1842, na cidade francesa de Lyon, a jovem viúva Jeanne Garnier criou uma obra confessional, denominada “Les Dames du Calvaire”, consagrada ao serviço dos doentes incuráveis. Esta iniciativa religiosa veio a implantar-se, depois, em Paris, a partir de 1874, estando na origem do moderno conceito de hospício, como local de acolhimento das pessoas em fim de vida. Os hospícios religiosos apareceram em vários outros sítios, nomeadamente, na Irlanda, em Dublin, em 1874, onde Marie Aikenhead, fundadora da congregação das irmãs da Caridade, criou um hospício destinado ao acompanhamento e aos cuidados das pessoas em fim de vida, e na Inglaterra, onde o Dr. Howard Barret criou, em 1893, uma casa para acolher os moribundos sem recursos, baptizada com o nome de S. Lucas, o apóstolo que S. Paulo classificou como “médico muito querido”. Em 1905, em Londres, foi criado o famoso Hospício de S. José. Em 1967, esta acção consolidou-se com a abertura do St. Crístopher’s Hospice, também em Londres, por iniciativa de Dame Cicely Saunders, que ao acolhimento humano associou a obrigação dos cuidados médicos específicos. E assim o movimento não mais parou.

Os padres identificados como filhos de S. Camilo, que escreveram textos assim, estiveram seguramente neste caminho.

\* Médico. Universidade da Beira Interior.

---

## Notas

---

1 Philippe Ariès in: O Homem perante a Morte II, Europa América, Lisboa, 1988. p. 137.

2 Chateaubriand: Atala - René. Editorial Verbo. 1972. p. 95.

3 Id. p. 76.

4 Op. cit.

5 Id.pp.135-136.

6 Ibid.

7 Op. cit.. p. 137.

8 A. L. Marques: A medicina e o médico perante o doente incurável e moribundo no séc. XVI. Cadernos de Cultura

n.º 4-13 (1991)

9 Amato Lusitano: Centúrias de Curas Medicinai, Vol. IV. Universidade Nova de Lisboa. p. 114.

10 Juan Leal: Año Cristiano. Escelicer, S. L., Madrid. 1946. p. 656.

11 Fonte das citações: P.F.P.C.: Novo Ministro dos Enfermos ou Methodo Pratico de Administrar os Sacramentos aos Enfermos, a Assistir aos Moribundos. Lisboa: na Impressão Regia. Anno 1815.

12 Lorenzo Pinar, F.J.: Muerte y Ritual en la Edad Moderna. Universidad de Salamanca. 1991. p. 51.

13 M. Cullen: Elemens de Médecine-Pratique. A Coimbre De l'Imprimerie de l'Université, 1809, p. 2.

14 Op. cit. p. XVII e XVIII.

15 Lorenzo Pinar, F.J.: Op. cit. p. 69.

## UM APONTAMENTO SOBRE O CORPO E O SAGRADO a propósito de um conto de Miguel Torga

Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata\*

Um dos mais velhos e apregoados inimigos do homem é a *carne*. Nos recônditos das minhas memórias de infância ficaram sempre a ecoar três inimigos terríveis: o mundo, o demónio e a carne. Na tenra idade em que frequentava as aulas de catequese sempre foi um mistério para mim (lembro-me bem) esse inimigo chamado *carne*, só mais tarde entendido e de alguma maneira posto também em dúvida. A dicotomia corpo e espírito remeteu sempre para o privilégio do espírito que teria de ser forte para *esmagar* essa carne, já que era a expressão do transitório e dever-se-ia dar uma eternidade gloriosa àquele.

Porém, uma pergunta paira sempre: o que é o espírito sem a carne? A condenação à morte é dada pelo corpo, que é terra no enquadramento da Mãe Natureza e à terra há-de tornar. De que serviria o fogo roubado aos deuses por Prometeu, se não houvesse *matéria* para ser insuflado?

A terra é Mãe e é Morte, absorvendo no seio os filhos que deu à luz, porque «tudo o que *está* sobre a terra *está em conjunto* e constitui uma grande unidade», diz Eliade no seu *Tratado de Histórias das Religiões* (p.297). Por isso, o mesmo estudioso fala do *homo-humus* (cf. *ibidem*, p.308) com origem na maternidade da terra que o devorará mais tarde - assim, é um ser nascido para a vida terrena num breve percurso de ser-para-a-morte.

Habitamos o mundo, comunicamos com ele e apercebemo-nos dele porque o nosso corpo físico, carnal, nos permite um estar nesse mundo e o ser deste mundo. A dimensão espaço/tempo que define o que designamos por *nossa vida* estrutura-se pela

existência dum corpo terroso, desde que Adão pisou a terra. O corpo habita o espaço e o tempo e só pelo corpo isso é possível.

Estão assim enunciadas as causas duma preocupação com a saúde física, porque no corpo assenta uma identidade construída, sendo condição *sine qua non* das nossas participações. Justifica-se deste modo a preocupação do homem com o seu bom estado, que traduz o afastamento da morte. Justifica-se ainda que, quando a ciência médica assume incapacidade de salvar um corpo, se procurem os curandeiros, as *bruxarias*, os milagres dos santos e de Deus, numa ânsia de prolongamento da vida, o grande Desejo, mesmo para aqueles que crêem que uma *vida*

*melhor*, um outro tipo de vida, os aguarda depois de franqueados os negros portões da trituradora Mulher da Foice. No Egipto, a preservação do corpo através do embalsamamento era essencial na partida para o Além, pois o espírito *ou Ka* voltaria após os 70 dias necessários aos embalsamadores para a sua preparação. O lugar eterno preservaria para sempre o corpo terreno, indispensável para merecer a glória por



"PIETÀ"

uma vida cumprida.

Normalmente, é devido ao desespero de quem é despedido pela medicina que alguns procuram a magia, tornando-se esta, segundo Malinowski, um mito, que «é a sequência natural da fé humana, porque cada poder deve dar indícios da sua eficácia, deve actuar e saber-se que actua, se se pretende que as pessoas acreditem na sua virtude» (*Magia, Ciência e Religião*, p.84).

A fé consegue o milagre, e ainda ao poder da mente (que está num corpo) cabe a responsabilidade da proeza.

A carência, a necessidade, que sempre levaram o homem ao progresso, à investigação para diminuir ou derrotar a dor, levam também à procura duma arte mágica que atinja os mesmos objectivos. Se o desejo nasce, a esperança incentiva-o, numa congregação que alimenta a vida humana. Sagrado e profano entrelaçam-se no itinerário do homem, sendo ainda o sagrado um recurso do profano.

Curiosamente, o conto de Miguel Torga «O senhor» (*Novos Contos da Montanha*, p.225) inverte, de certo modo, os papéis dum poder do sagrado. Todo o conto é um apelo terreno, iniciando-se no final de um dia de Maio, extenuante de trabalho rural. Esse começo enquadra uma espécie de amostragem da vitalidade da terra, que se abre em «golpe fresco, odoroso e largo», sendo a «palavra de despegar» (*ibidem*) um «seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!». No entanto, com as sombras da noite cai a sombra da morte, quando os trabalhadores ouvem os sinos tocando a «Senhor-fora», anúncio duma Extrema-Unção para um moribundo.

O narrador conduz a uma constatação da presença da morte como participante no percurso vital: os trabalhadores «tinham acabado de semear a vida e, talvez por isso, a morte estava agora mais vigilante dentro deles. Hoje vós, amanhã nós - dizia-lhes o instinto» (p.228).

Corre a notícia do destino de passos a caminho do «moinho do Fojo» - onde está a mulher do moleiro Malaquias, há três dias em trabalho de parto, finava-se no desânimo da impossibilidade de ajuda do médico não encontrado e da impotência da *curiosa* da aldeia, com as habituais funções de parteira.

O ponto fulcral do conto assenta no dilema do padre Gusmão, mensageiro dos últimos sacramentos, quando depara com a parturiente exausta, que já o espera. Se o padre é um apelo da morte, tendo como missão ajudar na passagem para o Além (o sacerdote unge com os óleos santos os principais órgãos dos sentidos - os olhos, as orelhas, as narinas, a boca, as mãos e os pés - acompanhando com orações e pedindo a Deus pela remissão dos pecados cometidos por meio desses sentidos), a Filomena é o apelo da vida: a sua e a da criança, numa última queixa: «O menino... Quer sair e não pode... Há bocado pôs a

mãozinha de fora...» (p.232). Qual então o dilema do padre Gusmão? O do homem e o do padre, de que vai sair vitorioso o primeiro, uma vez que «a inesperada urgência daquele apelo terreno» (p.232) provoca uma alteração da supremacia do sagrado: «(...) os valores mudavam de sinal, o transitório sobrepunha-se ao eterno, e só uma coisa se mantinha firme diante dos seus olhos de homem: a moleira estendida no leito, com um filho dentro dela a pedir mundo» (pp.232-233). O humano fala mais alto, um humano enraizado numa Terra-Mãe que se multiplica em frutos, respondendo à fecundidade que lhe é inerente.

O padre Gusmão poussa o viático sagrado sobre uma caixa e vai partejar Filomena - frente a frente estão dois seres em solidariedade, vencendo cada um o seu próprio pudor, mas recompensados por uma nova vida que triunfava da morte iminente: «Na exclamação do triunfo do padre Gusmão havia qualquer coisa de herético que feria os sentimentos do moleiro. Mas, por outro lado, nada o poderia comover mais do que ver o filho a espernear naquelas mãos poderosas, humanas, que acabavam de o roubar à escuridão do nada» (p.236).

O sagrado é remetido a um papel inócuo - «Os sacramentos, inúteis, lá estavam sobre a caixa da roupa», diz o narrador - e, cumprida uma missão humana, bem terrena, o padre Gusmão volta a paramentar-se e sai da casa do moleiro onde acabara de manifestar-se um milagre: o da vida. O último parágrafo do conto é curto e elucidativo: «Da caixa, o Senhor ergueu-se então solene, chegou à porta, e cobriu-se novamente do pálio da sua glória». Podemos dizer uma glória ofuscada pela glória das «mãos poderosas, humanas».

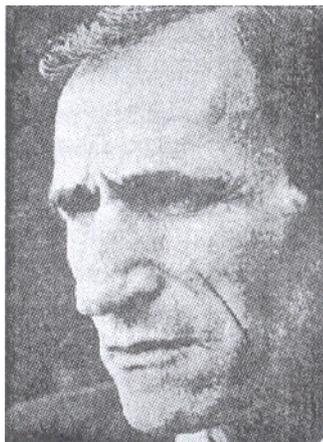
Um hino à vida terrena passa obrigatoriamente por um hino ao corpo em que essa vida se consubstancia. O padre Gusmão deixou falar o homem que, numa dimensão de alargada solidariedade, desempenhou as funções dum médico, como «mágico» que deu consistência a uma arte de roubar à morte.

Não é por acaso que os feiticeiros das tribos detinham, entre os dons, o de curar, prolongando uma vida palpável até ao limite máximo, sem ter pressa do bem supremo de uma outra, mesmo para os que crêem sem a sombra da dúvida.

O corpo ganha assim o prestígio de meio indispensável para sermos como nos conhecemos. Michel Foucault assegura mesmo que o único elemento que se serve do corpo e das suas partes é a alma (*L'Herméneutique du sujet*, cf. p.55), pois *estamos no corpo e somos corpo*.

Não é de estranhar que cientistas, poetas e filósofos o refiram como essencial. Atribui-se ao coração um papel de relevo porque o seu batimento equivale a estar vivo.

Assim, termino este breve apontamento com dois poetas. Miguel Torga e António Salvado.



Coimbra, 30 de Janeiro de 1991

#### CORDIAL

Não pares, coração!  
Temos ainda muito que lutar.  
Que seria dos montes e dos rios  
Da nossa infância  
Sem o amor palpitante que lhes demos  
A vida inteira?  
Que seria dos homens desesperados,  
Desamparados  
Do conforto das tuas pulsações  
E da cadência surda dos meus versos?  
Não pares!  
Continua a bater teimosamente,  
Enquanto eu,  
Também cansado  
Mas inconformado,  
Engano a morte a namorar os dias  
Neste deslumbramento,  
Confiado  
Em não sei que poético advento  
Dum futuro inspirado.

Miguel Torga, Diário XVI, p.60

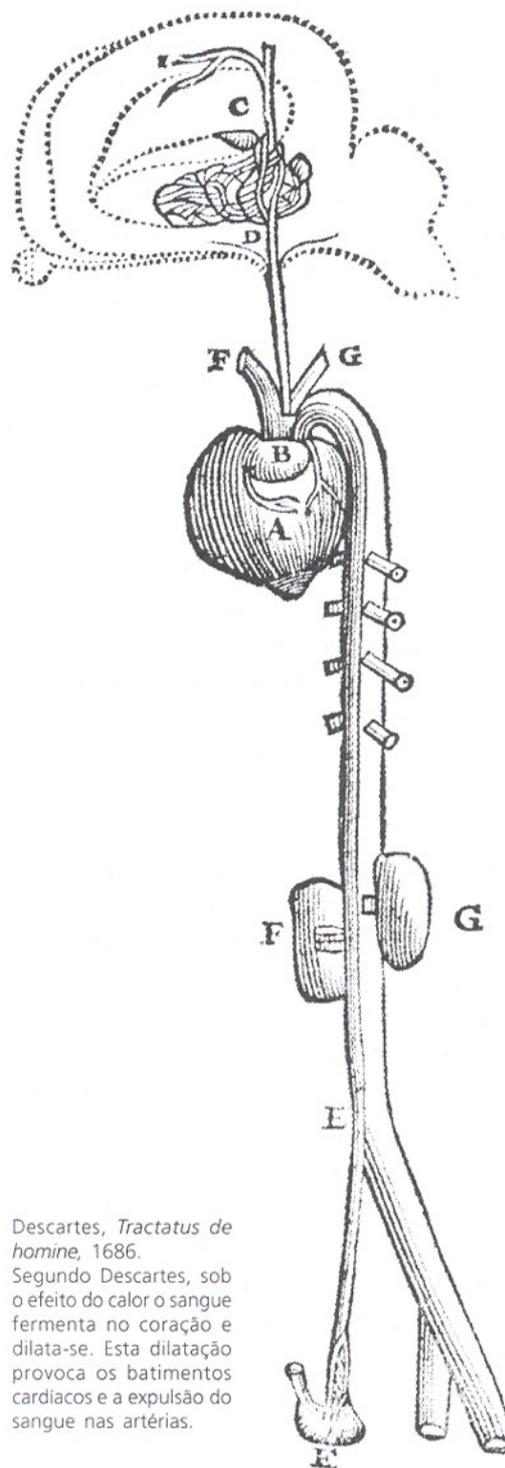
#### BATE, PULSA FORTE...

Bate, pulsa forte, coração...  
Ó dono de minhas horas,  
senhor desequilibrado,  
minha seiva...

Rompe:  
que nada retenha o virtual anseio  
do teu prolongamento em minha vida...

António Salvado, Obra I, p.8

#### Os batimentos do coração segundo Descartes



Descartes, *Tractatus de homine*, 1686.

Segundo Descartes, sob o efeito do calor o sangue fermenta no coração e dilata-se. Esta dilatação provoca os batimentos cardíacos e a expulsão do sangue nas artérias.

C 3

\* Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Doutora em Literatura Portuguesa.

## OS NÚMEROS NA TRADIÇÃO E NA CULTURA MEDITERRÂNICA

António Maria Romeiro Carvalho\*

Teófilo Braga, diz que «o poder dos números se liga ao culto sideral». Na Caldeia, os deuses e os demónios eram designados por números: os deuses, por números em ordem crescente e os demónios em ordem decrescente, isto porque os demónios agem e movem-se em sentido contrário ao que se movimentam os astros. Dito de outra forma, o sentido dos deuses, o sentido positivo, é o sentido da direita; o sentido dos demónios, sentido negativo, é o sentido da esquerda.<sup>1</sup>

Os números não exprimem quantidades apenas, mas ideias e forças; são a base ideal para as elaborações simbólicas. Para Platão, o conhecimento dos números «era o mais alto grau de conhecimento e a essência da harmonia cósmica e interior». Para Pitágoras e Boccacio, este conhecimento era, no mínimo, um instrumento dessa harmonia. Para São Martinho, os números são os invólucros invisíveis dos seres, e as próprias criaturas são números. Atribuem-se aos números os impulsos dos seres vivos. Compreende-se agora que os números-tal como os nomes - não podem ser nomeados e utilizados em vão. «Se a eficácia da palavra é grande, maior é a do número [...] se a palavra é a explicação do signo, o número é, com efeito, a raiz secreta, pois ele é o produto do som e do signo e, por isso, mais forte e mais misterioso».<sup>2</sup>

Qual o arquétipo que se esconde por detrás da utilização da cada número? É o que vamos tentar perceber.

### Os Números.

**Um** - Joaquim dá uma grande festa quando a sua filha faz um ano de idade.<sup>3</sup> O chão do barco de Utnapishtim media um acre.<sup>4</sup> O um é como se fosse a pausa antes de começar a preparação do temporal. O um é o Princípio não manifestado, o lugar do ser, fonte e fim de todas as coisas. Símbolo do ser e da Revelação. Compreende-se, pois, que quem aposte

no primeiro que vai encontrar, sabe que aposta na Revelação e na sua acção co-criadora.<sup>5</sup>

Quanto ao primeiro, a tradição diz que a primeira pessoa que encontra quando regressa a casa tem de ser entregue a quem se fez o pacto.<sup>6</sup> A Bíblia dá-nos o exemplo de Jéfté que teve de sacrificar a única filha a Javé (Jz 11, 30-36). O prometido é devido, assim pensa um homem vertical. Na verdade, o número 1 é o homem de pé, vertical, qual pedra erguida, falo ou bastão; é o homem activo associado à obra da criação.

**Dois** - O número dois simboliza a oposição, o conflito, a rivalidade e a reflexão ao mesmo tempo que indica o equilíbrio conseguido ou as ameaças latentes, sendo a primeira e, simultaneamente, a mais radical das divisões: criatura, criado; preto, branco, masculino, feminino,... Dois é o número «de todas as ambivalências e desdobramentos». Todo o simbolismo africano se apoia no dualismo fundamental que coloca no homem a morte e a vida, o bem e o mal, ...<sup>7</sup>

**Três** - Quando Maria fez 3 anos, os pais levaram-na ao templo. Ana sentou-a no 3º degrau do altar. Maria foi visitar a prima Isabel. Ficou lá 3 meses. Jesus, Maria e José (três) foram a Jerusalém. Jesus ficou para trás e eles foram procurá-lo. Descobriram-no, ao 3º dia, sentado no templo, no meio dos doutores.<sup>8</sup>

Três são as pingas de sangue que se tiram do dedo para assinar o pacto com o diabo.<sup>9</sup> Três é, cremos, o número mais frequente nos Contos de Fadas e Contos Tradicionais. A título de exemplo, são três as laranjas de Ouro; três são os anos que o chinês Urashima e a princesa dragão vivem, felizes, no fundo do mar; três meses, três semanas, três horas e três minutos era o tempo que a princesa deveria velar o príncipe que dormia como se estivesse morto.<sup>10</sup>

Três é o número mais corrente de filhos que os casais dos contos populares têm, quando se quer referenciar um como o mais esperto, belo ou com mais expediente.<sup>11</sup>

Exemplo da utilização do número 3 na medicina popular é «tirar o acidente». Se o azeite se espalhar

pelo prato é porque o «acidente não ficou tirado. Há que voltar a fazer o mesmo 3 vezes e três dias a fio. Se continuar a não ficar tirado o «acidente», fazer 3 vezes, 6 dias a fio, se permanecer, 9 dias a fio.

**Quatro** - Os significados do quatro são os do quadrado e o da cruz. É o número que simboliza a solidez, o tangível e o sensível; é um símbolo da plenitude e da totalidade. É a totalidade do criado e do perecível.

Carl Jung atribui grande importância ao número quatro, a quaternidade; para ele, «o fundamento arquetípico da psique humana».<sup>12</sup>

O quadrado de quatro é dezasseis; 16 indica a «realização do poder material», o que pode levar à exaltação do orgulho.<sup>13</sup>

**Cinco** - Com 5 anos, Jesus já fazia milagres.<sup>14</sup>

Cinco é a soma do primeiro número par (2) e do primeiro ímpar (3). É sinal de união, do centro, da harmonia e do equilíbrio. É símbolo do homem e do universo, porquanto, de braços abertos, são cinco as direcções. Sendo cinco os sentidos, o cinco representa a totalidade do mundo sensível.<sup>15</sup> Esta representação de totalidade torna-o eficaz, principalmente na Quinta-Feira Santa. É o que diz o final de algumas orações populares que mandam rezar cinco vezes.<sup>16</sup>

**Seis** - O número «correcto» de filhos é 6. Seis é o número do equilíbrio, um equilíbrio muito perigoso e difícil, como são todos os equilíbrios. Por isso é que o sétimo filho seria bruxa, se fossem sete filhas; lobisomem, se fossem sete filhos, mas também poderia ser, o sétimo filho homem mágico ou notável guerreiro.<sup>17</sup>

O número seis marca essencialmente «a oposição da criatura ao Criador num equilíbrio indefinido [...] é o número dos dons recíprocos e dos antagonismos, o do destino místico». No Apocalipse, é o número da Besta (666). Segundo a análise dos Contos de Fadas, seis é o homem físico tendo ausente o seu elemento salvador que lhe permite entrar em contacto com o divino. O número seis exprime-se pelo hexágono estrelado.<sup>18</sup>

**Sete** - Enkidu dormiu com a prostituta 6 dias e 7 noites. Cortam 7 cedros e é o fim da floresta de Humbaba. Anu lança 7 anos de seca sobre Uruk. Gilgamesh chorou 7 dias e 7 noites por Enkidu; à 7ª noite o verme agarrou-se a ele; o barco de Utnapishtim (do dilúvio) ficou pronto ao 7º dia; o barco tinha 7 cobertas, a tempestade do dilúvio durou 6 dias e 6 noites; ao 7º dia parou. Depois de o barco ter parado, Utnapishtim, ao 7º dia soltou uma pomba; depois de descer do barco, Utnapishtim fez um sacrifício aos deuses enchendo 7 mais 7 caldeirões. Gilgamesh acordou ao 7º dia; o barco de Utnapishtim tinha sete cobertas. Sete é o número da regeneração, da mudança e mesmo da criação ou recriação.

Na medicina popular um exemplo da utilização do

número 7 «rezar os torcidos». «Sete dias» representa na tradição bíblica «o estado simbolicamente perfeito de ser criança», comentário de José Augusto M. Ramos.<sup>19</sup>

Sete são os dias da semana, os degraus da perfeição, as esferas ou graus celestes, as pétalas da rosa, cabeças de naja de Angkor, ramos da árvore cósmica. Sétimo é o único dia da semana que tem, efectivamente, nome: Sábado; os outros dias da semana chamam-se pela ordem que se sucedem a este: Domingo é o primeiro, Segunda, o segundo, etc. Sábado é tão importante, que é o dia de não fazer nada. É o dia de Sabbatu judaico, sucessor do Sabbatu babilónico.<sup>20</sup> Sete simboliza a totalidade do espaço e a totalidade do tempo. Buda, ao nascer, mediu o mundo dando sete passos nas quatro direcções. O número sete é o número «completo, da plenitude e da totalidade».

Mas, atenção, o sete também transporta ansiedade, em virtude de indicar a passagem para o desconhecido, visto ter-se encerrado um ciclo.<sup>21</sup>

**Oito** - Jesus, com 8 anos, e o pai saíram a semear trigo. Jesus deitou 1 só grão à terra. Na altura da colheita, esse grão deu 100 medidas, que Jesus deu aos pobres da aldeia.<sup>22</sup> «Oito é, universalmente, o número do equilíbrio cósmico. É o número das direcções cardeais, ao qual se junta o das direcções intermédias; o número da Rosa dos Ventos, da Torre dos Ventos ateniense». É com frequência o número dos raios da roda celta ou budista. O oito é símbolo do equilíbrio central e o da Justiça. Oito deitado é o símbolo matemático do infinito. «O homem, imagem do macrocosmos, é comandado pelo número oito».<sup>23</sup>

O quadrado de 8 é o 64, sendo a totalidade realizada, perfeita, que é expressa pelo tabuleiro de xadrez com os seus sessenta e quatro quadrados».

**Nove** - Em Homero, o nove tem um valor ritual. Nove é o número das esferas celestes e dos círculos infernais.

Nove é a medida do espaço chinês e o número do Céu. Sendo 3 o número inovador, o quadrado (9) representa a universalidade. Os contos de todas as origens exprimem o infinito, o inumerável, com a repetição do número nove, caso dos antigos Iranianos com o 999.999.

Semelhante é o caso da tradição chinesa. Nove, em chinês, diz-se «eternidade» e, por isto, os imperadores das dinastias Ming e Qing (1368-1911) viviam num palácio com 9.999 divisões.<sup>24</sup>

**Dez** - Joaquim deu banquete a todos: ao Senhor Deus sacrificou 10 cordeiros e deu 100 cabritos ao povo.<sup>25</sup>

Dez «tem o sentido de totalidade, de conclusão, de regresso à unidade, depois de desenvolvimento do ciclo dos nove primeiros números». Todos os reis dominados pelo imperador chinês tinham de oferecer um filho para o servir durante dez anos.<sup>26</sup> Para Pitágoras era o mais

sagrado dos números.<sup>27</sup>

Dez mil é múltiplo de 10 e simboliza «a plenitude, a fertilidade, a abundância», como significará todo o múltiplo de 10.<sup>28</sup>

**Doze** - Na *Epopéia de Gilgamesh*, Enkidu fica 12 dias no seu leito de dor e morre ao 12º dia. Gilgamesh andou através da montanha de Mashu 12 léguas. Sempre em escuridão completa. Só ao fim de 12 léguas, o sol surgiu. Gilgamesh cortou 120 varas com 12 côvados cada para fazerem de mastro na barca de Urshanabi. Só atinge o local que quer depois de ter gasto as 120 varas e ter usado os seus braços como mastro e a sua roupa como velas.  $120 + 1 = 121$ .

Para festejar o nascimento de Maria, Joaquim deu um banquete: 12 veados para os padres e Anciãos. O sacerdote, para entrar no Santíssimo lugar do templo, vestiu o hábito das 12 campainhas. Jesus foi com os seus pais a Jerusalem, pela Páscoa e como era costume, quando atingiu os 12 anos, Maria deixou o templo e foi para casa de José aos 12 anos.<sup>29</sup>

Doze é o número das doze palavras «retorneadas» em Espanha e que São José diz ao Diabo.<sup>30</sup> Doze é o número das divisões espaço-temporais. É o produto dos quatro pontos cardeais pelos três planos do mundo. «O doze simboliza o universo na sua evolução cíclica espaço-temporal [...] Também o universo na sua complexidade interna». Resultando do casamento do 3 e do 4, o doze é um número de acção. «O doze é sempre, em definitivo, o número de uma realização, de um ciclo que se fecha».<sup>31</sup>

**Treze** - Treze é um número de mau agouro desde a Antiguidade, que o diga Filipe da Macedónia que morreu depois de ter juntado a sua estátua às dos doze deuses maiores.<sup>32</sup> Que o diga Cristo, na última Ceia, que comeu juntamente com os 12 Apóstolos. Mas, ambigualmente, o 13º de um grupo aparece como o mais poderoso e sublime, como acontece com Zeus.<sup>33</sup>

A semana dos Aztecas tinha treze dias e treze era o número do próprio tempo; associado a 52, estava o século asteca (13x4).

### Par e ímpar.

Tão importante como o número empregue, é o seu carácter de ser par ou ímpar. A ideia que nos surge, principalmente depois de ouvir os discursos das «mulheres de virtude», é a de que o número ímpar é masculino, enquanto o número par é feminino. O número par transmite-nos a ideia de um circuito fechado, sossego, completo, equilíbrio; algo muito próximo do que nos oferece o feminino mulher, mãe, casa,... Ao contrário, o número ímpar transmite-nos a ideia de faltar sempre algo, insegurança, incompleto, tal como ao homem solteiro falta algo que o complete. Depois de toque a finados, soavam 2 badaladas (par), caso fosse defunta; ou 3 (ímpar), caso fosse

defunto. O número ímpar é «império», dizem as mulheres de virtude; é como o homem solteiro que «parece que anda despernado».

### Conclusão.

O número é um instrumento utilizado na intervenção e na apropriação do poder em todos os momentos do quotidiano. Se a «mulher de virtude» recomenda beber água de determinada fonte «três» vezes seguidas; se o médico receita determinado medicamento para ser tomado «três» vezes ao dia; por mais inconsciente ou por mais científica que seja o motivo, a razão da receita numérica reside num arquétipo. Assim, seja a cultura, seja a medicina popular, têm no número não um simples enumeramento das tomas ou retomas, mas, mais do que isso, um feitiche, um objecto mágico, cujo simples enunciado é primeiro (e efectivo) passo para a cura. Isto é o número pronunciado é acto actuante.

O número, como o nome, não pode ser utilizado em vão, pois a eficácia do seu pronunciamento é inquestionável. O número poderá ser, hoje, não mais que um resíduo de uma função já esquecida, mas mantém inalterável a atracção própria das coisas misteriosas, como inalterável mantém o seu poder conjuratório.

---

\* *Sociólogo. Professor de História. Investigador do IEDS - UNL.*

---

### Notas

- 1 Teófilo Braga, *O Povo Português*, Vol. 2, pp. 106.
- 2 Ideias e citações de Jean Chevalier e Outro, *Dicionário dos Símbolos*, pp. 478-479.
- 3 Proto-Evangelho de Tiago, 6,2.
- 4 *Epopéia de Gilgamesh*.
- 5 Jean Chevalier, *Opus Cit*, p. 668.
- 6 É o caso do relatado nos contos «Branca-Flor», «O Gigante» e «A Aranha» in *Contos Tradicionais Portugueses*, volume 3.
- 7 Duas citações de Jean Chevalier, *Opus Cit*, pp. 270-271.
- 8 Proto-Evangelho de Tiago, 4; 7,2; 12,2; 24,1; Evangelho do Pseudo Tomé, 19,2;
- 9 História de José, O Carpinteiro, 3; 5, respectivamente.
- 9 «O Ferreiro da Maldição» e «O Príncipe Diabo» in *Contos Tradicionais Portugueses*, 2, 357-381.
- 10 Contos «As Três Laranjas Mágicas», «Urashima e a Tartaruga», «Fura Vidas», «É Mentira», «Os Sapatos que Dançavam até se Desfazem», «A Gata Borracheira» e «O Príncipe Adormecido», in Neil Philip, *Livro Ilustrado de Contos de Fadas*.

- 11 Contos Tradicionais Portugueses, 3, 669, 711, 566.  
 12 Jean Chevalier, Opus Cit, pp. 554-556.  
 13 Jean Chevalier, Opus Cit, p. 262.  
 14 Evangelho do Pseudo Tomé, 2,1.  
 15 Jean Chevalier, Opus Cit, pp. 196-198.  
 16 Recolha no Ladoeiro (Idanha-a-Nova).  
 17 Marc Bloch, Les Rois Thaumaturges, p. 24.  
 18 Jean Chevalier, Opus Cit, pp. 591-592.  
 19 Evangelho Segundo Tomé, 4. Comentário, p. 95.  
 20 Alexandre Alves, «O Calendário das Festas Bíblicas», p. 10-11.  
 21 Jean Chevalier, Opus Cit, pp. 603-606.  
 22 Evangelho do Pseudo-Tomé, 12,1.  
 23 Jean Chevalier, Opus Cit, pp. 482-483  
 24 «A Capital», 9-11-1995, p. 10.  
 25 Proto-Evangelho de Tiago, 4,3.  
 26 «A Rapariga Que Fingiu Ser Rapaz», Livro Ilustrado de Contos de Fadas.  
 27 Jean Chevalier, Opus Cit, pp. 261-262.  
 28 Jean Chevalier, Opus Cit, p. 262.  
 29 Proto-Evangelho de Tiago, 4,3; 8,3; Evangelho do Pseudo-Tomé, 19,1; História de José, o Carpinteiro, 3.  
 30 «Las Doce Palabras», Cien Contos Populares Españoles.  
 31 Jean Chevalier, Opus Cit, p. 272.  
 32 Doze eram os deuses maiores, e eram numerados de 1 a 12, ao contrário eram os demónios maiores, como ficou dito na «Introdução».  
 33 Jean Chevalier, Opus Cit, p. 657; o exemplo de Zeus nega esta afirmação.
- 
- Fontes e Bibliografia**
- 
- AAVV, *A Epopeia de Gilgamesh*, Lisboa, Edições António Ramos, 1979 (1960).  
 AAVV, *Bíblia Sagrada*, Lisboa, Livraria Figueirinhas, 1975, 21ª Edição.
- AAVV, *Evangelhos Apócrifos*, Lisboa, Editorial Estampa, 1991.  
 AAVV, *O Evangelho Segundo Tomé*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.  
 AAVV, *O Zohar. O Livro do Esplendor*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.  
 ASSIS, S. Francisco de, *Florilégio*, Lisboa, Editorial Estampa, 1961. *Cien Contos Populares Españoles*, Palma de Maiorca, José J. Olañeta, Editor, 1998, 4ª Edición.  
*Contos Tradicionais Portugueses*, Porto, Livraria Figueirinhas.  
 AAVV, «Pequim Distribui 280 Milhões de Toneladas de Couves», *A Capital*, 9-11- 1991, p. 10.  
 ALVES, Alexandre, «O Calendário das Festas Bíblicas», *Bíblica. Série Científica*, Ano 3, n.º 4, Novembro de 1995, pp. 7-11.  
 BRAGA, Teófilo, *O Povo Português*, Volume 2, Lisboa, P. D. Quixote, 1994, 2ª Edição.  
 CALAME-GRIAULE, Geneviève «A Palavra e o Discurso», in *História dos Costumes*, Vol. 5, Lisboa, Editorial Estampa, 2000 (1990), pp. 15-58.  
 CARVALHO, António Maria Romeiro, «Os Números na Cultura Popular», Fundão, Centro de Formação Concelhio do Fundão, 1999, pp. 51-64.  
 CASSIRER, Ernst, *La Philosophie des Formes Symboliques*, 2 Volumes,  
 CHEVALIER, Jean e CHEEBRANT Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994 (1982).  
 PHILIP, Neil, Livro *Ilustrado de Contos de Fadas*, Porto, Livraria Civilização, 1997.  
 SANTO, Moisés Espírito, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990 (1984), 2ª Edição.  
 SANTO, Moisés Espírito, *Dicionário Fenício-Português*, UNL, 1993.

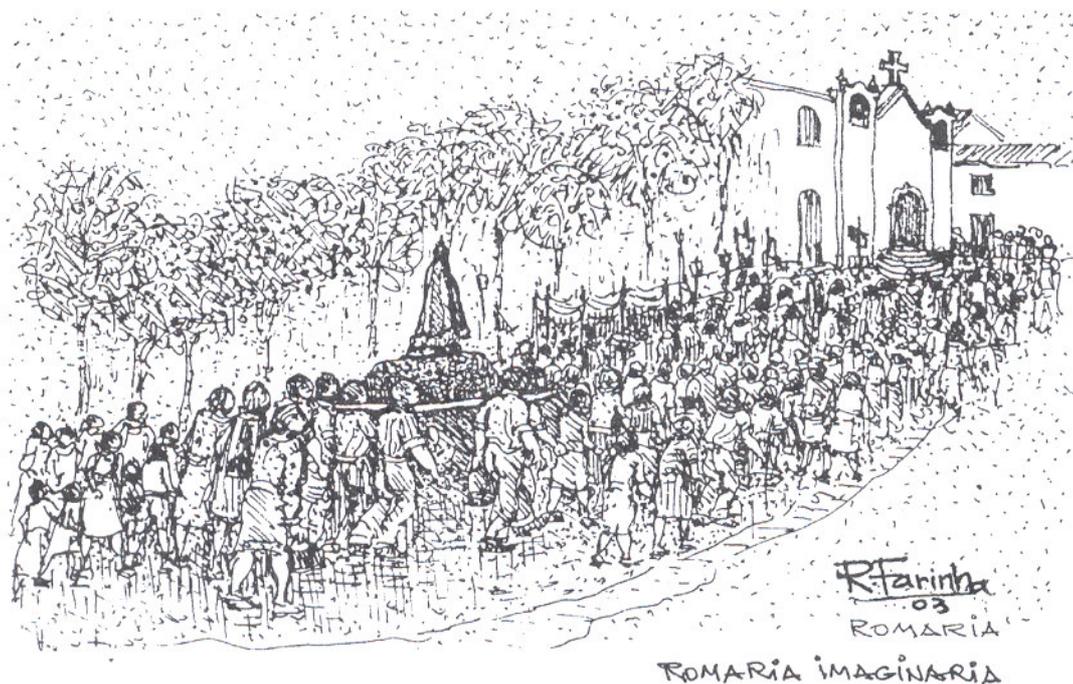
## ARQUIVOS DA MEMÓRIA

### Religiosidade nas aldeias, festas e romarias

Ribeiro Farinha\*

Neste roteiro pelos cenários da minha região pretendo revisitar os lugares, aspectos da religiosidade das populações na freguesia de Sobreira Formosa, algumas festas e romarias nas décadas de 40 e 50 do século passado.

da região e da época evocadas. Não um registo rigoroso e exaustivo mas, apenas, um apanhado de lembranças que vou juntando peregrinando pelos trilhos da infância e da adolescência. A memória é sempre falível e por isso, na avalanche de recordações



Como por toda a Beira Interior, as suas gentes sempre muito tementes a Deus continuam, na sua maioria, fervorosos praticantes da Religião Católica, apesar das visíveis mudanças das últimas décadas. Na sua fé encontravam um poderoso lenitivo que suavizava a dureza das suas vidas naquela época.

Juntando alguns fragmentos da memória regresso às origens, revejo marcas esbatidas daquele espaço social, repiso velhos caminhos e relembro ritos e práticas religiosas comuns a outras comunidades rurais

cruzam-se o passado com o presente e podem confundir-se o real e o imaginário. No fundo, esta série de colagens, é um capítulo mais do “eterno retorno” ao território-berço.

O temor a Deus, a crença na vida eterna, o medo do inferno, etc, estiveram sempre profundamente enraizados nas populações rurais.

E os seus sentimentos religiosos foram sempre para além do cumprimento dos deveres preconizados pela Igreja: assistir à missa ao menos ao domingo,

confessar-se pelo menos uma vez por ano, educar os filhos na fé, etc. Manifestavam-se a todo o momento, mesmo nas coisas mais simples do dia-a-dia.

A ideia de Deus e do Sagrado transparecia nas saudações: “Deus o guarde!”, “Deus esteja contigo!”, “Vá com Deus!”, “Fique com a graça de Deus!”, “Até amanhã se Deus quiser!”, etc.; num, agradecimento: “Deus nosso Senhor lhe pague!”, “Que Deus lhe acrescente tudo!”, “Que seja pela alma de quem lá tem!” etc.

Outros exemplos simples de expressões usadas conforme a situação. Se a uma mulher grávida era chegada a hora de “dar à luz” os familiares e amigos pediam a Deus que lhe desse “uma hora muito pequenina!” ou que Deus “o trouxesse por bem!” e o criasse para “um bom filho!”.

No seio familiar era prática usual, como muitos devem recordar-se, ao deitar e acordar e quando saíam, os filhos dirigirem-se aos pais e pedirem: “A sua benção meu pai/mãe!”, ao que os pais respondiam: “Deus te abençoe meu filho/ filha!”.

Também as tarefas mais simbólicas como a confecção do pão eram acompanhadas de rituais do sagrado: antes de tapar a massa para “fintar” a preparadora, com a mão a desenhar cruzeiros sobre esta, dizia: “Deus te acrescente, agora e sempre!” e outras expressões que já não lembro. O pão era benzido ao sair do forno e, na mesa, antes de repartido.

A mesa as famílias, antes e depois da refeição, rezavam agradecendo a benção do “Pão Nosso de cada dia!”. São exemplos simples de alguns hábitos então correntes que têm vindo a perder expressão e apenas nas gerações mais antigas, têm, hoje, algum eco.

As relações do homem do campo com a terra continham também, as suas relações com Deus. Protagonista heróico de um tempo de muitas carências, a gestão dos fracos recursos e a luta pela sobrevivência obedeciam a um enorme respeito pelas leis da natureza que considerava sagradas: os ciclos vitais e renovadores, as estações e as mudanças da Lua, por exemplo, fenómenos misteriosos e imprevisíveis que o guiavam e, ao mesmo tempo, condicionavam as lides agrícolas reflectindo-se nas colheitas, só poderiam obedecer a uma ordem divina.

Permitam-me abrir aqui um parêntese para transcrever um pequeno texto recriando, em forma de homenagem, o que chamarei “Algumas horas na vida de um agricultor”:

“(…) O tempo e o espaço eram partilhados com os bichos. Partilhada era também a comida: com porcos, galinhas, coelhos, e nos mais remediados, com os bois e as bestas de carga. Nos tempos de seca, com as ribeiras há muito evaporadas e a terra ressequida, só restavam os poços para manter pequenas manchas de esperança verde.

No inverno era o frio cortante e o vento que fustigavam a aldeia. A neve e a geada empurravam todos para o aconchego da lareira, paraíso terreno à luz bruxuleante da candeia.

Mas, aqui, falo de uma manhã de Primavera. Em volta da casa ao alvorecer o fumo saía da cobertura de telha -vã e o cheiro da terra orvalhada enchia as narinas do camponês que, como de costume, se levantava cedo para iniciar as suas lides. Depois de tratar os animais com quem mantinha amoroso entendimento, vagueou pelas terras de cultivo observando o bom andamento das culturas a indiciar promissoras colheitas: algumas árvores tinham os frutos já desenhados; do verde das hortícolas sobressaiam já algumas flores do tomate temporão; tudo ali parecia expressar gratidão pelas regas atempadas. Até da latada encostada ao palheiro vinham sinais de que ao pipo chegaria o precioso líquido para as ocasiões especiais com os amigos. O ano corria propício, nem à família, nem aos animais faltaria o essencial, “graças a Deus”.

Um sopro mágico vindo dos confins da madrugada passava pelo arvoredado em volta da propriedade. As folhas batidas pela brisa e um brusco bater de asas na ramagem acompanhavam a alvorada dos pássaros, compondo uma balada a saudar o sol que roçava já o verde - pinho da encosta dos montes em frente. Ali perto, a paz dos olivais e as cerejeiras em flor; o rosmaninho, a carqueja e o mato carmesim a exalar um perfume que chegava ao coração do homem.

Tudo lhe trazia a serena alegria dos justos. Depois de mil dificuldades tudo estava bem, agora: tinham saúde, os filhos aprendiam a ler, as hortas prometiam, não havia razões para desânimo.

Nesse momento pegou na enxada e dirigiu-se ao local onde as ervas ruins ganhavam terreno. E ali, de alma lavada, a consciência em paz, antes de levantar a enxada, virando-se para o ponto onde o sol se erguia, exclamou calmamente: “louvado seja Deus! - amanhã virá um novo dia!” e entregou-se à tarefa de eliminar as ervas daninhas.

Por fim, cansado mas feliz, guiado pelos quentes odores que lhe chegavam da cozinha, foi-se encaminhando para casa onde a família o esperava para o merecido almoço.” R. F./02.

Fecho o parêntese.

As manifestações de carácter religioso, singulares ou colectivas, têm sempre maior visibilidade nos momentos difíceis. Situações de catástrofe, doença ou morte precoce, perante fenómenos que escapam ao entendimento dos homens, nas falhas da Medicina, etc.

Talvez, por isso, a estreita ligação da Religião com a Medicina. Inúmeros testemunhos de todos os tempos o mostram. Ontem como hoje, sempre a crença religiosa se cruzou com as curas medicinais, científicas ou populares e com outros rituais e práticas

de curandeiros e bruxas não se sabendo, por vezes, onde começam umas e acabam outras.



Ontem como hoje, muita gente que confia na Medicina e nas práticas tradicionais da cura pelas plantas, pelo sim pelo não, junta ao remédio a oração, faz promessas aos santos e a entidades divinas, sem se interrogar sobre a parte que à Medicina cabe na cura alcançada. Mas a força da fé não pode ser medida nem posta em causa, apenas respeitada. Pois não conhecemos muito boa gente que transforma em santos e a eles recorre, até as pessoas que, pela sua generosidade e postura exemplar sempre praticaram o bem, como é o caso do Padre Cruz e do Dr. Sousa Martins, entre outros?

A cumplicidade entre a Religião e a Medicina não se verifica apenas nos meios menos esclarecidos mas em todas as comunidades humanas. Não admira pois que nos lugares onde, há décadas, era difícil fazer chegar um médico, mesmo em casos de maior gravidade - pelos maus caminhos, pela distância - as pessoas se agarrassem de alma e coração à sua fé na esperança de um milagre. Infelizmente, na maioria dos casos, ao médico restava apenas a missão de passar a certidão de óbito.

Hoje, nesta como noutras matérias a melhoria é também ali substancial. Razão para vos poupar a lamúrias e deixar para trás a lebrança de muitas dificuldades e da penúria dos tempos de guerra, além de outros espinhos daqueles anos.

Antes de entrar nas festas e romarias da juventude lembro o espaço limitado dos 18/19 anos, traçando um círculo imaginário com centro em Figueira e balizado pelos limites do concelho de Proença-a-Nova. Naquele espaço o mundo parecia acabar nos horizontes esfumados onde o céu repousava. Ali nos movimentávamos, seguindo o calendário das festas, mais atraídos pelo divertimento do que pelo lado religioso das romarias. Isso deixávamos para os mais velhos. Chegávamos a fazer 2/3 horas de maus caminhos mas isso não nos desmobilizava.

Pela mente passam belas imagens de cores

alegres e ecoam os sons dos antigos arraiais: S. Gens nas Moitas, onde pela manhã aparecia um forasteiro (o Tio Luís dos Tojais) montado numa égua branca a espalhar castanhas piladas, guloseimas e algumas moedas pela multidão que ao longo da rua principal se agitava. Enquanto vivo e pudesse viria todos os anos pagar a promessa; Nossa Sra. da Saúde em Maxiais, onde se mantém ainda o costume dos forasteiros conviverem e partilharem farnéis, nos montes em volta do povoado, até ao começo do arraial, pelas 16/17 horas; Nossa Sra. da Lapa em Cunqueiros onde, à hora da ceia, ninguém ficava sem comer, mesmo os que lá não tinham família, S. Luís, na terra de meu pai - Vale da Ursa - protector das crianças com problemas na fala e gagueês, Nossa Sra do Pópulo em Montes da Senhora, famosa pelos seus arraiais sempre muito concorridos; S. Lourenço em Alvito da Beira, Nossa Sra do Perpétuo Socorro em Atalaias, etc., etc., e outras que seria fastidioso enumerar.

As antigas capelas, algumas particulares, têm vindo a ser substituídas por novos templos, contruídos com o esforço do povo, ajudado por alguns emigrantes e com o produto de cortejos de oferendas realizados nas festas para o efeito. Isto evita, em alguns casos, a deslocação dos fiéis à vila para os ofícios religiosos. Mas como muitos desses templos não têm pároco residente, os fiéis continuam a deslocar-se de longe para a missa. Outros beneficiam de um sistema rotativo em que o padre da Paróquia, sempre que pode, celebra missa semanal nos templos locais, para melhor assistir o seu rebanho. Há ainda localidades sem a sua capela. Mas essas ficam próximas da Igreja Matriz pelo que as deslocações não são problema.

As romarias, algumas vindas de tempos remotos, desempenham um importante papel social e cultural. Embora com visual diferente e sem a magia de outros tempos continuam a atrair às aldeias muitos forasteiros nos fins de semana de Verão, contibundo para o reencontro dos que vivem nas cidades ou fora do País. Alguns restauram velhas casas e regressam ajudando a travar a desertificação de certas zonas, sobretudo nos locais de melhores acessos e mais atractivos.

Em busca das antigas referências verificamos que muito por lá mudou. Existe um abismo a separar estas décadas tanto no modo como vivem as populações como em relação ao seu espaço físico. É inútil procurar os velhos carreiros da memória que serpenteavam os montes em volta da aldeia: foram substituídos pela estrada, engolidos pelo matagal ou apagados pelo avanço do pinheiro e a plantação de eucaliptos.

Pela estrada se chega hoje. Embora tenham perdido população as localidades da freguesia têm hoje outro aspecto: ruas arejadas e casas arranjadas, sobretudo na periferia, para onde se expandem enquanto o miolo, um emaranhado de quelhas com palheiros esventrados, vai morrendo. Há muito por fazer em

termos de saneamento, por exemplo. Mas o panorama geral deixa para a história as casas escuras sem condições alumadas à luz de candeias de azeite ou petróleo, as paredes meias com os estábulos dos animais e as ruas atapetadas de mato.

A luz eléctrica, a água canalizada e outras benfeitorias vieram revolucionar por completo o modo de vida das populações. É certo que existem lugarejos encravados na serra ou perdidos pelos vales já desabitados, morrendo aos poucos com a morte dos mais velhos e a deslocação dos descendentes para locais mais interessantes. O despovoamento e a erosão das terras mais afastadas dos centros é um facto. Mas, por outro lado, são cada vez mais os que retornam ao berço natal.

No seu regresso, os filhos da terra deparam-se com situações novas: as boas propriedades de outrora, à mão de semear, estão abandonadas às silvas enquanto os donos recorrem ao supermercado mais próximo para adquirir uma alface ou uns quilos de batatas, vêem chegar, com as melhorias materiais, alguma marginalidade aos locais onde dantes, nem era preciso fechar as portas e os ecos inquietantes da cada vez maior atracção pelos “paraísos artificiais” e seus nefastos efeitos.

Embaladas pelo surto consumista muitas pessoas vão também na onda que chega a toda a parte, guiados pela televisão que vai marcando o compasso. Nesta voragem, a crença e a fé passadas de pais para filhos ao longo de gerações vão ficando submersas no mar de inovação e desafios dos dias que correm. Não admira que o culto religioso se veja substituído por outro cultos: o consumismo, a busca de notoriedade e riqueza, a tentação do dinheiro fácil e a imitação dos modelos saídos dos audiovisuais, etc. Mas sobretudo, as muitas frustrações e a quebra de valores.

Fazem-se sentir por todo o lado alguns dos efeitos negativos dos excessos da Globalização que, sendo inevitável, talvez pudesse seguir vias mais equilibradas. Cremos ser possível pensar num mundo mais justo num ambiente mais harmonioso em que as grandes conquistas não implicassem custos tão elevados para o indivíduo e para o ambiente; para que os mais débeis que não acompanham a marcha avassaladora das novas tecnologias não fossem sistematicamente esmagados neste vórtice imparável.

Na sarabanda infernal deste tempo de loucas correrias, é frustrante sentirmo-nos impotentes para mudar as coisas neste mar de contradições e embustes. A tal ponto vamos ficando anestesiados que mesmo os maiores horrores acabam por nos parecer naturais.

É tempo de dedicar alguma atenção às festas da vila sede de freguesia. Começo pela que é dedicada ao orago da Igreja Matriz, São Tiago Maior, que se realiza no penúltimo fim de semana de Agosto e dura três dias. Foi profana até 1971, data em que, por

iniciativa da Paróquia, passou a ter as componentes religiosa, desportiva e recreativa. A parte religiosa compõe-se da eucaristia, sermão e procissão; a desportiva inclui provas de atletismo, futebol e outras, a recreativa consta de arraial animado por conjunto musical, artistas de variedades e ranchos folclóricos, além de uma garraizada no último dia da festa.

É o ponto de encontro dos sobreirenses que vivem fora da terra e de centenas de forasteiros vindos das povoações do seu termo.

Além da Igreja Matriz, existem outros templos: a Igreja da Misericórdia do séc. XVI que terá sido hospital, as capelas em honra de Santa Ana, Sto António, S. Sebastião, Nossa Sra. de Fátima - esta mais recente, e a do cemitério, dedicada ao Senhor Jesus da Piedade.

As festas em honra de Sto. António atingiram grande notoriedade nos finais do séc XIX - princípios do século XX. Depois, durante muito tempo, resumiam-se à celebração de uma missa no dia do Santo. Foi a partir de 1978 que, pela mão da juventude, a festa retomou a tradição. São dois dias de festejos: uma jornada desportiva seguida de arraial até de madrugada e um dia dedicado à missa campal e à procissão.

Não existe festa anual dedicada a Santa Ana. Mas esta é muito querida das gentes da Sobreira. Há algumas décadas o culto à Santa era manifestado sempre que havia catástrofes. Quando uma seca prolongada atingia a região faziam-se ladainhas em que o povo pedia à santa que intercedesse junto das instâncias divinas para que viesse a chuva. Eu participei numa com minha mãe, pelos meus 8/9 anos. Recordo-me de ver o pároco à frente com o crucifixo e a caldeirinha de água benta seguido do sacristão com a campainha e a procissão atrás, percorrendo as ruas da vila. Às palavras do padre “Santa Ana mandai-nos água!” o povo respondia “Orai por nós!”. Lembro ainda de alguns bêbados que faziam trocadilho com as palavras do padre pedindo : “Santa Ana, para mim mandai-me vinho!”.

A capela de S. Sebastião possui um belo retábulo de talha dourada e as festas em honra do Santo, a 20 de Janeiro eram, na transição do séc. XIX para o séc. XX, das mais importantes da região. Era simultaneamente Romaria e Feira. Hoje resume-se à feira e a sua capela, entretanto remodelada, serve de capela mortuária. Lembro-me das grandes festividades em honra do protector dos animais a quem o povo recorria no caso de flagelos de peste e cólera. Quando a peste suína africana aparecia a dizimar os animais, tão importantes na economia doméstica das populações, estas prometiam produtos confeccionados com a carne dos animais que escapavam à doença: chouriços do comprimento do animal, presuntos, etc. que eram leiloados e cujo produto revertia para a confraria do Santo. A imagem de dois grandes cestos cheios desses produtos e

grande número de fogaças com oferendas várias continuam gravadas em mim, apesar de ser múdo na altura.

As cerimónias da Semana Santa em Sobreira Formosa eram, naquele tempo, a mais impressionante manifestação colectiva de religiosidade da freguesia. Na 4ª feira de Trevas aparecia pelas ruas da vila o ruído pesado das matracas que o sacristão incessantemente accionava, lembrando a morte de Cristo; na 5ª feira de Endoenças, as várias cerimónias solenes alusivas ao dia tinham grande participação dos fiéis, em respeitoso recolhimento; na 6ª feira da Paixão, a Procissão do Senhor do Passos saía da Igreja da Misericórdia onde a imagem do Senhor Morto, em câmara ardente era velada. Ali se deslocavam famílias inteiras, vestidas de luto em preito de homenagem. Ao som de marchas fúnebres pela então famosa Filarmónica Sobreirense a procissão percorria as ruas da Vila até à Igreja Matriz, sempre pequena para receber quantos queriam participar nas cerimónias esperando que o pregador subisse ao púlpito para a prédica dedicada ao sacrifício de Cristo.

Naqueles dias, de semblante triste, os homens punham gravata preta e as mulheres lenço da mesma cor em sinal de luto e até as crianças evitavam manifestações ruidosas. Eram dias de colectiva consternação. Só pelos finados e na morte de alguém querido se via clima semelhante. Era uma quadra de reflexão muito diferente do que é hoje: a maioria das pessoas empenhava-se numa espécie de purificação, famílias inteiras confessavam-se e comungavam.

O Sábado de Aleluia vinha aliviar um pouco o ambiente sombrio, findava a proibição de comer carne, excepto às sextas-feiras. Voltava um tempo mais alegre que o domingo de Páscoa confirmava. Na vila, o pároco fazia o Compasso Pascal anunciando a Ressureição do Senhor. Entrava em casa dos paroquianos, anunciava a Boa Nova, servia-se do que a mesa oferecia e recolhia donativos para a Igreja.

Até à maioridade os jovens, controlados pelos pais, iam seguindo os ensinamentos da Igreja, apesar da

rigidez com que a sua doutrina lhes era apresentada em que quase tudo seria pecado nas suas vidas. Depois, divididos entre a obediência cega e a resposta a dar às energias incontrolláveis que explodiam da sua juventude a empurrá-los para a transgressão, muitos cediam, sobretudo os rapazes, que tinham maior liberdade. E quanto mais o sangue lhes fervia nas veias, mais arrefecia neles o fervor religioso passando a reduzir as visitas à Igreja e ao confessionário, limitadas às celebrações especiais.

Nada melhor para terminar do que falar de crianças, dedicando algumas palavras a uma festa a elas dedicada que, nos anos 50, atingiu grande brilho. Refiro-me à festa do Sagrado Coração de Jesus que recebia na Igreja Matriz as crianças da freguesia que faziam a 1ª Comunhão. Depois das cerimónias religiosas e após um jejum que vinha desde a meia noite, era muito belo ver o Adro cheio de gente em volta do círculo formado por dezenas de crianças vestidas de branco, a tomar o pequeno almoço, especial para a época. Oferecido pela Confraria e servido pelas suas zeladoras, constava de um quarto de pão de trigo que nessa altura raramente chegava à mesa dos pobres, um naco de marmelada e um copo de café com leite, deliciosamente saboreados pelos miúdos, alguns dos quais tinham pela primeira vez, acesso a tão rico manjar. No centro da roda, grande cesto de pão que ia sendo repartido.

E à volta, andores e fogaças, oferendas de toda a espécie cujo produto obtido em leilão ia para a Confraria do Sag.º Coração de Jesus que organizava a Festa. Há muito que o evento deixou de se realizar naqueles moldes. Penso que hoje as crianças fazem a 1ª Comunhão em grupos separados conforme as localidades.

E é tudo. As minhas desculpas por ter abusado da vossa paciência. Bem-Hajam.

---

\* *Artista plástico*

## CÂMARA PESTANA E CARLOS FRANÇA - Grandes Nomes da História da Medicina Portuguesa

Fanny Andrée Font Xavier da Cunha\*

"Dantes, quando o SONHO ainda andava a pé pelo mundo e os lírios do campo ofuscavam a glória de SALOMÃO consta que existiu um tal CARLOS FRANÇA que, utilizando as galinhas chocas à falta de estufa, chegou a fazer confundir o seu retiro de Colares com uma famosa Universidade"



Os assistentes de Câmara Pestana (1899)  
1.º da esq. Dr. Carlos França, 2.º Câmara Pestana, 3.º Belo de  
Morais, 4.º Nicolau Bettcourt.

No dia 9 de Junho de 1977 perfez-se um século sobre o nascimento de *Carlos França*, e a tarefa de comemorar esse centenário com um discurso coube, por convite da edilidade de Colares, terra adoptiva de França, ao Prof. Doutor João Cândido da Silva Oliveira<sup>1</sup>, da Faculdade de Medicina de Lisboa, de cuja conferência comemorativa transcrevemos alguns excertos.

"....O panorama da ciência médica portuguesa sofrera no último quartel do século XIX uma prodigiosa mutação com o advento de *Câmara Pestana*. É do conhecimento geral que o longo período que a

precedeu se caracterizou entre nós pela ausência quase total de pesquisa científica original, confinando-se os clínicos, embora competentes, à simples informação dos factos e doutrinas criados em centros além fronteiras. Tal situação colocava a medicina nacional num plano subsidiário em confronto com os obreiros fazedores de ciência que labutavam nos laboratórios e clínicas para lá dos Pirinéus. No vasto campo da Biologia, normal e patológica, Pasteur em França, Koch e *Erlich* na Alemanha e *Lister* nas Ilhas Britânicas haviam lançado os fundamentos de novas ciências experimentais, criando a Microbiologia e a

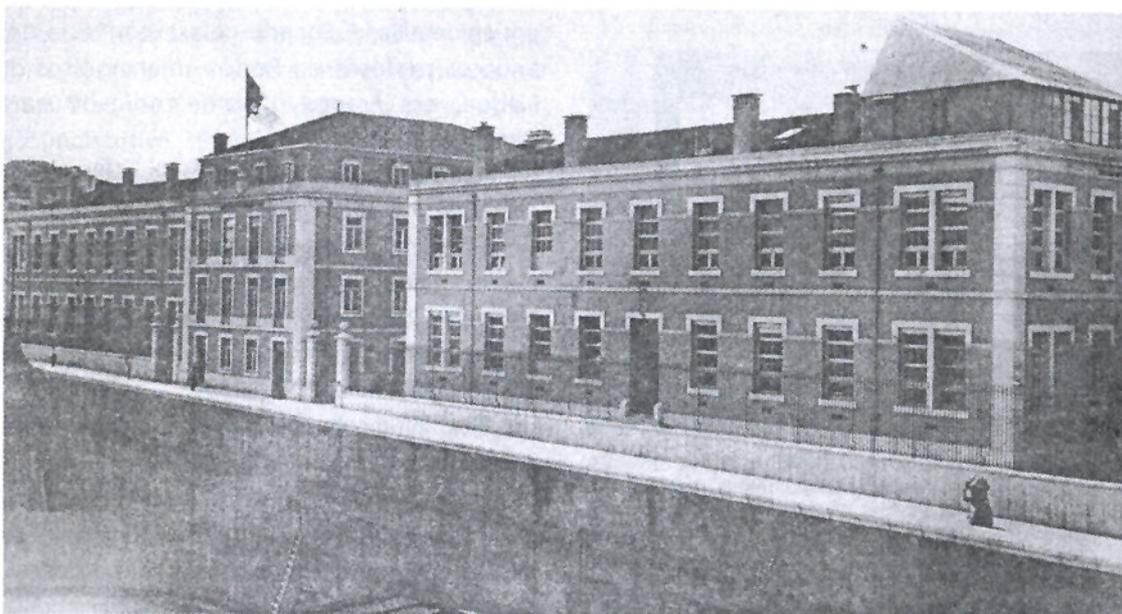
Imunologia com larga repercussão na clínica e na terapêutica. Uma enorme vaga de jovens investigadores logo acudiu ao chamamento dos grandes mestres e, no curto período das duas décadas finais de oitocentos, foram descobrindo os agentes das principais doenças infecto-contagiosas e desvendando os mistérios da sua acção patogénica.

Em Portugal, deve-se a *Câmara Pestana*, jovem médico madeirense, inteligente e diligente, a obra ímpar de criar o primeiro laboratório-escola de medicina experimental, onde nasceu para nós a Bacteriologia e ciências afins e onde floresceu um escol de investigadores cujos nomes, espalhados aos quatro ventos por revistas, anais e livros científicos, deram à biologia portuguesa um lustro que nunca tivera. Num velho pardiheiro do Hospital de S. José, improvisado em

É àquele grupo de novos cientistas guiados pelo saber de *Câmara Pestana* que veio juntar-se por volta de 1896, um jovem estudante de medicina, pleno de entusiasmo, idealista e liberal, de seu nome *Carlos França*, nascido em 9 de Junho de 1877 em Torres Vedras e filho do médico militar Dr. Inácio França.

E aqui começa a história dum dos nossos mais notáveis cientistas, cuja obra se estende por quase duas centenas de publicações estampadas nos prelos do mundo culto europeu.

Desta longa caminhada em que *França* se empenhou, resultaram sucessivamente escritos de neuro-histologia, de bacteriologia, de rabiologia, de epidemiologia e clínica, de zoologia, enfim de parasitologia animal e vegetal, ciência em que fez obra verdadeiramente notável.



Fachada principal do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, Lisboa. (foto gentilmente cedida pelo então Director Prof. Doutor Torres Pereira, 1980)

instituto de investigação, se juntou em torno de *Câmara Pestana* um punhado de moços entusiastas, mal saídos da Escola Médica, uns médicos, outros ainda estudantes, que se chamaram Anibal Bettencourt, Morais Sarmiento, Gomes de Rezende, Bello de Morais, Amor de Melo, Ayres Kopke, Francisco Gentil, Mark Athias, o veterinário Reis Martins e muitos outros que ajudaram a fundar e engrandecer com as suas pesquisas o que então se passou a designar, na letra do decreto de 1892, Instituto Bacteriológico de Lisboa.

O que foi a vida e obra de apostolado de *Câmara Pestana*, morto aos 36 anos no cumprimento da sua missão quando estudava a epidemia de peste bubónica que em 1899 assolou a cidade do Porto, está contado e recontado.(...)

O rol bibliográfico deste multímido pesquisador foi elaborado e comentado pelo seu mais ilustre biógrafo, o Professor Ferreira de Mira.

(...) A primeira publicação intitulada “Contribuição para o estudo das alterações cadavéricas das células radiculares da medula espinhal” saiu nos “Arquivos de Medicina”, fundados por *Câmara Pestana*, quando *França* era ainda estudante e já interno dos hospitais de Lisboa. É um trabalho de Histologia do sistema nervoso elaborado no que ele designou por “Laboratório de Histologia do Real Instituto Bacteriológico de Lisboa”.

E não é para admirar que, numa oficina de bacteriologia, surgisse uma obra de histologia já que *Câmara Pestana*, o mestre, era a um tempo versado em microbiologia, em anatomia patológica e em clima,

dentro do conceito de que a ciência médica forma um todo onde importa estudar tanto as causas da doença, como os seus efeitos e sua possível cura.

Daí que a dissertação inaugural de *Carlos França* que culminou a sua vida estudantil em 1898, fôsse também um trabalho de histologia sôbre o método de Nissl no estudo da célula nervosa e bem assim a publicação do ano seguinte sobre o papel dos leucócitos na destruição da célula nervosa, já de parceria com o notável histologista *Mark Athias* que então havia feito a sua aprendizagem em Paris com *Mathias Duval* e viera juntar-se à turma de *Câmara Pestana*.

Nesse ano memorável de 1899 as atenções de todos estavam centradas na peste do Porto, onde acudiu *Pestana* com os seus colaboradores *Gomes de Rezende* e *Carlos França*. O trabalho árduo a que todos se votaram dia e noite no miserando Hospital das Guelas de Pau, onde se acumulavam os pestosos, teve por epílogo a contaminação de *Pestana* e de *França* com o terrível morbo que levou à morte o primeiro e poupou por um triz o segundo. Desse trabalho clínico, epidemiológico e laboratorial deram conta *Carlos França* e *Rezende* no seu relatório de 1900. O material então colhido serviu-lhe de substrato para o estudo das alterações dos centros nervosos na peste e mais tarde para a discriminação das lesões cutâneas na mesma doença publicadas em revistas francesas e alemãs. A aprendizagem da bacteriologia ía-lhe custando a vida mas não lhe afrouxou o ânimo, de tal modo que a breve trecho se lançou nas investigações sobre a raiva.

Por essa época a raiva, doença invariavelmente mortal, grassava com intensidade em todo o País. O cão danado surgia em cada esquina ao indígena incauto e, para tratar os mordidos, tinha *Câmara Pestana* apetrechado o seu Instituto, que por morte de *Pestana* era agora dirigido por *Aníbal Bettencourt*.

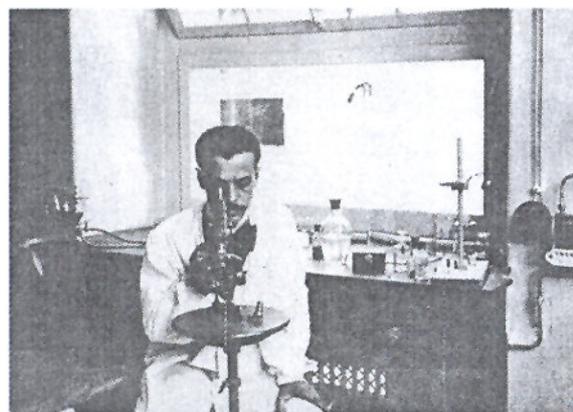
Vale a pena lembrar que a fundação do Instituto Bacteriológico muito deveu à Rainha D. Amélia, cujo retrato pintado por *Salgado* ainda orna muito justamente as paredes da biblioteca desta instituição. À beira da morte, *Pestana* escrevera à Rainha no sentido de interceder para que a direcção do Instituto fôsse entregue ao seu colaborador mais antigo, o *Bettencourt* e que *Carlos França* entrasse no quadro como médico auxiliar. O testamento do sábio bacteriologista foi escrupulosamente cumprido.

Nomeado chefe de Serviço da raiva, *Carlos França* dedicou-se logo ao estudo das alterações de sistema nervoso nos indivíduos mortos pela doença e à pesquisa de métodos laboratoriais que facilitassem o diagnóstico da doença em vida. Por outro lado, conhecedor de que a doença provinha dos animais e constituía a zoonose mais terrível, empreendeu um conjunto de estudos memoráveis que intitulou "Pesquisas sobre a raiva na série animal", investigando

os murídeos, a raposa, o ouriço, o texugo, a doninha, o porco espinho e o lobo, estabelecendo dados que mais tarde viriam a ser confirmados por pesquisadores doutros países. Só muito depois dos seus estudos, o ratinho ou murganho se tornaria, como ele previra, o animal sensível de escolha para a investigação do vírus rábico.

### Os temas de estudo surgiam-lhe agora debaixo dos pés.

Na nosografia nacional reaparecia em 1900 a meningite cerebrospinal epidémica que por um quarto de século andara arredada do País. A onda epidémica, que partira do nordeste transmontano e se espalhou a todas as províncias, atingiu o seu auge no começo de 1902. Os numerosos casos geralmente ocorridos em crianças da área de Lisboa eram acolhidos no serviço especial de isolamento instalado no Hospital de Arroios cuja direcção foi cometida a *Carlos França*.



Carlos França, na sua mesa de trabalho no Real Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, Lisboa. (1900 ou 1902?).

Então por sua iniciativa neste hospital ou em colaboração com *Aníbal Bettencourt* no Instituto Bacteriológico, empreendeu um longo estudo clínico, epidemiológico, anatomo-patológico e bacteriológico, de que prestou contas num relatório ao Conselheiro-Enfermeiro-Mor dos Hospitais e que publicou, em pormenor, numa memória subscrita por *Bettencourt* e *França* a qual constitui o primeiro artigo do primeiro número da publicação ainda hoje denominada "Arquivos do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana" que foi sucessivamente dirigida por *Aníbal Bettencourt*, *Nicolau Bettencourt* e por mim próprio.

Nesta e noutras publicações sobre a meningite epidémica ressaltam verdadeiras inovações, como o uso de substâncias antissépticas injectadas no canal raquidiano para tratamento da doença, método que logo foi adoptado pela medicina de além fronteiras.

Ano após ano foi-se desentranhando em pesquisas diversas até que, em 1910, a epidemia de cólera da



Placa comemorativa do 1.º centenário do nascimento de Carlos França, 9 de Junho de 1977, no Largo Dr. Carlos França. (foto Dr. V. H. Neto).

ilha da Madeira veio mudar o curso à sua actividade e influir radicalmente na sua vida científica. Já então se havia proclamado a República no País e o ministro do Interior, ao tempo o Dr. António José de Almeida, alarmado com a difusão da epidemia de causa ainda não confirmada, sugeriu ao Prof. Ricardo Jorge, Director Geral da Saúde, que se enviasse *Carlos França* a fim de apurar o diagnóstico e assumir a direcção da luta antiepidémica. Caldeado pela experiência dos andaços pestosos do Porto e meningíticos de Lisboa, era *França* o nome indicado para semelhante tarefa.

De princípio recusou alegando o seu estado de saúde. Na verdade, desde há tempos que o vinha aflingindo o mal que o havia de levar à morte, mas o sentido do dever foi mais forte e, a 30 de Novembro desse ano, partiu para a Madeira no vapor S. Miguel, já investido no cargo de Director dos Serviços Sanitários Insulares.

Imediatamente após a sua chegada procedeu aos estudos laboratoriais que firmariam o diagnóstico de cólera pelo isolamento e culturas do vibrião seu agente. Ao mesmo tempo iniciou um conjunto de medidas de combate à doença, estabelecendo uma organização sanitária modelar que a breve trecho conduzia à extinção da epidemia. Não foi porém sem obstáculos que o árduo trabalho se processou. Deparou-se-lhe uma população na sua maioria ignorante e fanática, vivendo na miséria e na ausência dos mais rudimentares preceitos de higiene motivada pelo alcoolismo e a fome, negando-se a aceitar que a doença reinante era a cólera. O encerramento do porto do Funchal mais agravou a animadversão do povo.

Urgia trabalhar depressa e com decisão. Logo que aquela pobre gente viu a epidemia a declinar, mercê das medidas adoptadas, afrouxou a sua desconfiança e como escreveu com modéstia o próprio *Carlos França*, “a Madeira, com inegalável bizzaria, recompensava generosamente aquele sobre cujos ombros pesava indevidamente o honroso encargo de

Chefe dos Serviços Sanitários do Distrito”.

Entretanto iniciara *França*, no Instituto Bacteriológico e na Escola Politécnica onde desempenhou o cargo de naturalista do Museu Bocage, a sua obra de parasitologista que havia de imortalizá-lo.

Sendo a Parasitologia, já nessa época, uma ciência reconhecida no mundo culto, mal andaria a Faculdade de Medicina de Lisboa se lhe não desse foros de disciplina independente e não procurasse chamar ao seu âmbito *Carlos França* como professor indiscutível. E assim *Carlos França* foi por unanimidade e com dispensa de provas, nomeado professor livre da Faculdade.

Quando das comemorações do Centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa em 1925, o novo docente proferiu no anfiteatro de Fisiologia do Campo de Santana quatro memoráveis lições de Parasitologia.

No início do seu discurso comemorativo disse Cândido de Oliveira: “E porque os escritos e comentos sobre *Carlos França* escasseiam para vergonha de todos nós, é mister que alguém desencante dos alfarrábios esta maravilhosa história de proveito e exemplo e a traga ao convívio do povo generoso da sua terra” (Colares, 1977). É porém ao convívio de todos nós que, neste início de século, deve ser trazida a obra do epidemiologista, parasitologista e higienista que em 1925, referindo-se à onnipotência que a higiene hoje possui, diria “*que os seus progressos foram tais que ao Século XX caberia rigorosamente a designação do século da higiene, tais as maravilhas que nele se têm realizado nesse campo, que é, afinal, o de uma das mais belas conquistas para a Humanidade*”.

---

\* *Técnica Superior, Museu Nacional da Ciência e da Técnica.*

---

## Notas

1 Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa (1906-? ), distinguiu-se no campo da Bacteriologia, da Serologia, da Parasitologia, da Hematologia, da Quimica Biológica, do Metabolismo Basal, etc. Foi o primeiro que, em Portugal, iniciou estudos sobre “Bruceloses”

## Referências Bibliográficas

Gomes, Celestino: *É bom poupar a Saúde*, "D.N.", s.data.

Oliveira, João Cândido da Silva: *O Centenário de Carlos França*, 1977.06.09 não publ.cedida pessoalmente à autora a fim de figurar numa biobibliografia de Carlos França a publicar nas "Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica", as quais após o falecimento do Prof. Doutor Mário Silva, seu fundador e editor, deixaram de se editar.

Mira, M. Ferreira de: *Notice sur l'oeuvre scientifique de Carlos França*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927.

Cunha, Fanny Font Xavier da - *Evolução Histórica da Ciência Médica e Política Patrimonial*. «Medicina na Beira Interior» Cadernos de Cultura, n° 26, Nov. 2003.

- França, Carlos: *Uma autopsia d'um caso de doença do sono*. Lisboa, Typ. do Dia, 1901. Separata da «Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia Práticas», 1901.

- *Contra as sezões. Instruções populares para a prophylaxia do impaludismo*. Sociedade das Ciências Medicas de Lisboa, Lisboa, 1903.

- *Sur une nouvelle espèce de Glossine*. Extrait du «Jornal de Sciencias Mathemáticas, Physicas e Naturaes» 2<sup>as</sup>, Tome VII-n° XXVII, Lisbonne 1905.

- *Sobre as Glossinas da África Oriental existentes no Museu de Lisboa*. Extracto do «Jornal de Ciências Mathematicas, Physicas e Naturaes» 2<sup>as</sup>. Tome VII, no XXVII, Lisboa 1905.

- *A Epidemia Cholerica da Madeira*. Relatório apresentado ao Ministerio do Interior por C.F. , Lisboa, Typ. Universal, 1911.

- *Phlebotomus papatasi (Scopoli) et fièvre à Papataci au Portugal*. Paris, Masson & cie. Editeurs. Extrait du «Bulletin de la Société de Pathologie Exot. » Vol. VI, no 2, 1913-02-12.

- *"Phlebotomus" Portugueses*. Porto, Tip. a Vapor da Emp Guedes. Separata do n° 295 de "A Medicina Moderna". 1918, p. 901.

- *Observations sur le genre Phlebotomus*. II - Phlebotomes du Nouveau Monde (Phlebotomes du Brasil et du Paraguay). Lisbonne, Imp. de la Lib. Ferin, 1921. Extrait du «Bull. de la Soc. Port. des Sci. Naturelles», t. VIII, 1920-11-17, p.907.

- *A Preliminary note on Bilharziosis indigenous in Portugal* Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene. 15 December 1921.

- *An early Portuguese contribution to Tropical Medicine (translated and communicated by Clifford Dobell)*. Paper read at a meeting of the Royal Soc. Of Tropical Medicine and Higiene 1921-05-05. «Transactions of the Royal Sot. Of Tropical Medicine and Higiene», Lon-

don, 15(1-2) 1921 May.

*Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) História de uma missão científica ao Brasil no século XVIII*. «Boletim Soc. Broteriana», Coimbra, 2° s. 1(1), 1922.

- *L'hôte intermediaire du Schistosomum haematilium au Portugal (Dufourii GRAELLS)*. Paris, Masson & cie Editeurs, 1922. Extrait du «Bull. de la Soc. de Path. Exotique», t.XV, n° 9, 1922-11-08.

*Recherches sur les Plantes carnivores*. II - L'Utricularia vulgaris. III - La question des plantes carnivores dans le passé et dans le present. Coimbra, Impr. da Univ., 1922. «Bol. da Soc. Broteriana», V° 1, 2<sup>as</sup>, 1922.

- *Observations sur la Bilharziose a Schistosoma Haematobium*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1922. Extracto do «B. de Ciências Mat Naturais», 5<sup>as</sup>. n° 11, 1922.

- *Observations sur la Bilharziose a "Schistosoma Haematobium"*. \_ IV - Um novo foco de Bilharziose em Portugal. V - L'ovométrie et son importance dans le traitement par l'emétique. Lisboa, impr. Nacional, 1923. Extracto do J. de Sc. Mat. E Fis. Naturais, 5° s, n<sup>a</sup> 14, 1923.

- *L'emploi des Plantes dans le combat des moustiques*. Lisboa, Centro Tip. Colonial, 1923. Sep. des C.R. du 1° Congr. de Méd. Trop. de L'Afrique Occid «Rev. Médica de Angola», t.III, n° 4, 1923.

- *Profilaxia da Bilharziose*, Lisboa. Centro Tipografico Colonial, 1923, Sep. des «C. R. du 1° Congr. de Med. Trop. de L. Afrique Occidentale». Revista Medica de Angola, t.III, n° 4, Julho 1923.

- *Prophylaxie de la schistosomiase*. (Faculdade de Sciencias de Lisb.). Sep. des «Comptes Rendus du I Congrès de Méd. Trop. de L'Áfrique Occidentale», Lisbonne, 1923.

- *Discurso de encerramento I congresso de Medicina Tropical da África Ocidental*. Sessão de 23 de Julho de 1923. Luanda, Imprensa Nacional de Angola, 1923.

- *Observations sur la Bilharziose à Schistosoma "Haematobium"* VI - Sur l'hôte Invertébré du "Schistosoma" au Port. et considérations sur les Planorbides. Lisboa, Impr. Nacional, 1923. Extracto do, «J. de Ciências Matemáticas, Fis. e Naturais», 5<sup>as</sup>. , n° 16, 1923.

- *Notes Parasitologiques*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924. Ac. Sci. de Lisboa. Extracto do «J. Sci. Mat. Fis. e Naturais» , 3<sup>as</sup>, n° 17, 1924.

- *Notes Parasitologiques sur L.Angola*. Paris, Mas-son & Cie. Editeurs, 1925. «Annales de Parasitologie Humaine et Comparée», t.III, n° 3, Juillet 1925.

- *Quatro lições de Parasitologia*. Lisboa, 1925. «Rev. de Biologia». Faculdade de Medicina de Lisboa, Ed.

- *Os Portugueses da Renascença, a medicina Tropical e a Parasitologia*. Madrid, Talleres Poligráficos S. A. Association Española para el Progreso de las Ciencias. Congreso de Coimbra, 1924/1925.

- *Os Portugueses da Renascença, a medicina Tropical e a Parasitologia*. Coimbra, Imprensa Nacional, 1925.
- *Os Portuguezes e a Medicina Tropical (A Framboesia tropical)*\_«Medicina Contemporânea», Lisboa, 2<sup>as</sup>, t.28, 43(37) 1925-09-13, pp. 289-291.
- *Sobre o nanismo dos planorbios dum dos focos portuguezes da Bilharziose* Asociacion Española para el Progreso de las Ciencias. Congreso de Coimbra, "Ciências Naturais", t. VI. Coimbra, 1925 Julho.
- *Quelques Considérations sur les LEISHMANIA*. Inst. Rocha Cabral, Lisboa. Extrait des «Mémoires et études du Mus. Zool. de l'Univ. de Coimbra, s.II, n<sup>o</sup> 2, 1926.
- *A Ovometria nas Schistosomoses*. «Med. Contemp.», Vol.XLIV, n<sup>o</sup> 1, p.4-5, 1926.
- *Os Portugueses do Século XVI e a Fauna Brasileira*. (Separata das «Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Univ. de Coimbra», s.I, n<sup>o</sup> 9, 1926.
- *Os Portugueses do século XVI e a História Natural do Brasil*. \_Lisboa, Empresa Literária Fluminense, Lda. 1928. «Sep. da Revista de História», vol. XV, 1928.
- *Subsidios para a história de algumas plantas cultivadas*. Col. Natura. Porto Editora. Araújo e Sobrinho, Março de 1928.
- FRANÇA, C, SARMENTO, Morais - *Nota sobre alguns Culicidios Portuguezes*. Lisboa, Typ. do Dia, 1901. Separata da «Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia Praticas».

## ANTONIO PEREZ, PORTUGUÊS E CIRURGIÃO-MOR DA ARMADA INVENCÍVEL

Romero Bandeira\*

### 1 - Introdução

Em 27 de Março de 1586, um despacho de Lisboa elaborado pelo Marquês de Santa Cruz, corporizava a ideia da Armada Invencível para a invasão de Inglaterra, com os encargos financeiros a cargo da Coroa de Castela, excluindo a Coroa de Aragão, Portugal e os Países Baixos. Porém, em 1587, quando Filipe II *“que não era um estadista rápido na execução dos seus projectos”* decide finalmente a intervenção sobre Inglaterra, elabora um plano de operações em sentido contrário ao dia D na Normandia durante a 2ª Guerra Mundial, ou seja, a Armada Invencível limparia o Canal da Mancha e os *“Tercios”* velhos de Alexandre Farnesio atacariam a Inglaterra.



Invencível Armada (gravura da época)

Este plano idealmente pensado, esbarrou com a falta de entusiasmo por parte do Marquês de Santa Cruz, que se viu relegado para um segundo plano; o grande Almirante castelhano havia acalentado a ideia de ser o protagonista da notável empresa.

Associado a este facto, em 29 de Abril de 1587 Cadiz é atacada pelo Almirante Drake e em meados de Setembro, Filipe II tem a notícia duma vitória notável na Flandres, por parte de Alexandre Farnesio, o que veio em tudo corroborar a opinião do monarca.

Entretanto, havia já troca de correspondência entre Filipe II e o Marquês de Santa Cruz, com a finalidade de que a Armada se fizesse ao mar, mas sucessivas dilacções por parte do Almirante castelhano levaram à ira e a uma tomada de força por parte do Rei, uma vez que as guarnições começavam a adoecer e os víveres a estragarem-se, além de que o factor surpresa deixou de existir e havia a hipótese peregrina para Espanha de serem os Ingleses a atacá-la.

Quando o emissário de Filipe II, com ordens expressas para Santa Cruz, o encontra, este apresenta-se gravemente enfermo e falece a 9 de Fevereiro. Face a este estado de coisas Filipe II, num arroubo incompreensível para nós, dado que era efectivamente um grande estadista, nomeia para comandar a Armada um homem *“que nunca tinha navegado e que nada entendia nem de mar nem de guerra”* (Alvarez 1998), ou seja o Duque de Medina-Sidónia. De nada valeram as diligências por este efectuadas para ser desligado do cargo e assim, *“A «Invencível Armada», reunida enfim no Tejo, nos princípios de 1588, saiu de Lisboa a 27 de Maio. Constituída por esquadras de Castela, de Nápoles, de Biscaia, de Portugal, de Andaluzia, de Guipuzcoa e do Levante, o seu efectivo total era de 146 grandes navios, com 2400 canhões e 8000 marinheiros, sob o comando do inepto duque de Medina-Sidónia, por ter entretanto morrido o marquês de Santa Cruz. O contingente de Portugal compunha-se de 10 galeões e 2 salvas com 3286 soldados, 1172 marinheiros e 384 peças, e mais 4 galés com 306 soldados, 306 marujos e 20 peças. No exército de transporte iam 2 terços portugueses de 5 companhias cada, num efectivo total de 2000 homens.”* (Selvagem 1931)

### 2 - A assistência castrense aos doentes

Neste período renascentista, a assistência à doença carece, no plano hospitalar, de reforma, conduzindo necessariamente a uma especialização daqueles

estabelecimentos, designadamente por profissões, os países mais desenvolvidos na época criaram os seus hospitais militares, sendo de referir que Henrique II criou os “*hospitais ambulatórios*”, tendo Henrique IV procedido da mesma forma. São, pois, hospitais que têm uma duração de acordo com as operações militares. (Imbert 1982).

No plano castrense, a Coroa de Castela tinha um lugar de destaque, na medida em que possuía um hospital de campanha desde o tempo de Isabel, a Católica, e um hospital permanente em Pamplona desde 1579. A nível do mar o mesmo acontecia e nos preparativos sanitários para a Armada invencível, foi esta enquadrada por mais de oitenta cirurgiões e dois navios arvorados em hospital. (Lindemann 2001).

A história da guerra no mar refere-nos a existência de médicos notáveis; designadamente, na batalha de Lepanto (1571), são referidos dois: Daza Chacan e Lopes Madera, que foi ainda “conselheiro político activo de D. Juan de Austria”. Conforme escreve Gregório Maraño (1958), pressupõe-se que seguiria com eles o número julgado suficiente de pessoal sanitário, tal como na campanha de Tunez em 1573, o qual era constituído por quatro proto-médicos, vinte e cinco cirurgiões, quinze barbeiros e quatro boticários. O socorro às gentes do mar estava muito longe do razoável, tendo Daza Chacan, que sempre esteve, desde a conclusão da sua formação cirúrgica, ao serviço castrense, sido não só um inovador nas terapêuticas cirúrgicas mas também um cirurgião estudioso e admiravelmente caritativo.

Segundo Maraño (1958) “resumiu a sua experiência num livro admirável que ainda os não médicos podem ler com deleite, intitulado *Prática y teoría de cirugía en romance y en latin*, dedicado a Filipe II”.

A presença de um médico a bordo, num navio Português, segundo Frada (1997), data de 1415, ano da conquista de Ceuta, sendo o facto relatado por Zurara. Igualmente de acordo com João Frada (1997), no seu excelente trabalho intitulado “Organização Naval e Sanitária”, atesta que no ano de 1518 é assinalada “a primeira referência ao uso de mezinhas que seguiam em uma botica de bordo integrada numa armada, rumo à Índia, saída de Lisboa naquela data sob o comando de Diogo Lopes de Sequeira”, pese embora alguns historiadores aludirem a que em 1519, durante a Viagem de Circum-navegação de Fernão de Magalhães, é referida a primeira lista de medicamentos transportados numa botica a bordo.

Nesta ordem de ideias há que realçar a importância da utilização de novas drogas. Rui-Pita (1991), no seu trabalho intitulado *The Apothecary's Shop: an institution for health care*, escreveu: “*If the 16th century is usually considered as having been one of great interest to the history of pharmacy, this stands particularly true in the Portuguese case. In fact, due to their direct engagement in the Great Maritime Discoveries,*

AS V M M A Y

EXAMEN DE CHI-  
RURGIA, Y DE LO MAS NE-  
cessario que en ella se contiene, con breues ex-  
pulsiones de algunas sentencias de Hipocra-  
tes y Galeno. Compuesta por el licencia-  
do ANTONIO PEREZ Por-  
tugues, Chirurjano,



q CVM PRIVILEGIO.  
Impresso en la Noble y Coronada villa de  
Madrid, por Pierres Cosin Impresor.  
Año. de 1568.  
Esta tassado en

*the Portuguese brought to Europe new drugs which increased the therapeutical arsenal. Besides, at the time, some Portuguese scholars contributed decisively to a better knowledge of those drugs and the corresponding therapeutic effects. Finally, during the 16th century, important provisions concerning the qualifications of the apothecaries and the correct exercise of their activity were promulgated by the kings of Portugal.”*

### 3 - O Cirurgião-Mor António Perez

Quando em 1580 o Duque de Alba comanda as tropas de ocupação em Portugal, acompanha-o Andrés de Leon que no seu livro *Practico de Morbo Galico* publicado em 1605, disserta acerca da sua intervenção no nosso País, mais propriamente em Setúbal, tendo chegado a ser nomeado proto-médico da Armada (Guerra 1981), atingindo assim uma patente superior a Daza Chacan, que se retirou do serviço em 1580, depois de ter sido cirurgião de Filipe II durante sete anos.

Antonio Perez (1540-1598) viveu durante uma época

em que, como já referimos, trabalhavam para a Coroa de Castela médicos e cirurgiões de renome, extratamos de Chinchilla (1841-1846) o seguinte: *“Antonio Perez. Se sabe que fué portugués, aunque no el pueblo de su naturaleza. Fue cirujano de cámara de Filipe II. Escribió la obrita siguiente. Suma y exámen de cirugía, y de lo mas necesario que en ella contiene; con breves exposiciones de algunas sentencias de Hipócrates y Galeno. Compuesta por el licenciado Antonio Perez, portugués, cirujano, Madrid 1566.*

*(...) En la dedicatoria dice el autor «que se determinó a escribir esta obrita por la mucha falta que tenían los cirujanos romancista de un tratado sencillo y claro; que los que corrian entre sus manos, aunque escritos en romance, estaban tan sobrecargados de citas y textos latinos, que no entendían la mayor parte de las cosas.» Asi es que se escribió única y exclusivamente para los cirujanos romancistas. Protesta «que mejor pudiera escribirla en latin, para que mas autoridad tuviera; pero no lo hacia por las razones espuestas en su dedicatoria (aviso al lector).» (...) Esta obrita es el mejor compendio que se escribió de cirugía en España”.*

A mesma opinião é corroborada por Morejon (1843): *“Hizo este tratado para los cirujanos romancistas, y en él esplica qué sea cirugía, las condiciones que ha de tener el buen cirujano, las apostemas, llagas, úlceras, dislocaciones y fracturas, y últimamente incluye los aforismos de Hipócrates pertenecientes à cirugía. D. Nicolás Antonio hace mencion de otro Antonio Perez, médico y cirujano de cámara, suponiéndolo diferente del referido; pero yo creo que fue el mismo, y escribió ademas la siguiente obra: Tratado de peste y sus causas, señales y curación. Madrid, 1598, en 8º.”*

Deve ser explicitado que o termo romancista se refere àquele que escrevia numa das línguas modernas derivadas do latim, com base na obra de Gracia Rivas (1990), intitulada *La Sanidad en la Tomada de Inglaterra*, na qual o autor fundamenta a sua informação no Arquivo Geral de Simancas é a pessoa do nosso compatriota amplamente tratada fruto da sua função de chefia no Serviço de Saúde Naval da Armada Invencível.

A 27 de Janeiro de 1588 o Marquês de Santa Cruz pedia ao Rei que se enviasse *“un médico principal y outro para que vaya en la Armada, por no haber aquí ningun castelhano que vaya, ni portugués que quiera ir”.*

Apesar da solicitação e diligências de vários médicos com profundas influências e que as fizeram valer no sentido de serem nomeados para aquele alto cargo, Filipe II tomou em linha de conta a sugestão do Vedor Jorge Manrique, que a 28 de Janeiro envia ao Rei dizendo *“También, siendo V.M. servido, podría venir Antonio Perez, cirurgião (...) que es de mucho servicio*

*y práctico en armadas y exercitos”.*

A 1 de Fevereiro o Rei nomeava o Doutor Antonio Perez como cirurgião-mor da Armada e passado algum tempo nomeou dois médicos mais. (Rivas 1990).

Antonio Perez cumpre escrupulosamente a ordem real, sai a 6 de Fevereiro de 1588 de Madrid para Lisboa, é um dos seis médicos e cirurgiões nomeados através da Cédula de S. M. Na sua cédula de nomeação refere-se *“... y muy conveniente que demás de los cirurgians que te mandado que vayan en ella, para curar los heridos, vaya una persona del mismo arte que sea de la habilidad suficiente y experiêcia que se requiere para que sea Cirurjano Mayor de la dita Armada, y concusriendo estes y otros...”.*

Ao cirurgião-mor foi-lhe autorizada a contratação de dois ajudantes com soldo elevado para a época, o que prova a sua capacidade. Na relação de 6 de Abril de 1588 figuram 12 cirurgiões e 6 ajudantes, o que não era vulgar, sendo dois deles adstritos a Perez.

Havendo descrições pormenorizadas da distribuição do pessoal sanitário a bordo.

Antonio Perez embarca no galeão S. Marcos, da Esquadra de Portugal, que viria a perder-se nas costas da Irlanda (Salgado e Vaz, 2002). A classificação do pessoal sanitário fazia-se em: médicos, cirurgiões, ajudantes de cirurgião, barbeiros, boticário-mor, ajudante de boticário, enfermeiros e ajudantes de enfermeiro.

A grande Armada sofreu vários contratemplos, desde problemas com os víveres deteriorados ao temporal que a fez arribar à Corunha, conforme refere Fernandez (1995) num excelente trabalho sobre os antigos hospitais da Corunha: *“Los hospitales civiles de la costa Norte de España sufrieron un gran colapso en el año 1588, com el regreso de los supervivientes de la Armada Invencible, mandada contra los ingleses. Ya antes las inclemencias meteorológicas habían propiciado la dispersión de la flota y motivó su progresiva reagrupación en La Coruña. En ese momento existían en la flota un gran número de soldados enfermos, afectados de enfermedades calenturientas. Por order, del Rey, el Arzobispo de Santiago dispuso la asistencia médica, proporcionando dinero para la compra de medicinas y organizando la transferencia de 389 enfermos al hospital de La Coruña y otros 43 con enfermedades contagiosas, para los que no habia médios en aquel, a un hospital de Santiago. A finales de Julio la Armada estaba lista para hacerse a la mar de nuevo, dos meses después sus maltrechos barcos navegaban con dificultad con los hombres moribundos, enfermos y famélicos.”*

Efectivamente era uma força naval altamente combatida e desorganizada. A partir de Lisboa, que serviu de Base Naval para a empresa, foram enviados suprimentos vários de apoio.

Os temporais, a falta de alimentos e os combates com a Marinha Inglesa, levaram a que em termos

numéricos fossem confirmados cerca de 1000 mortos, 1500 feridos e 1500 desaparecidos.

A 21 de Setembro desse mesmo ano, o galeão S. Martinho, somente com outros onze navios aproximase de Santander; torna-se necessário estabelecer um programa de auxílio aos milhares de homens que chegam doentes e famintos a Espanha; nesta ordem de ideias foram criados vários hospitais de apoio aos sobreviventes. Assim, em Santander foi criado o novo Hospital Real da Armada, aí novamente nos aparece Antonio Perez, em Dezembro de 1588, a cuidar de feridos e doentes.

Mas as suas agruras nesta campanha não tinham acabado e juntamente com outros sobreviventes vê-se na necessidade de reclamar o que lhe é devido por soldo.

Antonio Perez aparece na “*Relacion nominal de asientos contenidos en el libro del Hospital del Contador Alameda*” com o n.º 41 com a categoria de cirurgião-mor, na folha 116. (Rivas 1990)

O nosso compatriota morreu cerca de dez anos depois; passou, tal como outros portugueses de quinhentos, no domínio da Medicina, a integrar aquele grupo “*dos que da lei da morte se vão libertando*” e que tantas vezes entram no rol dos que o País esquece ou desconhece; Fiquemos com as célebres palavras de Marañon (1958): “*La Historia no es una novela: es la vida. Y la vida es así: anverso de gloria, reverso de dolor. El olvidar este reverso - cauce ancho por donde han corrido las lágrimas del mundo - es lo que nos lleva a las grandes catástrofes sociales. Los hombres de hoy saben que es preciso repartir entre todos el bienestar. Pero hay también que repartir el dolor buscarlo donde exista, beber el trago que a cada cual nos toca, y saber encontrar en sus heces la fuente de la paz.*”

#### 4 - Conclusão

Num acontecimento de grande vulto, como foi a constituição e a operação levada a cabo pela Armada Invencível, deve ser realçada a responsabilidade da acção do cirurgião-mor Antonio Perez, não só pela variedade como pelo número de vítimas, designadamente do foro traumatológico, que a guerra no mar acarreta. A escolha do nosso compatriota para o exercício dessas funções são reveladoras da sua capacidade, em virtude dos passos já dados em Espanha, face ao elevado número de médicos castelhanos existentes nesse império, que foi o maior do Mundo. Do mérito na acção do nosso compatriota atestam-no os relatos exarados na documentação militar naval da Armada Invencível.

\* Regente de História da Medicina no I.C.B.A.S. e Presidente da S.P.H.M.F.M.

## Bibliografia

- Alvarez M. (1998) Filipe II y su Tiempo, 6ª Ed. Espasacalpe. Madrid.
- Chinchilla A. (1841 - 1846) Anales históricas de la Medicina en general y biograficas-bibliograficas de la española en particular. Lopez y Cia Y J. Mateu Cervera, Valencia.
- Fernández C. (1995) Antiguos Hospitales de la Coruña. Via Lactea Ed. Y Ayuntamiento de la Coruña, Coruña.
- Frada J. (1997) Organização Naval e Sanitária. Ed. Cosmos. Lisboa.
- Guerra F. (1981) Las Heridas de Guerra. Universidad de Santander, Facultad de Medicina de Santander.
- Imbert S. (1982) Histoire des Hospitiaux en France. Ed. Privat. Toulouse.
- Lindemann M. (2001) Medicina y Sociedad en la Europa Moderna. Siglo Veintiuno de España Ed. Madrid.
- Marañon G. (1958) Vida e História, 7ª Ed. Espasa-Calpe. Madrid.
- Morejon H. (1843) Biblioteca escojida de Medicina y Cirurgia, Vol. III. Viuda de Jordan e Hijos, Madrid.
- Pita R. (1991) The Apothecary's Shop: an Institution for Health Care. In: The Great Discoveries and World Health. Proceedings of the first international Congress on the Great Maritime Discoveries and World Health. Ed. Gomes-Marques e Cule J. Lisboa.
- Rivas M. (1990) La Sanidad en la Tomada de Inglaterra. Ed. Naval, Madrid.
- Salgado A, Vaz J (2002) Invencível Armada - A participação portuguesa. Ed. Prefácio. Lisboa.
- Selvagem C. (1931) Portugal Militar. Imprensa Nacional. Lisboa.

#### Autores:

- Prof. Doutor Romero Bandeira, Regente de História da Medicina no I.C.B.A.S. e Presidente da S.P.H.M.F.M.
- Drª Carla Mendes, médica e membro da S.P.H.M.F.M.
- Drª Carla Silva, vogal da Direcção da S.P.H.M.F.M.

---

## AMATO LUSITANO CURA A GAETANO CAMPANOTTO CON UN BÁLSAMO TRAÍDO DEL PERÚ (RAGUSA 1558)

---

A António Lourenço Marques

Alfredo Pérez Alencart\*

Que Diogo Pires vaya urgente a los navios  
anclados en el puerto! Que salga chora!  
Necesito más bálsamo del Peru, mucho más bálsamo  
para curar al noble Gaetano, que me traiga todo  
el *Myrospermum pereirae* que encuentre, lo necesito  
para acabar con la infección que viene llagando la piel  
del burgomestre de Venecia!

Y mientras tanto, tú, Raquel, prepara palo de gauyaco  
para calmar las fiebres de Maria Abranavel!  
Debo atender a la sobrina de mi amigo Isaac,  
debo ofrecerle las mejores plantas medicinales  
que están llegando del nuevo mundo!

Diogo! Diogo! Por qué demoras tanto Diogo?  
Acaso no sabes que el respetable Gaetano  
puede librarnos del acoso de los inquisidores?  
Acaso prefieres que Mattioli se salga con la suya,  
que su odio logre echarnos de Ragusa?  
Acaso no es ya largo nuestro exilio como para tener  
que irnos a la Salónica del gran Turco?

Nunca me fallaste, querido Diogo, ni entonces  
en Salamanca ni hoy en esta ciudad del Adriático!  
Tráeme ya ese oscuro líquido, tráemelo para curar  
a tan altísimo personaje que oculta sus sollozos  
mientras yo me nublo de *saudade* por la patria nuestra!



\* Poeta e prosador escritor. Professor da Universidade de Salamanca.

---

## EVOCAÇÃO/MEMÓRIA DE ALGUNS MÉDICOS NOTÁVEIS DA BEIRA INTERIOR - CONCELHO DO FUNDÃO (II)

Joaquim Candeias Silva\*

### O dr. Alfredo Mendes Gil (Silvares, 1893 - Fundão, 1971)

#### Introdução

Dando seguimento a um projecto iniciado nas anteriores Jornadas (1991) e que creio seja de grande interesse para as mesmas, trago hoje à colação outra grande figura da medicina regional, cujo nome, imagem e efeitos práticos da sua benemérita acção ainda passam em muitas pessoas e instituições do Fundão e de vastas zonas derredor. E isto porque - repito-o - importa que certos nomes já ofuscados pelo tempo fiquem também gravados nos anais das terras, para que os seus exemplos nunca venham a apagar-se e, se possível, frutifiquem.

No artigo precedente ficaram enunciados já alguns clínicos do passado fundanense, dignos de nota, a começar pelo mestre Bueno ou Boino Abolafia, morador no Fundão, que recebeu carta de "físico" em forma ainda no tempo de el-rei D. João II, dada em Alcácer do Sal a 8.10.1495 (após aprovação pelo mestre e doutor Rodrigo de Lucena, físico-mor do reino). Poderia prosseguir com outros mais recentes, como os drs. Francisco Lopes Preto (formado por Coimbra em 1687), Paulo de Andrade Serra (formado em 1733 e activo até 1767), José da Silva Pereira e Costa (formado c. 1760), Joaquim Geraldês da Cunha (formado em 1764), D. Fernando António Abrades (clínico compostelano falecido no Fundão em 1790), Manuel Duarte dos Santos (m. 1793), António das Neves Carneiro (1774-1848), Paulo de Oliveira Matos (n. 1817), Cândido Pereira e Cunha (n. 1821), Hermano Castro e Silva (n. 1846), José Pedro Dias Chorão (n. 1853), etc. A listagem seria longa...

Oportunamente espero aduzir mais uma boa data de nomes, de fundanenses, desses tempos mais ou menos remotos. Do passado recente, não quero deixar de lembrar, desde já, duas gerações ilustres, pai e filho, homónimos: os Senhores Doutores (D.) Fernando

de Almeida, o segundo a merecer decerto evocação condigna no próximo ano, em sede destas Jornadas ou de outros eventos comemorativos, por ocorrer o centenário do seu nascimento (Fundão, 1903 - Lisboa, 1979).

#### Estudante e Homem exemplar

Filho legítimo de Fabião António Gil e de Ana Vaz Serra (2.º casamento do pai), proprietários, ela natural do Souto da Casa e ele de Silvares, moradores na Rua do Outeiro desta mesma freguesia, neto paterno de José Gil e Justina Maria e materno de António Mendes e de Maria de Deus, nasceu, de acordo com o seu registo de baptismo, na aldeia de Silvares, "às duas horas do dia" de 20 de Abril de 1893<sup>1</sup>.

Teve catorze irmãos, dos quais se criaram nove, três homens e seis mulheres; um deles foi o P.º Dr. José Mendes Gil, fundador do Colégio de S.to António, na rua da Cale, que muitos fundanenses ainda recordarão com saudade.



Casa onde nasceu o Dr. Alfredo Gil, em Silvares (1893).

Após a 4.<sup>a</sup> classe em Silves, parecia ser destinado a empregado de farmácia ou farmacêutico, pois era isso que para ele propunha seu irmão mais velho, Abílio Gil Ferrão, advogado e notário em Alenquer<sup>2</sup>, já que o sogro deste detinha ali uma farmácia. E foi assim que se iniciou nos fármacos e no contacto com pacientes. Mas, entretanto, surgia um problema: saiu uma lei que obrigava a ter um curso de Farmácia, para exercer a direcção e poder alcançar o respectivo alvará. Espicaçado com a nova exigência, começou então a estudar à noite, numa escola comercial; e, já com os olhos postos na ciência médica, rumou depois à Cidade dos Doutores, onde o dito irmão alugou um apartamento e uma irmã, Maria do Patrocínio, se estabeleceu também para ajudar irmãos e sobrinhos na retaguarda dos estudos. Rapidamente concluiu o Curso Complementar do ensino secundário, no Liceu Central José Falcão, na área de «Ciências com Inglês».



O Dr. Alfredo Gil, em Coimbra (cerca de 1922)

Já não era propriamente um jovem, pois andava pelos 23/24 anos.

Mas tinha um mundo de sonhos pela frente e também algumas dificuldades que era preciso superar. A primeira de todas era garantir o sustento, pois que não nascera em berço dourado. Apesar disso e para isso, decide-se pela matrícula na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (1916-1917), como estudante-trabalhador (pois ia dando explicações para compensar os estudos). Revelar-se-ia, aliás, um excelente aluno, sempre com bom aproveitamento ao longo de todo o curso (com as classificações por cadeira, exame ou frequência, a caírem geralmente na casa do 15), primeiro em Coimbra e depois em Lisboa, como comprovam os seus diversos registos académicos de arquivo.

A transferência da lusa Atenas para a Capital ter-se-á ficado a dever a problemas surgidos no interior da escola coimbrã pelos finais do ano lectivo de 1920-

1921 e que terão provocado uma debandada geral dos futuros médicos (vide foto do Curso)<sup>3</sup>. O certo é que tanto do requerimento ao reitor de Coimbra a pedir a transferência e certidão dos exames/frequências feitos (de 27.9.1921), como da resposta imediatamente dada pelo mesmo (30.9), como ainda do requerimento ao reitor de Lisboa a solicitar admissão e novas matrículas (6.10.1921), nada transparece de razões. Diga-se apenas, em jeito de curiosidade e comparação com os tempos de hoje, que o despacho deste último foi dado no próprio dia do requerimento («Matricule-se»), e que a matrícula «por transferência» se consumou ainda nessa última data (Liv. 9, fl. 154).

Veio a concluir a licenciatura em 12.5.1923, tendo requerido ao reitor a respectiva certidão do diploma de estado («doutoramento em Medicina e cirurgia») dois dias depois, contra o pagamento de 230\$00 de custas. Mas a «carta de curso» só a levantou em Julho de 1929, por intermédio do Sr. José Nabinho, comerciante e morador no Fundão, a quem passou recomendação escrita. A inscrição na Ordem dos Médicos fê-la na secção de Coimbra, em 20.1.1939, onde ficou com o n.º de ordem 444; a cédula profissional tinha o n.º 2752.

Casara entretanto, em Lisboa, com a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Apolinária Afonso, em 1922. No Fundão, residiu habitualmente na Av. Adolfo Portela n.º 22.

### A Medicina como sacerdócio

Não me será fácil historiar o que foi a sua actividade médica, pois que não privei com ele nem com colegas seus, nem tenho competência para tal, além de que os anos de carreira foram muitos, uma vida. Tão-só posso socorrer-me dos testemunhos que fui registando e da minha própria vivência, de contacto pessoal, que reconheço ter sido muito escasso. Isto não impedirá, todavia, que formule os meus próprios juízos, que serão sempre, naturalmente, parcelares e relativos...

Pois bem, alcançada a formatura, depressa passou a exercer as funções de médico municipal (1.5.1924), primeiro interinamente e depois como efectivo, e de «subinspector de saúde do concelho» ou subdelegado, como depois passou a designar-se, cargo este desempenhado de 1925 a 1964, ou seja, até ao limite de idade (70 anos). Pelo meio, foi ainda professor de Higiene no extinto mas conceituado Colégio de Santo António do Fundão, fez um curso de Reumatologia e outros de aperfeiçoamento para subdelegados de Saúde, proferiu conferências sobre Higiene, fez parte da Comissão Municipal de Assistência e da Comissão para a Construção do novo Hospital (ainda sob tutela da Misericórdia), e, naturalmente, fez clínica privada.

Acerca desta, ouvi contar alguns casos, sempre muito abonatórios, incluindo com familiares meus que lhe estiveram próximos, em serviço na sua propriedade



O seu Curso Médico, da F. M. de Coimbra (1916-1921), no Luso em 6.7.1946. Entre as 31 individualidades, figuram nomes como António de Pádua, António Cunha Vaz, José Sacadura Botte, Eduardo Coelho, António Pereira Queirós, Gil Almeida Ribeiro... - Dr. Alfredo Mendes Gil, 3.ª fila ao centro.

dos Quinteiros, nos anos sessenta. A opinião geral posso considerá-la consensual: «Era um grande médico, muito entendido e sempre pronto a ajudar». Apontaram-me também aqueles meus parentes uma faceta particular, que ampliava em muito a consideração pelo devotado clínico: a estes, como a qualquer cliente que trabalhasse para ele, ou mesmo que não trabalhasse mas fosse de escassos rendimentos, nunca levava um tostão de consulta. Mas tenho eu próprio um episódio a comunicar, resultante da minha experiência pessoal, e que ouvi contar à minha mãe muitas vezes em tons deveras encomiásticos.

Corria o ano de 1947. Não teria ainda completado eu um ano de vida. O umbigo, de mal “seco” ou deficiente assistência pós-nascença, continuava inflamado (“verde”), e purgava. Por isso eu chorava muito. Meus pais começavam a ficar preocupados - era o primeiro filho... Passou o Verão. Perfazia o primeiro ano. Esgotada a fé na “coisa passageira” e nos “remédios caseiros” ou das vizinhas, a mãe levou-me finalmente a um médico do Tortosendo, que alegou nada saber ou poder fazer. «Só com uma operação, e lá p'r'os sete anos, ... se escapar até lá!». Até que, perante a crescente preocupação familiar, veio a notícia por um pastor da Boidobra (onde então vivíamos), que havia no Fundão um «dótor Gil», com fama de «muito entendido»... Já em desespero de causa, lá me levou minha mãe ao consultório. E após breve observação, logo o afamado clínico tranquilizou a nova cliente ida de longe: «Sossegue que o menino não vai morrer!

Vamos aguardar uma semana, que isto vai passar». Tratou então a parte afectada, a pontas de fogo, aplicou uma pomada e receitou outra. E, de facto, ao fim de uma semana, a mazela estava sarada, definitivamente.

Foram assim mais de quarenta anos. Em 1963, ao terminar a sua função pública, tão digna e exemplarmente exercida, quiseram alguns dos seus muitos amigos homenageá-lo. Rezam as crónicas da época que, sendo inicialmente apenas «uma manifestação de apreço, simpatia e gratidão», a homenagem «se transformou numa verdadeira consagração à sua personalidade cheia de calor humano». Também o Ministro da Saúde se quis associar oficialmente e, por portaria, aprovou uma proposta do Delegado de Saúde de Castelo Branco louvando o clínico como um «Subdelegado de Saúde modelar, que assegurou a actividade sanitária no concelho durante 39 anos com distinção, competência, dedicação e zelo, e algumas vezes com sacrifício pessoal, honrando e dignificando o cargo».

### O “pai dos pobres”

Quisemos também ouvir o depoimento de uma das pessoas que melhor o conheceu e mais o acompanhou, sua filha D. Maria Amélia. E, embora temerosa de suspeição por se tratar do seu progenitor, foi-nos dizendo:

«Foi sempre sua preocupação ajudar os outros. Por



O Dr. Alfredo Gil, em final de carreira.

vezes, quando recebia pessoas muito pobres nas suas consultas e se se apercebia que vinham rotas, ia a casa, que era ao lado do consultório, ao guarda-vestidos, escolhia algumas peças de roupa e dava-as, não raro com desgosto da minha mãe. Outras vezes desapareciam cobertores e outras coisas. Também tinha a preocupação de receitar os medicamentos mais baratos, sempre que possível, para não sobrecarregar a magra bolsa da maior parte da sua clientela».

«Parte do seu êxito como médico era devido ao seu optimismo e à maneira como encorajava os doentes, às vezes com umas simples palavras. Dizia-me ele: “Sabes, eu devo ser o maior mentiroso do mundo, porque nunca digo a um doente que está mal, mas sempre lhe dou esperanças, dizendo-lhe que conheço muita gente com a mesma doença, e que até pessoas da minha família a tiveram e se curaram”. Vi-o muitas vezes chorar quando não conseguia salvar os seus clientes».

«Ao tempo havia muita fome e tuberculose. Então, acontecia ele passar pelo açougue a encomendar quilos de carne para serem distribuídos pelos seus doentes mais carenciados, mas sempre recomendando aos talhantes que não revelassem quem a mandava. A outras pessoas ajudou como fiador, por exemplo para montarem um pequeno negócio, se bem que algumas vezes com mau resultado para o seu bolso. Mas nunca se arrependia».

«Depois da sua morte vim a saber muitas bondades suas, como pagar rendas de casa a viúvas necessitadas. Era seu lema e sempre me dizia: “Dá com a direita fazendo com que a esquerda não veja”. Porém, importa que diga, se o meu pai conseguia ser tão generoso, também era porque minha mãe era filha de gente abastada e herdou bastante».

«Como filha, eu serei muito suspeita; mas foi ele a pessoa com quem durante toda a minha vida - e tenho quase 80 anos - tive a melhor relação/comunicação, pois parecia adivinhar o que se passava na minha alma. Tínhamos um pelo outro a maior ternura. Bastava olhar-me nos olhos e todo mal (se o havia) desaparecia. Tudo era lindo para mim. Foi o melhor que tive na minha vida: - o meu querido Pai».

Sim. Não o duvidaremos jamais.

Mas... - há sempre um “mas” ... mesmo depois de um testemunho tão humano e tão emocionante como este, não haverá alguém que, com razão, possa objectar-nos: «E defeitos, não tinha?»

Como todos os humanos os teria, certamente. E pelo menos um consta que lhe apontavam: a sua incomplacência com “benzilhões” e curandeiros, por achá-los atentatórios das boas práticas médicas. Isto, porém - é preciso não esquecer-lo -, era num tempo de profundo obscurantismo e de generalizado pauperismo social, sem previdências de Estado e contando apenas com as pequenas ilhas assistenciais que eram as Misericórdias, de enorme e reconhecido contributo público mas de cobertura limitada; o que fazia com que aqueles “falsos médicos” pululassem por estas partes da Beira Interior. De mais a mais, e lá bem no fundo, não seria tudo isto a razão do seu arreigado sentido republicano, popular, democrata e social, que valeu ao Médico o epíteto de «Pai dos Pobres»?

### **Notável acção cívica, com algumas incursões políticas**

Sempre atento aos desenvolvimentos políticos, sociais e culturais do país e do mundo, tornara-se um republicano convicto, e isso o levou frequentemente a tomar posição firme perante as circunstâncias e mesmo a envolver-se nalgumas actividades de natureza política. Assim, logo nos primeiros meses após a formatura, participa activamente na gestão municipal como vereador da Câmara do Fundão e chega a desempenhar as funções de presidente (1923-1924); porém, por pouco tempo, por força da passagem a médico municipal.

Entretanto, o regime muda, a ditadura instala-se, e o país acomoda-se. Por algum tempo não faz mais que o seu ofício, pois que perante o poder era “persona non grata”. Mas, pouco a pouco e apesar de olhado com desconfiança pelas elites tradicionais, fortemente conservadoras, foi-se embrenhando em quase todos os capítulos associativos da vila e do seu concelho: no Grémio da Lavoura, nos Bombeiros Voluntários, no Casino Fundanense, na Associação Desportiva, na Cooperativa de Consumo, no Abrigo de S. José, na Santa Casa da Misericórdia (de que foi irmão, médico e grande benemérito, por lhe ter sempre oferecido os seus honorários), etc. Isto tudo não o impediu, todavia, de continuar fiel aos seus princípios

e às suas convicções. Assina e lê diariamente o «República», participa todos os anos nas comemorações republicanas do “Cinco de Outubro”; aquando das primeiras eleições (1949), apoia Norton, está com Delgado (1958), o que coloca a PIDE frequentemente de sobreaviso; são interceptadas cartas de propaganda subversiva que lhe eram dirigidas (1963).



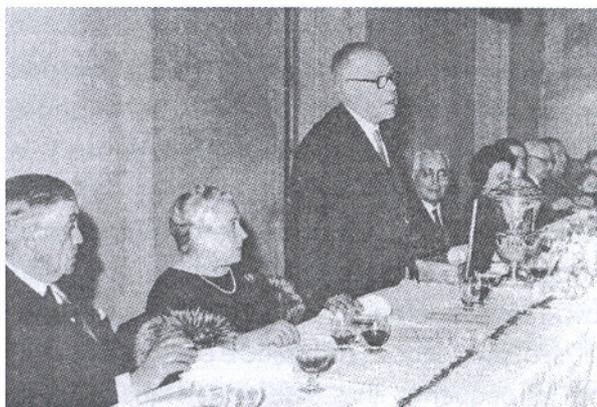
Com o Dr. José Lopes Dias no dia da homenagem pública que lhe foi feita no Casino Fundanense.

Não obstante, após este episódio pelo menos, talvez por influência do genro, Adriano Garcez, que perante aquela Polícia passava por monárquico, é -lhe “atribuída” uma posição indefinida e pouco activa. Seria? Talvez. Do que se terá passado ao certo não será fácil sabê-lo, já que pelo menos um dos processos em seu nome nos arquivos da PIDE foi destruído (SP, 127/48). Entretanto, embora com alguma discrição, vai-se manifestando contra o regime vigente: discursando em 1966 na Estalagem da Neve, num jantar de confraternização do “Cinco de Outubro”, com apoiantes e simpatizantes vindos de várias partes, diz «ter fé em que as árvores voltariam a florir e que haviam de vir melhores dias». A PIDE espreguiçada, ronda por perto e tudo parece registar, com notável pormenorização, desde nomes, idades, profissões, nacionalidades e residências, a afirmações e números: «Houve 250 inscrições, mas apenas estiveram 62 indivíduos»...

Salazar está prestes a cair da cadeira. E porque estes são elementos interessantes para a História Local, vale a pena particularizar um pouco mais o que sucedeu no Fundão, com o Dr. Gil. Nas eleições de 1967 para as Juntas de Freguesia do Fundão e do Telhado, corajosa e excepcionalmente, surgem listas da Oposição Democrática. São candidatos efectivos: Armando Paulouro, José António Santos Marques e Joaquim Paulo Gascão Nunes; Alfredo Mendes Gil seguia como suplente, ao lado de Mário Amoreira e dos médicos Eugénio Nabinho e Nabinho Amaral, entre outros. E logo a PIDE apareceu, pelo seu chefe de posto regional. «Todos sobejamente conhecidos

pelos suas ideias políticas contrárias ao actual regime, nos últimos tempos têm aproveitado todas as ocasiões que se lhes proporcionaram para exteriorizarem os seus sentimentos políticos e chamarem a si os novos, no que têm tido alguns resultados positivos, para o que muito tem contribuído o *Jornal do Fundão* e seu director» - informava um relatório confidencial, datado da Guarda, 17.10.1967.

Seguiram-se as Eleições Legislativas, de 1969, já com Caetano. No Fundão, foi o Dr. Alfredo Gil que presidiu à sessão de propaganda eleitoral da Oposição, a 15.10.1969, no Cine-Gardunha, ladeado pelos candidatos distritais (José Rabaça, Domingos Megre, Manuel João Vieira e Alçada Baptista) e por mais algumas personalidades locais que o coordenador geral dos trabalhos (António Paulouro) convidou para a Mesa. O relator da PIDE contabilizou uma assistência na ordem das mil pessoas, em que não se via «gente do meio rural», e parece ter ficado agradado com a actuação do presidente, que não lhe mereceu críticas, bem como com o discurso do Dr. António Alçada Baptista, «um trabalho de doutrinação muito moderado», ao invés do de António Paulouro, por «atacar as instituições que nos regem» e considerar estas «anquilosadas e causa de todo o atraso económico em que vivemos»...



Discursando no dia da homenagem pública...

A finalizar estas breves notas, registre-se que em 1971, numa iniciativa inédita do *Jornal do Fundão*, foi promovido um inquérito público destinado a identificar aquelas que seriam, na opinião dos leitores, as «**10 Mais**» importantes individualidades de toda a Beira Interior. Pois, a votação anónima, mesmo não constando o nosso biografado da listagem inicialmente proposta pelo respeitado semanário, viria a colocar o Dr. Alfredo Mendes Gil entre os primeiros da lista, pouco depois do líder, o também médico Dr. José Lopes Dias, seu grande amigo.

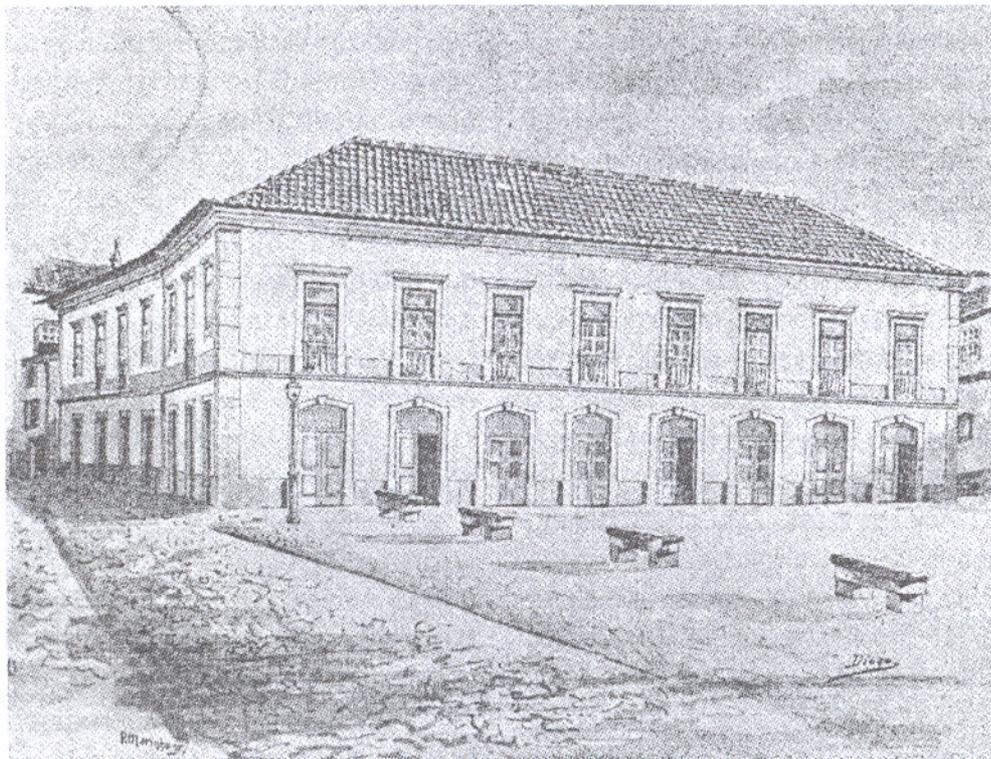
### E depois do adeus

Segundo o seu assento de óbito, faleceu com 78 anos, de uma tromboembolia cerebral, pelas 02.30

horas do dia 19.8.1971, tendo deixado viúva a S.ra D. Maria Apolinária Afonso Gil, e a notícia do seu passamento constituiu no concelho (e não só) uma sentida manifestação de pesar. Do seu eco na imprensa nacional e regional respigámos os registos seguintes:

- Do diário «República», de 19.8.1971 (de um recorte que, por motivos facilmente dedutíveis, se encontra apenso ao seu processo nos arquivos da PIDE/DGS), sob o título «Faleceu o Dr. Alfredo Mendes Gil, o “pai

poderão ser esquecidos. A sua estreme bondade revelava-se em toda a sua plenitude no contacto com os menos protegidos e afirmou-se sempre por forma tão clara e esclarecida que bem pode dizer-se ter sido o exercício da Medicina, para o dr. Gil, um verdadeiro sacerdócio. De trato lhano e cativante, punha enorme bondade e amizade nas relações humanas e desfrutava de invulgar simpatia. Republicano democrático convicto, tolerante pelas opiniões diferentes, era admirado e respeitado por todos que comungavam,



Casino Fundanense, 1898

dos pobres” do Fundão»:

«**Fundão** - Faleceu nesta vila o dr. AMG, que durante 50 anos (sic) exerceu a clínica nesta vila com grande dignidade e zelo, sendo considerado o “pai dos pobres” (...). E a concluir: «Democrata de firmes convicções, o dr. AMG exerceu as funções de presidente da Câmara Municipal durante algum tempo, anteriormente a 1926».

- E do «*Jornal do Fundão*», de 22.8.1971, da inconfundível pena do seu director (artigo mais tarde transcrito parcialmente no «Boletim Municipal» da Câmara do Fundão, n.º 6 de 1993, p. 18, sob o título «Dr. AMG - Lembrança de um homem bom»):

«... Homem probo, de rara generosidade, o Fundão amava-o e terá sempre presente o seu exemplo de compreensão e solidariedade, que tinha como imperativos vividos na sua total dimensão. Alma aberta às dores do semelhante, ao longo de toda a sua vida, mercê das suas muitas e estimáveis qualidades, que hoje infelizmente rareiam, prestou serviços que jamais

ou não, dos seus ideais (...)».

- E ainda do mesmo jornal, mesmo número, secção necrológica (com continuação no n.º da semana seguinte):

«Era um valor positivo desta terra e concelho, como Homem e como Médico (...). Na oportunidade (ofício fúnebre), evocou a sua memória o dr. José Adrião Tavares Monteiro, agradecendo ao Homem o muito que fizera pelo Fundão e seu concelho, afirmando a dado passo que não há ninguém que não lhe tenha ficado a dever um favor, ou uma atenção, pois nunca o dr. Alfredo Gil pensou em si ou numa recompensa ao fazer o bem (...). A sua morte causou o mais profundo pesar em toda a região, onde o ilustre extinto era consideradíssimo». (...)

«Na sua reunião do dia 24 (Agosto de 1971) a Câmara Municipal do Fundão aprovou uma proposta do seu presidente, sr. Eng.º Manuel de Oliveira Matos Sequeira, para que, oportunamente, seja dado a uma artéria do Fundão o nome do Dr. Alfredo Mendes Gil.

Os nossos correspondentes de Barroca, Sobral de S. Miguel e Silvares dão-nos conta do pesar que naquelas povoações se manifestou pela morte do bondoso médico. Em Silvares, depois da missa de sufrágio, muitos dos seus habitantes foram em romagem à casa onde o Dr. Alfredo Gil nasceu. De todos os pontos do país continua a família enlutada a receber expressivas manifestações de sentimento».

O nome de rua foi dado, efectivamente. Mas, talvez tenha sido pouca memória e reconhecimento público, para uma figura tão distinta e um tão grande benenérito como foi este **Médico beirão**, que tantos fundanenses ainda recordam com saudade.

Pela minha quota parte, enquanto seu cliente por uma vez mas eternamente grato pelo sucesso obtido, fica esta singela Evocação. E como não cheguei até ele sozinho nem pelo meu pé, dedico-a também à minha querida Mãe, que me confiou a ele e que acabou de partir para sempre (Julho de 2003).

---

\* *Professor. Doutor em Letras*

1 Não deve ser confundido com um seu primo e homónimo, dr. Alfredo Mendes Gil, filho de Joaquim Pereira Gil de Matos, natural do Souto da Casa, que se formou em Direito por Coimbra, cerca de 1910, tendo depois feito carreira em Angola, onde veio a falecer..

2 Como particularidade, refira-se que este Dr. Abílio Gil Ferrão veio a ser pai de D. Maria Luísa Froes Gil Ferrão e avô de Maria da Conceição Froes Gil Ferrão Pimentel (mais conhecida por "Sãozinha"), a favor de quem decorre há alguns anos competente processo de beatificação.

3 Sobre o que verdadeiramente se passou, remeto para o Prof. Alfredo Rasteiro, a nossa autoridade na matéria...

## A VIDA DE PEDRO NUNES NO SIMBOLISMO DA SUA ESCRITA<sup>1</sup>

“...Every investigation must begin with a bibliography, and end with a better bibliography...”

George Sartor<sup>2</sup>

João Nabais\*

**Pedro Nunes** (1502-1578), médico português de ascendência judaica, é tido como um dos mais brilhantes matemáticos e cosmógrafos do século XVI. Nasce em Alcácer do Sal e vai desenvolver, pelo seu preclaro génio especulativo, uma ampla actividade científica: ensina pilotos e reis, planeia cartas marítimas, aperfeiçoa regimes náuticos e escreve tratados para uso dos mareantes no tempo das descobertas. Inventa instrumentos de navegação como o compasso, o anel náutico graduado e o nócio (uma eponímia científica), peça que junta ao astrolábio para medir fracções de grau. Vai ser um dos protagonistas da epopeia dos Descobrimentos.



A trajectória da sua vida descreve a curva simbólica do poderio português no século de ouro e decadência em que viveu.

Aprende as primeiras letras em Portugal, incluindo o latim. Vai para Salamanca, não se sabe a partir de que idade, talvez ainda antes dos vinte. Aí faz os seus estudos em artes, medicina e matemática, de 1520 a 1526, ano em que se torna bacharel. Terá também frequentado uma outra universidade famosa na altura - Alcalá de Henares.

Já em Lisboa, é nomeado, por alvará régio de 16 de Novembro de 1529, cosmógrafo do reino. Com a transferência da Universidade para Coimbra, em 1537, Pedro Nunes muda-se para esta cidade, onde continua a leccionar, desta vez a cadeira de matemática, que assegura de 16 de Outubro de 1544 até 4 de Fevereiro de 1562, ano da sua jubilação.

*“O século XVI pode ser chamado na história da Matemática Ibérica o século de Pedro Nunes. Portugal teve neste século a hegemonia das Matemáticas na nossa Península, porque Pedro Nunes por si só vale por muitos. Nos variados ramos da referida ciência de que tratou, nenhum outro matemático português o igualou.”* (in *Panegíricos e Conferências*, de Francisco Gomes Teixeira).

Mas a angústia da pura matemática força a figura do cosmógrafo-mor de D. João III (reinado de 1521-1557), seu grande protector, para um lugar esquecido da cultura portuguesa.

Do pouco que se sabe, fica a paixão pela álgebra, geometria e aritmética, registada por autores seus contemporâneos. O valor da sua obra está impresso em vários manuscritos dos mais célebres matemáticos europeus, que não se cansam de a referir. Lá fora, o seu nome será dado a uma cratera lunar e a um asteróide.



Entre nós, a imagem de Pedro Nunes fica-se pela face das antigas moedas de cem escudos. Até hoje não há nenhum documentário ou filme sobre a sua vida. Do notável salaciense *pouco mais de original, então, se poderá ainda ambicionar encontrar.*

### Vida e Obra

Em plena época dos descobrimentos os matemáticos eram imprescindíveis para o conhecimento e desenvolvimento da arte de navegar.

São mais as dúvidas que as certezas sobre a pessoa de Pedro Nunes; não é certa a sua origem ou família.

Reconhecido e ao mesmo tempo contestado, Pedro Nunes pode ser considerado *o grande navegador do século XVI, embora jamais tenha ido aos mares.*

Sendo o mais importante cartógrafo e matemático do grupo de intelectuais no que simbolicamente se chamou a Escola de Sagres, vai com o seu labor promover o grande projecto marítimo português, classificado por alguns como a maior empresa de globalização do planeta jamais conduzida por uma nação.

Pedro Nunes é um dos primeiros cosmógrafos a interessar-se por este novo *corpus* de conhecimentos.

Deixa importante produção científica e também uma considerável obra poética e literária.

Nasce em Alcácer do Sal (ele próprio o declara, quando afirma "... **anno Domini 1502 quo ego natus sum**..."). Pensa-se que a origem de Pedro Nunes, *Petrus Nonius Salaciensis*, seja judaica, pois Damião de Góis descreve-o como *português de nação*, referência habitualmente aplicada a judeus conversos. Nunca será incomodado pelo Santo Ofício, talvez por ter a protecção da corte, mas os seus netos serão interrogados e presos pela Inquisição, o que é um forte sinal.

Em Salamanca, centro do mundo do conhecimento científico, e onde estudam nomes como Amato Lusitano e Garcia de Orta, completa o bacharelato em Medicina. É também aqui que casa, em 1523, com D. Guiomar de Arias, filha de castelhano, que lhe dá seis filhos.

Regressa de Salamanca em 1527. Dá aulas ao Infante D. Luís, a Martim Afonso de Sousa e a D. João de Castro.

Mas são as chamadas disciplinas de artes, tais como astronomia, aritmética e geometria, que também frequenta nesta universidade, que o levam a receber o convite para ser cosmógrafo do reino, já de volta a Portugal, quando tinha apenas 27 anos, em 1529.

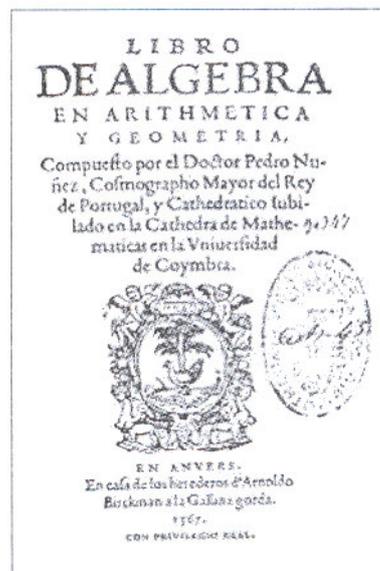
A fama que entretanto vai obtendo faz com que seja requisitado de 1531 a 1535, por ordem de D. João III, para tutor na corte, em Évora, dos infantes D. Luís e D. Henrique, o futuro cardeal rei. Aqui dedica-se a estudos humanísticos, tendo composto poemas em Latim e Grego. Também se consagra a reflexões religiosas com notas sobre a ressurreição, a anunciação, a multiplicação dos pães e outros temas do Novo Testamento.

A partir de 1544 vemo-lo à frente da cátedra de matemática na Universidade de Coimbra, pelo menos até à sua jubilação em 1562. Continua também a revisão e tradução de outros autores quinhentistas europeus de renome e com a autorização real inicia a publicação de várias obras escritas originais.

Em 1547 é o ano em que se torna Principal Cosmógrafo Real, cargo que mantém até à sua morte, em 11 de Agosto de 1578, uns dias após o desastre de Alcácer-Quibir.

Em 1555 é eleito para proceder à Reforma dos Estatutos Universitários. Além disso, as suas aparições em Lisboa começam a coincidir com a

Primavera, altura em que ocorria a partida das naus que iam em demanda dos Descobrimentos. Quando Pedro Nunes é nomeado para cosmógrafo oficial, já existiria uma espécie de exame para avaliar as capacidades dos cartógrafos, técnicos de instrumentos e pilotos.



A novidade das suas «aulas» é que funcionariam a título de lições teóricas para além da simples prática, preparatórias dos pilotos para obterem a sua carta de marear.

Tanto as aulas como a verificação da aptidão dos cartógrafos não terão sido tarefas fáceis. As incompatibilidades entre Pedro Nunes e os homens das navegações encontram-se bem documentadas. De entre estas, pode referir-se a alteração do valor do grau da estrela Polar, que não era aceite pelos pilotos, devido aos cálculos aritméticos, demasiado complexos.

A sua relação com D. João de Castro, homem ligado à prática das navegações, terá sido a excepção no campo da cooperação, e a mais conhecida. Este, nas suas viagens, experimentaria com certa frequência indicações e instrumentos fornecidos por Pedro Nunes. Nomeadamente, terá posto em prática processos de determinação de latitudes por alturas do Sol e de declinação magnética, também por observações solares.

Com uma imensa percepção científica para a novidade, é um dos primeiros matemáticos a referir a teoria heliocêntrica do astrónomo polaco Nicolau Copérnico e a impulsionar uma nova disciplina matemática - a navegação teórica.

A sua produção é orientada em duas vertentes: as traduções e comentários e os trabalhos originais. De entre os trabalhos que Pedro Nunes deixou, relacionados de forma mais ou menos directa com as

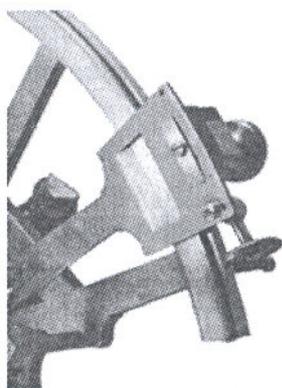
navegações, tem-se a famosa obra *De Crepusculis* (1542), onde é abordado o problema da variação do crepúsculo com a latitude e a época do ano, ou a obra *Petri Nonii Salaciensis Opera* (publicada em Basileia - 1566), que se apresenta como uma compilação em latim de trabalhos relacionados com a arte de navegar.

Das suas muitas obras destacam-se pela sua evidente importância na inovação da arte de navegar: *Tratado da Esfera* (único livro escrito em Português, Lisboa - 1537); *Tratado da Rumação do Globo para a Arte de Navegar*; *Tratado de Triângulos Esféricos*; *Defensão da Carta de Marear*.

### Ciência náutica ou especulativa

A navegação em alto mar foi sempre, durante os tempos da história, um propósito essencial da humanidade.

Os portugueses, a partir do século XV e durante quase todo o século XVI, *ao se aventurarem por mares nunca dantes navegados*, dobraram uma página importante ao aperfeiçoarem novas técnicas de navegação. A expansão marítima condiciona quase totalmente a actividade científica em Portugal, com relevo para o ensino náutico.



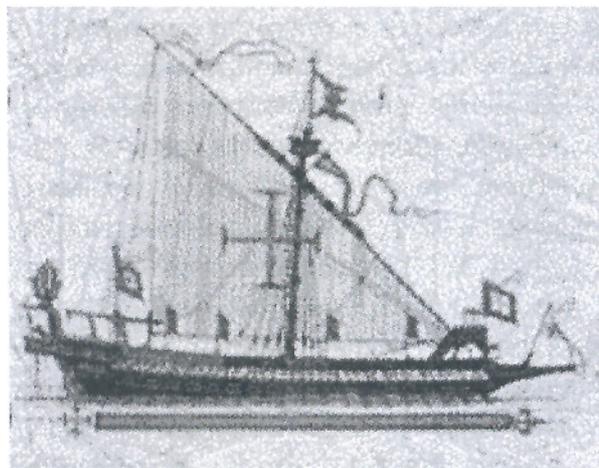
***entendimento e na imaginação como fontes de invenção e descoberta científica, tomando a imaginação não no sentido literário do termo, mas sim no sentido filosófico de especulação...***

Nunes, pela sua audácia ao toroar os problemas de navegação da época, vai incrementar o Ensino Náutico com novos avanços criativos - descobre a *linha de rumo* (loxodromia) e explica que a distância mínima a percorrer por um barco entre dois pontos da Terra é um arco de círculo máximo - ortodromia e não uma linha recta, o que vai dar maior rigor à navegação, permitindo medições de alguns minutos de grau, isto é, com uma precisão até à dezena de quilómetros.

Matemáticos quinhentistas, tal como o britânico John Dee, enaltecem e copiam as suas teorias e adoptam-no como referência incontornável.

E se maior prova fosse necessária, um episódio que

acontece em 1577, um ano antes da sua morte, serve como tal. Pedro Nunes recebe um convite do Papa Gregório XIII para dar a sua opinião sobre a reforma do calendário Juliano. Apenas um registo oral, feito no leito de morte, em que Nunes terá dito que qualquer calendário teria sempre erros. Uma alegação que continua válida.



Gregório XIII manda então recolher todo o seu espólio, numa busca derradeira de alguma referência do matemático ao calendário. Nada foi encontrado e o legado foi entregue à família, que o delapidou. Hoje, a sua obra encontra-se espalhada por todo o mundo, a maioria em colecções privadas, e os seus manuscritos valem pequenas fortunas de milhares de euros. Em Portugal, que se saiba, não existe nenhuma obra manuscrita de Pedro Nunes.

O isolamento, que ele não vai conseguir quebrar, irá marcar a decadência científica de Portugal. *"... Quási ao mesmo tempo emmudeceu a lira de Camões e parou a pena de João de Barros, o cronista da Índia. A providência levou-os a todos quando a Pátria já não precisava dos cantos do Poeta, nem das crónicas do Historiador, nem dos cálculos do Cosmógrafo..."*

Mas em pouco mais de um século, a lógica da interpretação escolástica do próprio conceito do Homem e do Universo vão ser alterados, será substituída por novos métodos científicos e o mundo nunca mais será como dantes.

Com o século XVI, a expansão marítima condiciona quase toda a actividade científica, em Portugal. Pedro Nunes, ao desenvolver instrumentos que vão auxiliar a navegação no alto mar, um tópico de grande importância quando o controlo do comércio marítimo era a fonte principal de riqueza, é um dos precursores da moderna navegação científica. Com ele, atinge-se o apogeu do Império e o início do seu declínio.

\* Médico pediatra. Poeta.

## Notas

1 No ano em que se comemoram os 500 anos do seu nascimento.

2 George Sarton (1884-1956) - um dos rostos mais importantes da História da Ciência.

## Bibliografia

- *Memorias de litteratura*, António Ribeiro dos Santos, Lisboa, 1814;
- *Ensaio Histórico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal*, Francisco de Borja Garção-Stockler, Pariz, 1819;
- *Panegíricos e Conferências*, Francisco Gomes Teixeira, Coimbra, 1925;
- *História das Matemáticas em Portugal*, Francisco Gomes Teixeira, Academia das Ciências de Lisboa, 1934;
- *O Pensamento Português da Idade Média e do Renascimento*, Obras Completas de Joaquim de Carvalho, Lisboa, 1982;
- *As Navegações e a sua Projecção na Ciência e na Cultura*, Luís de Albuquerque, Gradiva, Lisboa, 1987;
- *Instrumentos de Navegação*, Luís de Albuquerque,

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, 1988;

- *A Náutica e a Ciência em Portugal*, Luís de Albuquerque, Gradiva, Lisboa, 1989,

- *Pedro Nunes*; Pedro Calafate, Logos-Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Lisboa - São Paulo, 1989-92,

- *Pedro Nunes (1502-1578). His Lost Algebra and Other Discoveries*; por John R.C. Martyn, editor e tradutor, Peter Lang Publishing, Inc., New York, 1996;

- *O Nónio de Pedro Nunes*, António Estácio dos Reis, Revista Oceanos, 1999;

- *Brevíssima Bibliografia sobre a História das Ciências Exactas em Portugal*; Henrique Leitão, 2000;

- *Nunes, Pedro*; The Columbia Encycopaedia, Sixth Edition, 2001;

- *Pedro Nunes, Ímpar na Hispânia Quinhentista*; Jorge A. Sampaio Martins, Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, 2002

- *Pedro Nunes, Mercator e Escher*, Nuno Crato, Instituto Camões, 2002

- *O Cosmógrafo-Mor: O ensino náutico em Portugal nos séculos XVI e XVII*, Rita Cortez de Matos, Revista Oceanos.

**Nota** - Comunicação apresentada pelo autor nas XIV Jornadas "Medicina na Beira Interior - da pré-história ao século XXI" como mais uma memória nas comemorações dos 500 anos do nascimento de Pedro Nunes.

## DIABO: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOMEAÇÃO

António Maria Romeiro Carvalho\*

O Diabo existe? Claro que existe. Existe o Diabo, porque existe a palavra que o designa e seria perfeitamente incompreensível existir uma palavra sem o seu sujeito detentor. Muitos acreditam no Diabo e não têm vergonha em afirmá-lo. Dois terços dos Norte-Americanos, a crer num inquérito levado a cabo pela Newsweek, acredita no Diabo e mais de um terço (37%), diz já ter sido tentado por este personagem maléfico.<sup>1</sup>

### 1. O Diabo Existe: Hipótese.

O Diabo existe, sem dúvida. O Diabo existe porque Santo Agostinho o concebeu, a conjuntura da sua época o exigiu, a Igreja Católica o necessitou, o Mediterrâneo e o Ocidente há muito que o desejavam, e o longo tempo, sob a alçada do Catolicismo, o confirmou. Eis a nossa hipótese.

A intelectualização do diabo, isto é, a teologia e o dogma judaico-cristãos, transformaram um personagem amável, amigo do seu amigo, atraente, o doador da luz ao homem, num ser animalesco, hediondo e rei do mal e da escuridão. O início desta transformação pode ser colocada no século VI a.C. e no *Livro de Job*, enquanto que a sua afirmação poderá ser colocada do século IV, com Santo Agostinho, ao ano 1000, com Raul Glaber, a quem pertence a primeira descrição do Diabo em carne e osso e, definitivamente, com a dogmatização da «Queda», pelo IV Concílio de Latrão, 1215.

Mas o fenómeno da diabolização não se reduz à personificação do mal, no seu sentido mais amplo. Este fenómeno está directamente ligado à diabolização da sexualidade, quando a castidade (e a contenção e a temperança) é considerado o estado santificador por excelência e a orgia (e o excesso) considerada pecado capital. O Diabo passa a ser o rei do mal e do excesso, isto é, no total sentido do termo, rei do pecado e, especificamente, rei do pecado da «carne», o mesmo é dizer do pecado sexual. O ponto de partida desta transformação poderá ser colocado nos inícios

da era cristã e nos textos netero testamentários, enquanto que a sua afirmação definitiva poderá ser colocada no Concílio de Trento.

Como aparece o Diabo? De todos os textos bíblicos que o referem, dois serão os mais conhecidos: um, o de Job e outro o da expulsão dos demónios por Jesus. Começemos pelo primeiro, o relato do *Livro de Job*. «Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles. O Senhor disse-lhe: donde vens tu? Andei dando a volta ao mundo, disse Satanás». Deus pergunta-lhe pelo seu justo servo Job, que muito admira, e Satanás responde que Job é justo porque tudo lhe corre pelo melhor. «Pois bem, respondeu o Senhor. Tudo o que ele tem está em teu poder; mas não estendas a tua mão contra a sua pessoa. E Satanás saiu da presença do Senhor».<sup>2</sup> Satanás, = o Adversário, é aqui o espalhador do mal por consentimento de Deus.

Mateus relata que, depois de Jesus ter curado um cego, os fariseus observaram: «é por Beelzebul, chefe dos demónios, que ele os expulsa. Jesus, porém, penetrando nos seus pensamentos, disse: todo o reino dividido contra si mesmo será destruído. Toda a cidade, toda a casa dividida contra si mesma não pode subsistir. Se Satanás expele Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, pois, subsistirá o seu reino? E se eu expulso os demónios por Beelzebul, por quem é que os vossos filhos os expulsam?»<sup>3</sup> Separados por cerca de seis séculos, estes dois textos dão-nos dois Diabos diferentes, se assim é permitido dizer. No primeiro, Satanás é «O Adversário». Não é ainda um personagem independente. No segundo, Beelzebul é já o príncipe dos demónios e um personagem independente de todos os anjos e de Deus.

Em resumo, o Diabo foi sendo criado para responder a três perguntas, que não têm resposta, e assim continuam. Dito de outra forma, as respostas a só existem para quem não precisa delas, porque acredita, porque não coloca perguntas. De que perguntas falamos? É um facto observável que o mal existe no mundo e os maus prosperam, muitas vezes, mais

que os bons. Assim, pergunta-se: quem manda o mal ao mundo? Se há bem e mal, se há bons e maus, onde está a recompensa, onde se goza dela, de que forma e quem a dá? Se Deus é O-Todo-Poderoso, porque permite ele tudo isto: o mal no mundo, a prosperidade dos maus, a infelicidade dos bons?

## 2. Os Passos de Uma Nomeação.

Sigamos alguns livros da Bíblia e identifiquemos quem espalha o mal pelo mundo. «Era o tempo da ceifa do trigo e o Senhor enviou a peste a Israel, desde a manhã daquele dia até ao prazo marcado». «O espírito do Senhor retirou-se de Saúl, que era atormentado por um espírito mau, enviado pelo Senhor [...] E sempre que o espírito mau atormentava Saúl, David tomava a harpa e tocava. Saúl acalmava-se, sentia-se aliviado e o espírito mau deixava-o».<sup>4</sup> Aqui, é o Senhor quem envia o mal. Nas *Crónicas*, que repetem *Samuel*, há já alguma diferença. Aqui, é o Senhor quem manda o mal ao mundo, mas através do seu anjo, uma espécie de demiurgo.<sup>5</sup>

Com Job, o espírito mau enviado pelo Senhor passa a ter nome.<sup>6</sup> Do verbo significando acusar, «Satan» é substantivado e usado no episódio da Balãao como significando impedidor ou obstáculo.

Podia igualmente ser usado no sentido de acusador legal ou processador e que se posicionava à direita para exercer a sua função, enquanto a sessão de justiça era presidida pelo anjo de Javé (Zacarias). Também os acusadores de Job se colocaram à sua direita.<sup>7</sup>

No *Livro de Job*, Satan aparece com o artigo, = Hassatan (o Adversário), no sentido de acusador e, dentre de todos os filhos de Deus, ele é o fiscal das acções humanas e o distribuidor do mal. Temos a substantivação de uma função adjectiva. Como refere J. Lévêque,<sup>8</sup> É o único anjo a ser nomeado individualmente e continuará a sê-lo por muito mais tempo ainda. Nomeado com o artigo, aparece igualmente em *Zacarias* 3,1-2 e inserido na corte celeste. São casos únicos, mas só em 1 Cron 21,1 Satan se tornará num nome próprio. Quanto à ideia de uma rebelião contra Deus só na época inter-testamentária se imporá em Israel, em grande parte, devido ao *Livro de Daniel* e ao *Livro de Henoque*. Possivelmente, devido ao contacto com a demonologia persa, a batalha transcendental entre Deus e Satan foi introduzida no judaísmo tardio. Diz o Livro assim: «depois o Senhor disse a Rafael: agarra Azazyel, ata-lhe os pés e as mãos; lança-o às trevas e abandona-o no deserto de Dudael [...] E quando se erguer no dia do julgamento, mergulha-o no fogo».<sup>9</sup>

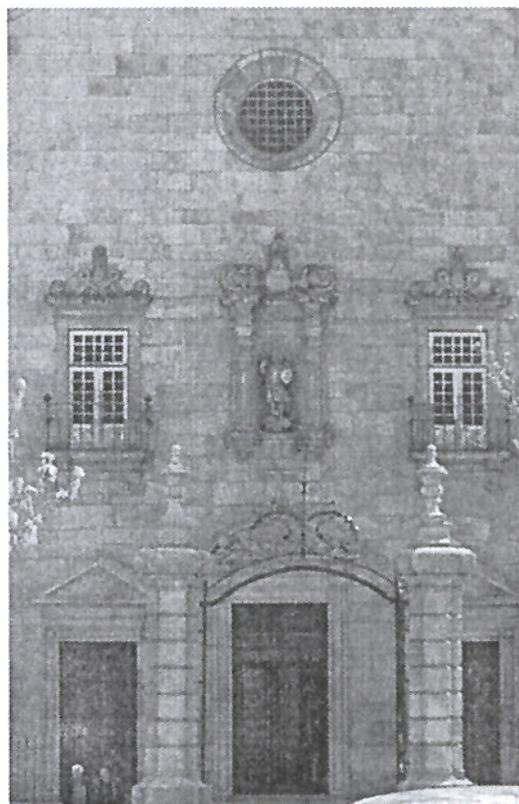
Da utilização do termo *Belzebu*, lembramos Reis onde «depois da morte de Acab, Moab revoltou-se contra Israel. Ocozias que se encontrava no andar superior de sua casa, em Samaria, caiu da janela e

feriu-se gravemente. Enviou então mensageiros dizendo-lhes: ide consultar Baal-Zebud, o deus Acaron, para saber se irei ser curado do meu mal». Fala-se de Baal-Zebud, um «Senhor» Zebud da religião caldeia. Deste Baal-Zebu se passa para o actual Beelzebu, no Novo Testamento.<sup>10</sup>

Está pois definido o percurso de uma (nome)ação. Com os primeiros escritos cristãos, a serpente de Gen 3 será identificada com Satan. Como diz a Sabedoria, «ora Deus criou o homem para a imortalidade e o fez à imagem da sua própria natureza. É por inveja do demónio que a morte entrou no mundo e os que pertencem ao demónio prová-lo-ão». (Sab 2,24) É aqui que São Paulo e os primeiros cristãos vêm buscar a base para a identificação da serpente do Génesis com o Diabo. Este texto do livro Sabedoria traduz, para o grego, com a palavra diabo, que significa caluniador e acusador, o mesmo que o hebraico Satã. Retomando São Paulo, pode-se ler que «por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte». (Rom 5, 12-19).

## 3. O Diabo e Santo Agostinho: a Estratégia Católica contra o Paganismo.

Santo Agostinho é um marco nesta problemática, como em outras. Foi baptizado em 387, em Milão. Lança-se então ao combate pela unidade dos cristãos, unidade esta ameaçada por todos os lados e pelas mais diversas heresias. A mais poderosa de todas é



Igreja de São Miguel da Sé (Castelo Branco).

a de Pelágio, monge inglês, batizado em Roma, no ano de 380. Para este monge e seus seguidores, não houve pecado original.

O pelagismo é condenado pelo concílio de Cartago, em 412. Inocêncio I condena-o em 416, muito a pedido de Santo Agostinho. O bispo de Hipona segue de perto São Paulo e afirma que negar o pecado original é negar a salvação de Cristo. Face à perigosa conjuntura na jovem igreja, Santo Agostinho vai sistematizar e dramatizar este ponto, já que nem a teologia judaica nunca teve o pecado de Adão como uma catástrofe, nem os cristãos do Oriente têm este pecado numa categoria maior.

Doravante, a estratégia da Igreja Católica, nesta longa guerra contra as «religiões pagãs», passa por conotar as suas crenças com os demónios. É o que claramente transparece do *De Correctione Rusticorum* (572), de São Martinho do Dume.<sup>11</sup> Como resolver este problema que é a continuidade do «paganismo»? A resposta assentou na criação de novos espaços sagrados, de basílicas e santuários, no desenvolvimento do culto dos santos, nas procissões e celebrações públicas da fé. Outro meio foi Satanás. Satanás, que já estava integrado na visão cristã do além, passava agora a ser integrado na vida quotidiana.

Apesar de o processo de cristianização ter sido mais forte na época carolíngia do que nos tempos merovíngos, não pode fazer desaparecer esse conglomerado de crenças subjectivas a que se costuma chamar o sagrado pagão. Como diz Evelyne Patlagean, o saber pré-lógico, as intuições femininas, as receitas mágicas, poções, filtros e outros giram todos à volta das mesmas obsessões, o amor, a morte e o além. Os esforços de cristianização tentaram afastar o medo das forças do mal, transferindo-as para a figura do diabo, de modo a libertar a consciência pessoal (...) A penitência e o casamento foram provavelmente os meios mais eficazes de cristianização da vida privada».<sup>12</sup>

Ainda dentro desta estratégia de combate ao paganismo, por parte da Igreja Católica, poderemos colocar o hábito de terrificar determinados acontecimentos e datas no sentido de demonstrar a força de Deus face ao mal e ao Diabo. É o caso da «invenção» do Ano Mil.

O terror do Ano Mil não existiu. Foi Raul Glaber quem inventou tudo isto e o cardeal César Barónio, historiador oficial da Igreja, quem o forjou, no dealbar do século XVII.<sup>13</sup>

São Miguel é orago em ambas as paróquias, (Castelo Branco e São Miguel de Acha). Na representação deste Arcanjo, o Diabo é apresentado como um horrível ser humano, com características de réptil, e com cores vermelha ou preta bem carregadas.

Existe também em Sobreira Formosa, Casa do Ripanço uma representação representando um Dragão e cavaleiro dos finais da Idade Média.



Igreja Matriz de São Miguel de Acha.

#### 4. O Diabo Popular

Apresentámos o Diabo da Teologia eclesiástica e da Tradição. Mas outras fontes, os Contos Populares Portugueses, dão-nos outro Diabo (e até outro Deus) que, sob o mesmo nome, é outra pessoa. Mas porquê os Contos. Façamos um parentesis e justifiquemos. Um conto não é uma mera série de palavras, mas antes uma sequência de eventos e de acções com todo o sentido. Como diz Walter Burkert, «os contos são inteligíveis, requerem empatia e dominam frequentemente a comunicação. O conto é a forma através da qual uma experiência complexa se torna comunicável». O conto é a forma através da qual as sociedades tradicionais, pré-literárias, transportavam a sua tradição.

O Diabo, na cultura popular portuguesa, aparece como uma boa pessoa e até como bom advogado, bem melhor que outros seres a quem habitualmente se reza. Como diz M. Espírito Santo, o Diabo popular é «um personagem simpático e habilidoso».<sup>14</sup> O diabo do conto «O Preço dos Ovos» salvou um embarcadiço de ser condenado em tribunal. No conto «O Diabo e o Pintor», salva o pintor dos desvarios da mulher.<sup>15</sup>

O Diabo é boa pessoa e as pessoas gostam dele. Veja-se por exemplo, o caso do Diabo e da Diaba de Amarante, que são um exemplo do culto erótico e a devoção popular pelo Diabo. Não é de estranhar este

culto, pois Amarante é conhecida pelo seu São Gonçalo, um santo que tem este culto ainda hoje.<sup>16</sup>

É um ser tão normal que, às vezes, até parece parvo, pois que se deixou enganar pela amendoeira, pelos homens e, quase sempre, pelas mulheres, seja na forma de mãe, seja na de sogra ou esposa. A propósito: coitado do homem quando ambos, diabo e mulher, se aliam! Nem Deus quer nada com eles juntos, visto que não conseguiu evitar que Noé metesse o Diabo na Arca.<sup>17</sup>

Mas, como nasceu o Diabo? Esta é a pergunta que teólogos e povo colocam e cada qual dá a sua resposta. Continuando a seguir os Contos Tradicionais Portugueses, diz-se que Deus foi fazer o Inferno e ficou Luz-de-Vela, o maior anjo do céu, na cadeira divina. Quando regressou, Luz-de-Vela não lhe quis dar a cadeira alegando que Deus lha tinha dado. Como castigo, Luz-de-Vela passou a ser o maior diabo do Inferno.<sup>18</sup> Chama-se Lúcifer = *Lux* + *fero* = transportador da luz.

## 5. Conclusão.

O Diabo não é tão mau como o pintam. Não é, nem nunca foi assim que a tradição popular, a crer nos Contos Populares, o pintou. Foi a Igreja Católica, ao longo dos séculos, que o carregou destes tons tão negros que provocam arrepios e horrores. O Diabo popular é amável, amigo do seu amigo e, tal como Deus, aparece constantemente antropomorfizado. A Igreja Católica, na luta secular contra o paganismo, colocou o Diabo na vida quotidiana, Diabo este que já se encontrava na visão cristã do Além. Paralelamente, construiu santuários e fez da «Penitência», um acto individualizado e personalizado, um motor da repressão.

## Notas

1 «A Capital», 9-11-95, p. 10.

2 A cena está contida em Job 1, 6-12 e 2, 1-7. Face à importância que, pensamos, possuiu o Livro de Job nesta problemática, colocámos, em anexo, o plano do livro e algumas semelhanças com outros livros da Literatura Sapiencial do Médio Oriente.

3 Mat 12, 22-27. Em Mat 10, 15, também o Diabo é chamado de Beelzebul.

4 Respect. 2Sam 24,15 e 1Sam 16,14-16; 23.

5 1Cron 21, 14-16.

6 Job 1, 6-7; 1, 12 e Job 2, 1;2, 6-7, resp.

7 Resp. Num 22, 22; SI 109,6 e Zac 3, 1-2; Job 30, 12, 16. Satan é a segunda adição à prosa de Job. No relato primitivo, há a aceitação sem perguntas, ao que Deus envia.

8 J. Lévêque, *Job - Le Livre et le Message*, pp. 8-9. Segundo este exegeta, Satan é a segunda adição à prosa de Job. No relato primitivo, há a aceitação sem perguntas, ao que Deus envia.

9 Esta batalha descrita no Livro de Henoch mostra grandes afinidades com a luta grega entre Zeus e os Titãs. Hen 10, 6;9. Citações de, resp. Job 1, 6-12; 2, 1-6; Job 1, 7-8; 2, 2-3; Job 1,12; 2,6.

10 Resp. 2Re 1, 1-4 e 1 Cor 5,5.

11 Citado por Joaquim Palminha da Silva, «Breve História do Diabo Português», 2, p. 58.

12 Citações de Evelyne Patlagean, *Opus Cit*, pp. 526-527.

13 Jean-Pierre Langellier, «Raul Glaber, o Inventor do Ano Mil», p. 18.

14 Moisés Espírito Santo, *Comunidade Rural a Norte do Tejo*, p. 145.

15 É a proverbial esperteza das mulheres, principalmente as «infiéis», nos Contos Populares, como se refere mais à frente.

16 História contida em AAVV, *A Descoberta de Portugal*, p. 108.

17 «O Sargento que foi ao Inferno», «Branca Flor», «A Arca de Noé», «O Compadre Diabo», «O Diabo e a Sogra», in *Contos Tradicionais Portugueses*, 4 volumes.

18 «Conto de Luz-de-Vela» in *Contos Tradicionais Portugueses*, 1, 279.

## Fontes

*Bíblia Sagrada*, Lisboa, Livraria Figueirinhas, 1975, 21ª Edição. *Contos Tradicionais Portugueses*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1977. *O Livro de Henoch*, Lisboa, Editorial Minerva, 1976.

\* Professor de História. Sociólogo. Investigador do IEDS - Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica da UNL.

## Bibliografia

AAVV, *À Descoberta de Portugal*, Lisboa, Selecções do Readers Digest, 1982.

«A Capital», 9 de Novembro de 1995.

CARVALHO, António Maria Romeiro, «Satan no Livro de Job», Trabalho Dactilografado, F.L.L., 1985.

LANGELLIER, Jean-Pierre, «Raul Glaber, o Inventor do Ano Mil», Público, 23 de Agosto de 2000, pp. 18-19.

LEHMANN, Karl, «Sobre o Mistério do Mal», *Communio. Revista Internacional Católica*, Ano 6, n.º 5, 1989, pp. 409-418.

LÉVÊQUE, Jean, *Job et Son Dieu. Essai d'Exègèse et de Théologie Biblique*, 2 Tomes, Paris, Librairie Lecoffre, 1970.

LÉVÊQUE, Jean, *Job. O Livro e a Mensagem*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1980.

MATIAS, José Calmeiro, «O Pecado- Face Negativa da Humanidade», *Communio*, Ano 1, n.º 5, Lisboa, 1984, pp. 409-424

NEVES, José Carreira das, «O Mal na Bíblia», *Communio. Revista Internacional Católica*, Ano 6, n.º 5, 1989, pp. 401-408.

PATLAGEAN, Evelyne, «Bizâncio: Séculos X-XI», *História da Vida Privada*, Vol. 1, Porto, Afrontamento, pp. 531-615.

SANTO, Moisés Espírito, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990 (1984).

SILVA, Joaquim Palminha, «Uma História Breve do Diabo Português», *História* n.ºs 165, 166, 167, Junho/Agosto de 1993.

TINCQ, Henri, «O Combate contra Pelágio», Público, 6-8-1999, pp. 16-17.



Representação do Diabo numa miniatura do séc. XIV.

**TODO UN EJEMPLO DE RELACIONES TRANSFRONTERIZAS  
FUNDACION GERMÁN SÁNCHEZ RUIPÉREZ DE PEÑARANDA  
DE BRACAMONTE (SALAMANCA) y BELGAIS  
CENTRO PARA O ESTUDO DAS ARTES (CASTELO BRANCO)**

José Miguel Santolaya Silva\*

Indiscutiblemente y con el sello de irreversible, las relaciones de la Beira con Salamanca (Castilla y León) están llegando a cotas impensables hace unos años en que la burocracia de ambos países tras ofrecer todo el potencial y energía de sus posibilidades para estrechar los lados de cooperación rociada con vinos de ambos lados del río Duero, al día siguiente sólo se acordaban de la resaca con el consiguiente dolor de

**FG  
SR**

cabeza. Este triste episodio se repetía cada cierto tiempo en que los políticos de turno dejaban libre el sillón gestatorio olvidándose de los convenios transfronterizos firmados por el que se iba, y por lo tanto el que venía...

Así hemos vivido hasta no hace mucho tiempo, en que la iniciativa privada - como de costumbre - ha logrado consolidar las relaciones e intercambio entre ambos estados ibéricos.

Hace unos años en mi intervención de las Jornadas de Estudio de la Beira Interior y en la correspondiente sección de las Relaciones de la Beira Interior con

Salamanca, nos congratulábamos del nacimiento de Belgais Centro para Estudio de las Artes, a cuyo frente estaba la incansable y universal María Joao Pires y de cuya labor divulgativa tanto en formación educativa y cultural todos conocemos más allá de nuestras fronteras.

No hace mucho tiempo Belgais y la Fundación Germán Sánchez Ruipérez de la Ciudad de Peñaranda de Bracamonte (Salamanca) lograron llegar a un convenio de cooperación y colaboración para formar y educar a los más jóvenes, cuyos frutos se han visto florecer este verano pasado con alumnos de ambas localidades Castelo Branco y Peñaranda de Bracamonte donde tiene su sede la Fundación. Bien es cierto que estos pasos importantes que se han dado por parte de ambas instituciones están avaladas por el Proyecto Interreg III y patrocinadas por la

belgais  
centro para o estudo das artes



Dirección General de Desarrollo Regional; Dirección General de Fondos Comunitarios y Financiación Territorial del Ministerio de Hacienda, FEDER: Fondo Europeo de Desarrollo Regional, Câmara Municipal de Castelo Branco; Fundación Germán Sánchez Ruipérez y Belgais: Centro para Estudio de las Artes.

Si este curso pasado se han beneficiado un grupo de niños hispano portugueses, y dentro de las actividades han participado el joven pintor peñarandino José Raúl Casas, que ha expuesto sus cuadros en

Castelo Branco, el Encuentro de Folk Hispano Portugués, cerró con broche de oro los actos de este verano, participando "Los Cuatro Caños" de Peñaranda y el Grupo de Danzas de la ciudad de Castelo Branco.

Nuestra enhorabuena para ambas fundaciones que logran de esta manera crear un oasis en este ya menos desierto entre ambos estados de la Unión Europea.

*\* Jornalista. Escritor.*



Salamanca - Igreja da Companhia.

## Imprensa

### “Jornadas de história da medicina”



Tiveram lugar, em Castelo Branco, as XIV Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior da pré-história ao séc. XXI”. Os trabalhos realizaram-se na Biblioteca da Escola Secundária Nuno Álvares, instituição que está a celebrar o 150.º aniversário de vida académica e pedagógica, tendo o programa incluído a apresentação de 16 diferentes comunicações. A conferência inaugural, muito aplaudida, que esteve a cargo do antigo aluno desta instituição de ensino, o Prof. Ferraz de Oliveira, da Universidade Nova de Lisboa, teve por título “A evolução do homem e a arte de curar”. Cinco das restantes comunicações foram dedicadas ao estudo de aspectos da vida e da obra de Amato Lusitano, sendo seus autores, Alfredo Rasteiro, Rui Pita, Romero Gandra, Adelaide Salvado e Morgado Pereira. Os outros trabalhos versaram temas da história médico-cultural da Beira Interior, com a participação, entre outros, de Antonieta Garcia, com o tema “Tradição religiosa e razões médicas - a circuncisão”, António Lourenço Marques que falou sobre “A assistência aos moribundos no início do século XIX à

luz de um texto religioso da época”, Maria de Lurdes Costa Barata que apresentou “Um apontamento sobre o corpo e o sagrado - a propósito de um conto de Miguel Torga” e Ribeiro Farinha que fez uma comunicação intitulada “Arquivos da memória: a religiosidade nas aldeias - festas e romarias”. “A farmacopeia numa farmácia do Fundão no primeiro quartel do século XX”, por Albano Mendes de Matos e a evocação do dr. Alfredo Mendes Gil, por Joaquim Candeias da Silva, foram outras intervenções muito apreciadas. No encerramento dos trabalhos, José Santolaya falou sobre “Salamanca 2002 e a Beira”. Entretanto foi divulgado o 16.º número dos cadernos de cultura “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XXI”, de que é director o Dr. Lourenço Marques e editor o Dr. António Salvado e onde se publicam, entre outros artigos sobre o acontecimento, 14 títulos relacionados com as comunicações das jornadas do ano anterior.

Paralelamente, e dentro do mesmo acontecimento, que contou com o apoio da Câmara Municipal e do

Instituto Politécnico de Castelo Branco, foi inaugurada a exposição “A biblioteca do Dr. J. A. Morão”, impressionante colecção de livros de medicina e de cultura do séc. XVIII e XIX oferecidos pelo influente médico albacastrense, ao antigo Liceu Nuno Álvares. Outra exposição notável, aberta ao público, foi dedicada ao tema “O Colégio de S. Fiel e a Ciência”, também organizada a partir do riquíssimo património bibliográfico e académico existente neste Liceu, com proveniência daquele colégio que existiu no Lourçal do Campo. “14 Anos de Jornadas de História da Medicina” foi a terceira exposição inaugurada, com a apresentação de um acervo documental impressionante, bem revelador da riqueza que estas jornadas representam no panorama cultural da nossa região”.

In: *Jornal do Fundão*, 15-11-2003

*Cadernos de Cultura*  
**MEDICINA NA BEIRA INTERIOR**  
**-DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI**

**XIV Jornadas de Estudo**

1 – A religião na obra de Amato Lusitano;  
2 – Influências da religião na medicina da Beira Interior;  
3 - As relações médico- culturais entre Salamanca e a Beira Interior;  
4 - Outros temas com interesse para a história da medicina.



O cérebro do homem,  
segundo Robert Fludd (1574-1637)

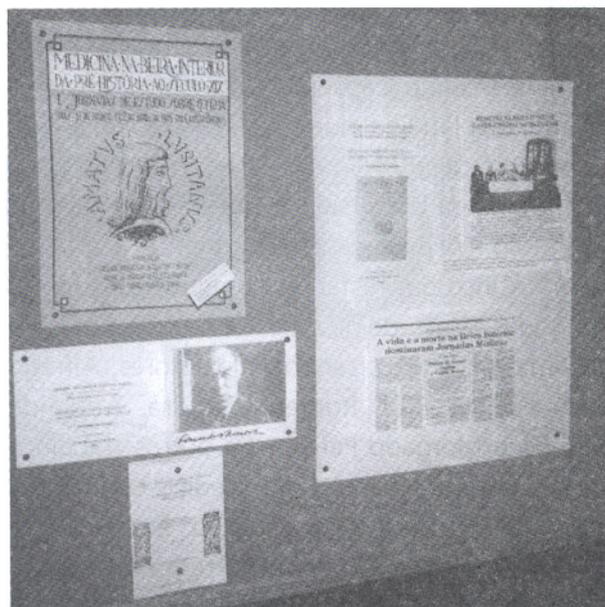
Escola Secundária Nuno Álvares  
Castelo Branco  
8 e 9 de Novembro de 2002



Visita à exposição “O Colégio de S. Fiel e a Ciência”.



Visita à exposição “O Colégio de S. Fiel e a Ciência”.



Memória das primeiras Jornadas da História da Medicina -  
Exposição “14 anos de Jornadas da História da Medicina

XIV Jornadas de Estudo "Medicina na Beira Interior  
-da Pré-História ao Séc. XXI"

A Biblioteca do Dr. José António Morão  
(Fundo da Escola Secundária de Nuno Álvares)



Exposição Bibliográfica

CATÁLOGO

THOMÆ  
**SYDENHAM**  
MEDICI DOCTORIS,  
Ac Præfici Londinensis celeberrimi,  
**OPERA MEDICA;**

*IN HAC NOVISSIMA EDITIONE*

VARIIS VARIORUM PRÆSTANTISSIMORUM MEDICORUM OBSERVATIONIBUS  
ET PLURIMARUM CONSTITUTIONUM EPIDEMICARUM RECENTIORUM  
DESCRIPTIONE QUAM MAXIME ILLUSTRATA:

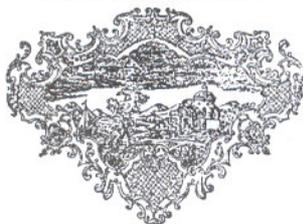
Imo & Mechanica tum Morborum, tum Medicamentorum a JOHANNI-BAPTISTA  
MAZINO; necnon COCLESTENI COCCHI, & BARTHOLOMÆO  
BOISSEYTI Tractatibus Medicis rursus aucta,

UNA CUM ELENCHIS RERUM.

*Atque alphabetico rerum, et verborum totius Operis Indice copiosissimo  
nunc recens confectio,*

AD CEDIT IN FINE

LOCUPLETISSIMUM SUPPLEMENTUM PLURES NUNQUAM ANTEA EDITIS DOCTISSIMORUM  
MEDICORUM TRACTATUS COMPLECTENS.



VENETIIS,

MDCCLXII.

EX TYPOGRAPHIA REICHELINIANA  
SUPERIORUM PERMISSU

S. A. D. TISSOT  
MEDICIN. DOCTORIS  
**DISSERTATIO**

DE

FEBRIBUS BILIOSIS;

SEU

**HISTORIA**  
EPIDEMICÆ BILIOSÆ

LAUSANNENSIS, AN. MDCCLV.

ACCEDIT

TENTAMEN DE MORBIS

EX MANUSTUPRATIONE.

Appello veritatem ipsamque naturam Medicorum  
Numina in perpetuum colenda. BENNET.



VENETIIS, MDCCLXIX.

APUD BERTELLA ET PERLINI.  
SUPERIORUM PERMISSU.

## XIII Jornadas de Estudo

### Conclusões

As conclusões a que chegaram os participantes nas XIV Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - Da Pré-história ao Século XXI”, após a apresentação das comunicações e a discussão calorosa por elas levantada, foram as seguintes:



1. Ficou claro que o propósito estabelecido a partir das primeiras Jornadas, realizadas em 1989, no que se refere ao respeito e ao estímulo da interdisciplinaridade, relativamente aos trabalhos apresentados, voltou a verificar-se plenamente. Desta forma, foram apresentadas 16 comunicações originais, apresentadas por autores pertencentes a várias áreas das Ciências Humanas, enquadradas na seguinte temática: 1 - A religião na obra de Amato Lusitano; 2 - Influências da religião na medicina da Beira Interior, 3 - As relações

médico-culturais entre Salamanca e a Beira Interior, 4 - Outros temas com interesse para a história da medicina.

2. Reafirmou-se, tal como vem sendo insistentemente declarado, todos os anos, pelos presentes, a necessidade de as obras dos autores médicos da Beira Interior, escritas originalmente em Latim, serem vertidas para português, de modo a possibilitarem o desenvolvimento da pesquisa multi e interdisciplinar, a exemplo do que se tem verificado com as *Centúrias*

*de Curas Medicinai*s de Amato Lusitano, caso notável de fecundidade à luz de tal perspectiva.

3. No que diz respeito a este autor, referência primeira das Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - Da Pré-história ao Século XXI”, ficou expressa a intenção de se organizar a sua já vastíssima bibliografia completa e a publicação fac-similada do *In Dioscoridis Anazarbei*.

4. Tendo a prática da realização de actividades complementares à apresentação e discussão das comunicações, habitualmente integradas no Programa das Jornadas, grande interesse para aprofundar o conhecimento de variadíssimos aspectos da história

médico-cultural da Beira Interior, os participantes exortaram à sua continuidade, nas Jornadas futuras, devendo tal concretizar-se através de exposições temáticas, de *posters* ou outras apresentações de natureza multimédia.

5. As XV Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior da pré-história ao séc. XXI” foram marcadas para os dias 7 e 8 de Novembro de 2003, subordinadas à seguinte temática: 1. As disciplinas na obra de Amato Lusitano; 2. Os saberes da medicina na Beira Interior, da pré-história ao séc. XXI; As relações médico-culturais entre Salamanca e a Beira Interior, 4. Outros temas de interesse para a história da medicina.